UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus Rio Claro



Ribeiras de Vales

...E EXPERIMENTAÇÕES E GRAFIAS E ESPAÇOS E QUILOMBOLAS E...

Rio Claro - SP
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

DIEGO DE MATOS GONDIM

RIBEIRAS DE VALES
...e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e...

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka

Rio Claro - SP

2018

510.07 Gondim, Diego de Matos
G637r Ribeiras de Vales : ... e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e... / Diego de Matos Gondim. - Rio Claro, 2018
143 f. : il., figs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Roger Miarka

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Lugar - Espaço - Tempo. 3. Educação matemática. 4. Etnomatemática. 5. Filosofia da diferença. 6. Vale do Ribeira. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP - Ana Paula Santulo C. de Medeiros / CRB 8/7336

DIEGO DE MATOS GONDIM

RIBEIRAS DE VALES
...e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e...

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

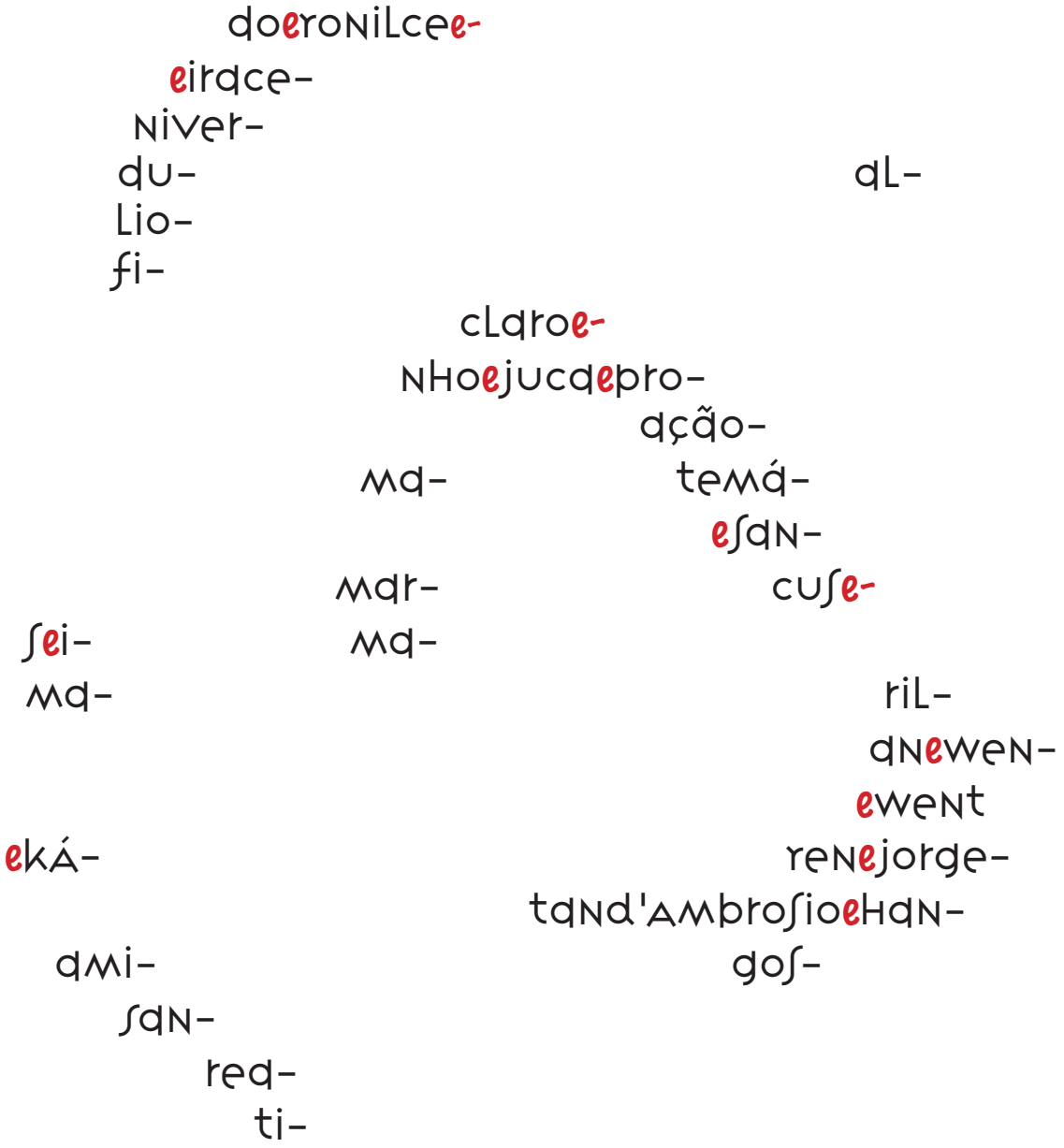
Prof. Dr. Roger Miarka (Orientador)
Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Clareto
Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Resultado:
Aprovado

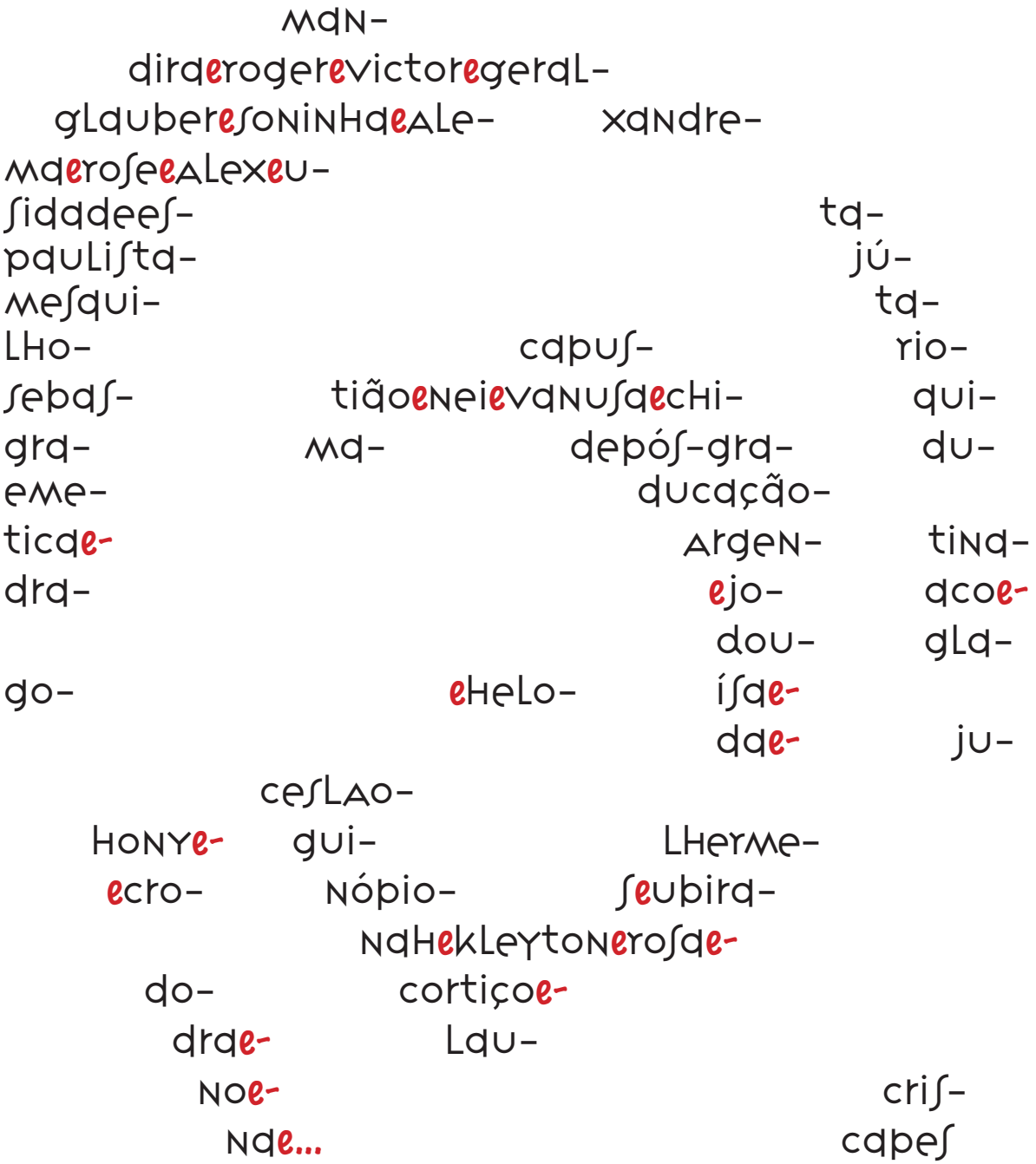
Rio Claro - SP

2018

Agra**DECI**mentos



NOMES SÃO, AQUI, APENAS
INTENSIDADES PURAS EM CONEXÃO


mqn-
diraerogereVictoregeraL-
glauberesoninHqeAle- xqndre-
mqeroseeALexeu-
sidqdees- tq-
pauLista- jú-
mesqui- tq-
LHo- caPus- rio-
sebas- tiãoeneieVqnusqecHi- qui-
grq- mq- depós-grq- du-
eme- ducação-
ticqe- Argen- tinq-
drq- ejo- qcoe-
dou- glq-
go- eHeLo- ísqe-
dqe- ju-
ceSLAo-
HonYe- gui- LHerme-
ecro- nópio- seubirq-
nqHekLeytoneroSqe-
do- cortiço-
drqe- Lqu-
noe- criS-
nqe... caPeS

"E.... E... E..."; RASTROS

vertigens

Este resumo quer fazer-se uma entrada vertiginosa no acaso de um espaço com experimentações de uma comunidade quilombola. Com fotografias e borrões e traços e..., produz-se uma escrita roubada e que rouba - corrompendo as binariedades epistemológicas fazendo-se uma multiplicidade n-1. Grafias de um acaso e uma eventualidade - um transbordamento de gesto-grafias e geneografias e geo-grafias e topografias - ovos-do-tempo e ovos-do-espaço. Entrar em cantos e encantos... esquinar cantos afirmando uma potência de vidas marginais; com mapas e categorias e gestos e gentes - uma pEsquiza afirmando uma multiplicidade de trajetórias dissidentes, uma coetaneidade de afetos que criam passagens com corpo. Agenciando-se com câmeras e mar e rios e ostra e mangue e marés e escola e quilombo e conversas e fotografias - um aprender com um acaso e com uma eventualidade do espaço; do lugar como aqui e agora. Um pensar com corpo como um pensar com espaço; um saber-com-corpo como um saber-com-espaço. Inventar com acasos vertiginosos uma apalpagrafia - uma expressão de espaço-tempo "di menor", "por baixo" - expressão vespa e expressão cão e expressão flor e expressão sapo e expressão prática. Um espaço espaço-tempo-lugar coetâneo às práticas que "aqui" e "agora" funcionam.

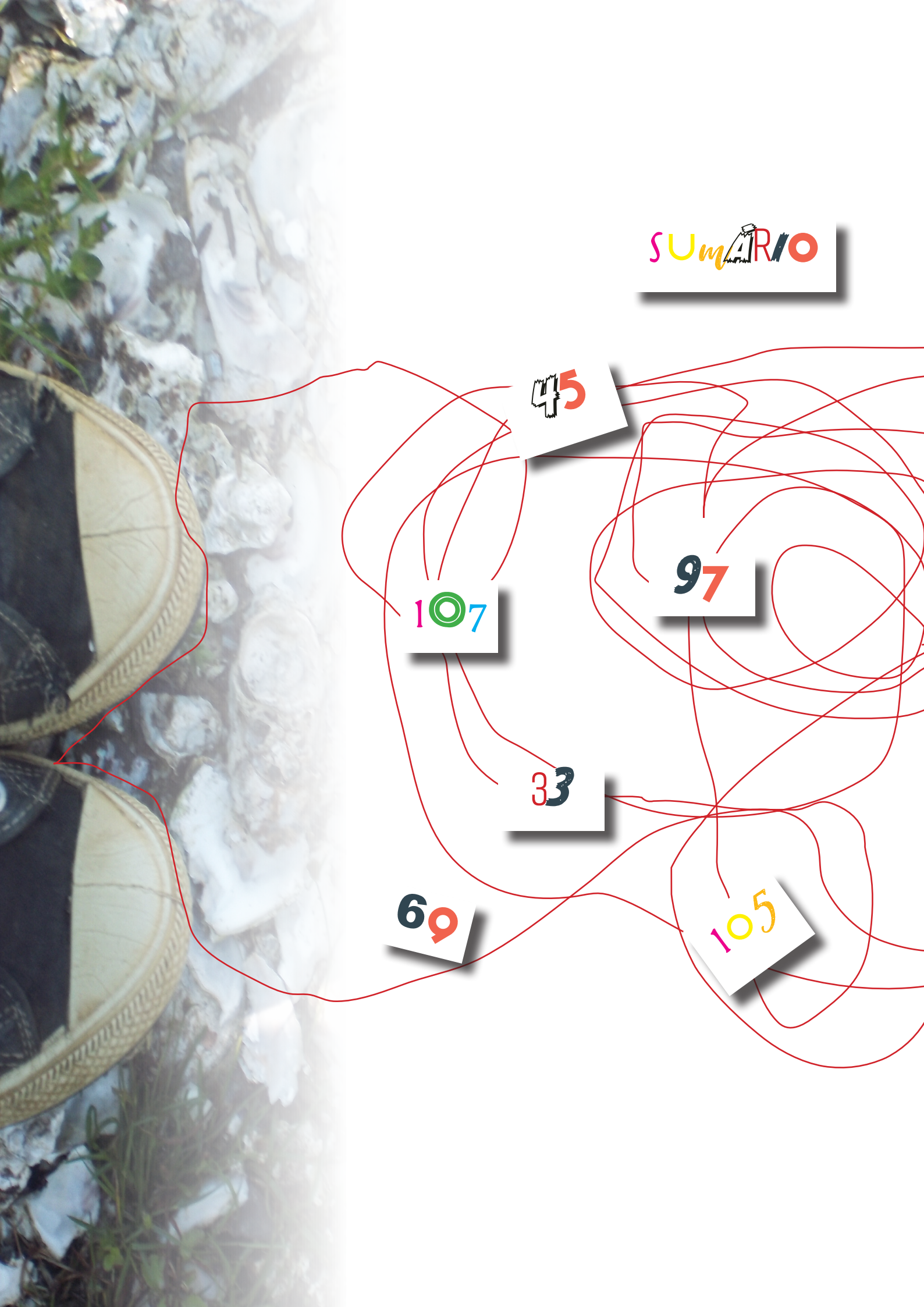
RASTROS



This abstract wants to make a vertiginous entrance in the chance of a space with experiments of a quilombola community. With photographs and smudges and traces and ..., a stolen and stealing script is produced - corrupting the epistemological binarities by becoming an n-1 multiplicity. Spellings of chance and an eventuality - an overflow of gestures-spellings and geneographies and geographies and topographies-eggs of the time and eggs of the space. Entering songs and charms ... cornering songs affirming a power of marginal lives; with maps and categories and gestures and people - a plot stating a multiplicity of dissident trajectories, a coetaneity of affections that create passages with body. Agenciando with cameras and sea and rivers and oyster and mangrove and tides and school and quilombo and conversations and photographs - one to learn with a chance and with an eventuality of the space; of the place as here and now. A thinking with body as a thinking with space; a knowing-with-body as a knowing-with-space. Invent with vertiginous chance an "apalpagrafia" - an expression of space-time "di menor", "beneath" - expression wasp and expression dog and flower expression and expression frog and practical expression. A space-time-place contemporary with the practices that "here and now" work.

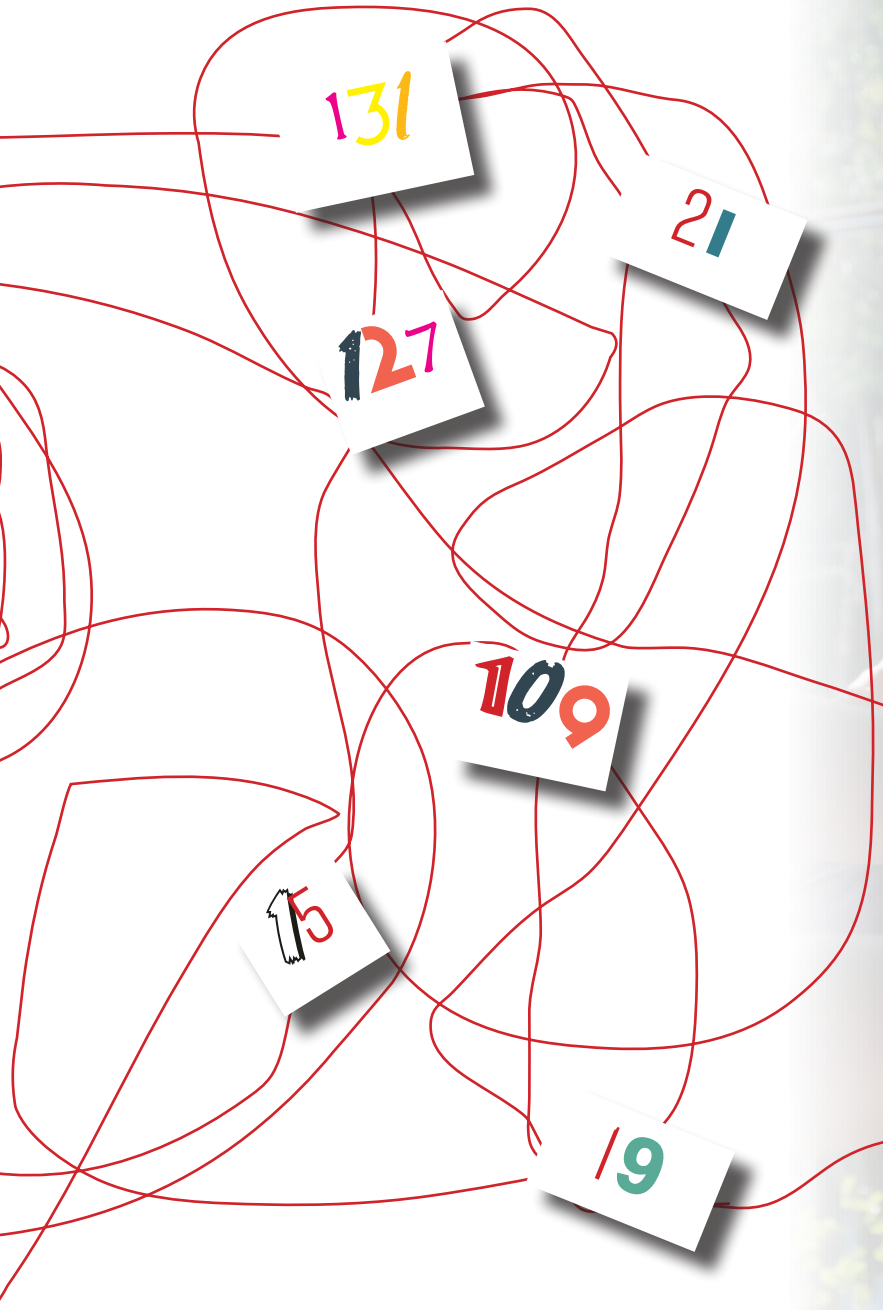
Mathematics Education. Ethnomathematics. Philosophy of Difference. Vale do Ribeira.

trails


SUMÁRIO
45
97
107
33
69
105

pensamento

com



PENSAMENTO
COM
13
133
120
12
51
93

SUMÁRIO

... O futuro que estamos aqui inaugurando é uma linha metálica. É alguma coisa que de propósito é destruída. De tudo o que vivemos só ficará esta linha. Ela é o resultado do cálculo matemático da insegurança: quanto mais depurada, menos risco ela ocorrerá, a linha metálica não corre risco da linha de carne. Só a linha metálica não dará aos abutres do que comer. A nossa linha metálica não tem possibilidade de putrefação. É uma linha que se garante eterna. Nós, os que aqui estamos no momento, a iniciamos com o propósito de que seja eterna. Queremos uma linha metálica porque do princípio ao fim ela é do mesmo metal. Não sabemos com muita certeza se essa linha será forte bastante para salvar, mas é forte para durar. Para durar por si só, como criação nossa. Ainda não se apurou se a linha vergará ao peso da primeira alma que nela se pendure, como sobre os abismos do Inferno.

Como é essa linha? Ela é escorregadia e cilíndrica. E assim como o fio do cabelo, embora tão fino, tem dentro de si lugar para ser oco – assim essa nossa linha é vazia. Ela é deserta por dentro. Mas nós, que aqui estamos, temos um gosto e uma nostalgia pelo deserto como se já tivéssemos sido desapontados pelo sangue. Nós a deixaremos oca para que o futuro a encha. Nós que, por vitalidade, poderíamos tê-la enchido conosco, nós nos abstemos. Assim vós sereis a nossa sobrevivência, mas sem nós: esta nossa missão é missão suicida. Linha metálica eterna, produto de nós todos que aqui estamos neste momento, essa linha metálica eterna é o nosso crime contra hoje e também nosso mais puro esforço. Nós a lançamos no espaço, lançamo-la de nosso cordão umbilical, e o arremesso é para a eternidade. A intenção oculta é que, ao arremessá-la, também o nosso corpo seja arrancado do chão de hoje e se arremesse para o espaço. Esta é a nossa esperança, esta é nossa paciência. Este é o nosso cálculo de eternidade. A missão é suicida: nós nos voluntariamos para o futuro. Somos homens de negócio que precisam de dinheiro, mas da própria posteridade. O que temos tirado para nós mesmos do presente não tem de forma alguma desgastado a eternidade. Temos amado, mas isso não desgasta o futuro, pois temos amado exclusivamente à moda de hoje, o que um dia será apenas carne para os abutres; também temos comido pão com manteiga, o que também não rouba do futuro, pois pão com manteiga é apenas o nosso singelo prazer filial; e no Natal temos nos reunido à família. Mas nada disso prejudica a linha eterna, que é o nosso verdadeiro negócio. Somos os artistas do negócio e fazemos o sacrifício como barganha: nosso sacrifício é o mais rendoso investimento. De vez em quanto, também sem desgaste da eternidade, nós nos damos à paixão. Mas isso podemos tranquilamente tirar do presente para nós mesmos, pois futuramente seremos apenas os mortos antigos dos outros. Não faremos como os nossos próprios mortos antigos que nos deixaram, em herança e peso, a carne e a alma, e ambas inacabadas. Nós, não. Derrotados por séculos de paixão, derrotados por um amor que tem sido inútil, derrotados por uma honestidade que não tem dado frutos – nós investimos na honestidade como sendo mais rendosa e criamos a linha do mais sincero metal. Legaremos um duro e sólido arcabouço que contém o vazio. Como no oco estreito de um fio de cabelo, para os que vêm será árduo entrar dentro da linha metálica. Nós, que a agora inauguramos, sabemos que entrar na nossa linha metálica será a porta estreita dos que vêm.

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO

Quanto a nós mesmos, assim como nossos filhos nos estranham, a linha metálica eterna nos estranhará e terá vergonha de nós, que a construímos. Estamos porém cientes de que se trata de missão suicida de sobrevivência. Nós, os artistas do grande negócio, sabemos que a obra de arte não nos entende. E que viver é missão suicida.[1]

1 Textos roubados de Lispector (2016, p. 383-385).

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO



https://www.youtube.com/watch?v=btzhuadrm28&feature=youtu.be


O SAPO VOOU PARA A ÁGUA, PEGA, PEGA...

Escritas [redacted]
como escreveram esta dissertação

[redacted]***Ficou*** durante longos meses sem saber o que [redacted] ***escrever***. Começou a tomar notas dispersas, em folhas soltas, ***de pedaços de vídeos, recortes de áudios, rascunhos de aulas, relatos do campo, leituras de livros, post-it literários pregados na parede, memórias do canto, imagens, fotografias,*** [redacted] tiras ***de um plano de imanência*** [redacted], e a reuni-las em uma [redacted] ***pasta eletrônica***. Um dia, ocorreu-lhe buscar algum elo entre aqueles escritos, ***pois*** [redacted] ***precisava escrever*** [redacted] ***uma dissertação***. [redacted] ***Ribeiras de vales é*** marcada pela fragmentação, pelos impulsos e pela fluidez. Como as águas-vivas ***do Mandira***, [redacted] que habitam os mares, formas livres e mutantes, também [redacted] ***sua dissertação*** pode ser lida de várias maneiras e em várias direções.

A escrita de [redacted] ***sua dissertação*** tem uma estratégia aleatória, [redacted] ela a***(o)*** deixa nas mãos do acaso. Só através do contato com o acaso [redacted] ***(a)o leitor(a)*** (um***(a)*** escritor***(a)***) pode, de fato, acariciar a face [redacted] ***das gentes de um quilombo que ela insiste cartografar***.[1]

Ela é um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo [redacted] ***no quilombo do Mandira*** como forma de experiência. [redacted] A escrita circula [redacted] por toda parte, sem saber a quem deve ou não falar, [redacted] ***Ela*** destrói [redacted] fundamento***s*** legítimo***s*** da circulação [redacted] ***dos modos de escrever na academia***, da relação entre os efeitos da palavra e as posições dos corpos no espaço comum: ***ribeiras de vales***.[2]

Misturada[redacted] aos restos do [redacted] campo, igualmente fragmentados, igualmente absurdos, flutua[redacted]m fragmentos de [redacted] ***vidas***, memórias partidas, eus degradados, línguas pátrias cortadas, privacidades violadas, piadas intraduzíveis, futuros extintos, [redacted] sentidos esquecidos de palavras ocas e sonoras, [redacted] ***espaço e tempo e corpo.***

[redacted] ***Naquele*** [redacted] lugar, naquele campo [redacted]

1 Textos borrados e corrompidos de Lispector (2013, p. 185-186).

2 Textos borrados e corrompidos de Rancière (2009, p. 16).

e cantos de ribeiras de vales, imperceptível, que o século tornou possível, e que, desde então, tornou o século possível, transformando-se numa de suas locações definidoras ***- o Vale do Ribeira -***, campo de movimento***s*** [redacted], redutor [redacted] ***de identidades*** e vácuo de poder, ***produtor de alteridades***, mais insegura e transitória das zonas, ilusória, descontínua, metamórfica, ***partilhas do sensível acontecem***. [redacted][3]

[redacted] ***Sua*** dissertação não tem objeto nem sujeito; é feita de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. [redacted] ***Atribuir a ela*** um sujeito, ***é*** negligenciar [redacted] este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Fabrica-se [redacted] ***com os*** movimentos [redacted] ***das gentes de ribeiras de vales uma geneografia***. [redacted] ***Nela***, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. [redacted] Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. [redacted] ***Sua dissertação*** é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. ***Por que preservam o nome se ela*** é uma multiplicidade***?*** ***Por hábito?! Talvez, pois*** [redacted] não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando [redacted] ***ela*** deixa de ser atribuída[redacted], quer dizer, quando é elevada[redacted] a[redacted] estado***s*** [redacted] ***éticos e estéticos e políticos e...***

[redacted] ***O*** agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem ***dela (a dissertação)*** [redacted], sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante, ou bem uma determinação ***de mestre*** atribuível a um sujeito ***- Diego de Matos Gondim -***, mas [redacted] não é menos direcionada[redacted] para [redacted] ***cantos de ribeiras de vales***, que não para de desfazer o or-

3 Textos borrados e corrompidos de um pequeno regalo a um leão em Rushdie (2008, p. 11-12).

ganismo, de fazer passar e circular partículas assignificantes, intensidades puras, e não para de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome (***Gondim e Mandira)*** como rastro de uma intensidade. [redacted] ***Quais são as gentes de sua dissertação?*** Há [redacted] ***várias***, segundo a natureza das linhas consideradas, segundo seu teor ou sua densidade própria, segundo sua possibilidade de convergência sobre um "plano de consistência" que lhe assegura a seleção. [redacted]. ***Aqui o que vale é o transbordamento da escrita. Como transbordar a escrita das gentes, dos cantos, das esquinas e dos cantos esquinados? Algo se pode dizer: em sua dissertação,*** não há diferença entre aquilo de que [redacted] ***ela*** fala e a maneira como é feita[redacted]. ***Ela*** [redacted] tampouco tem objeto. Considerada[redacted] como agenciamento, [redacted] ***ela*** está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com ***outras gentes*** [redacted]. Não se perguntará nunca [redacted] ***o que ela*** quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender [redacted] ***em sua*** dissertação, perguntar-se-á com o que ela funciona, em conexão com o que ela faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ela se introduz e metamorfoseia a sua, com que [redacted] ***gentes ela*** faz convergir [redacted] ***a suas***. [redacted] ***Sua*** dissertação existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo [redacted] ***ela própria*** uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina [redacted] entretém com uma máquina [redacted] ***de gentes***, uma máquina [redacted] ***de cantos***, uma máquina [redacted] ***de ovos-de-tempo e ovos-de-espaço*** etc. - e com uma máquina abstrata que as arrasta***?*** [redacted] ***Foi*** criticad***a***[redacted] por invocar muito frequentemente literatos***, vídeos, poesias, fotografias, vozes, sussurros, silêncios, gentes de ribeiras de vales***. Mas a única questão, [redacted], ***ao buscar elos entre os escritos***, é saber com que outra máquina a máquina [redacted] ***de gentes*** pode estar ligada[redacted] para funcionar. [redacted] (E se deviéssemos [redacted] ***expressões de gentes*** [redacted] ***com as ribeiras de vales***[redacted]

?). *Ribeiras de vales* *extrapolam qualquer prisão ideológica, podendo operar como agenciamentos que se lançam ao mundo*.

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade ***de ribeiras de vales***, linhas, estratos e segmentaridades de ***práticas culturais***, linhas de fuga e intensidades, ***metodologias de um "peraí"; mundos criados pelo "pega... pega... pega..."***; agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, ***gentes*** e sua***s*** construç***ões***, sua***s*** seleç***ões***, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. ***As partilhas do sensível, as gêneses que compõem uma geneografia, as apalpagrafias, as gentes que constituem um espaço e um tempo de experiências fluidas e erráticas e metamórficas e fragmentadas e...***

não formam uma quantificação da escrita, mas a define como sendo (sempre) a potência do tranbordamento de algo. Ela nada tem a ver com significar, mas com cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir[4], ***pois*** há que se tomar em conta que alguém que escreve é um catalizador de vozes dispersas, que, ao invés de ordená-las, aplastá-las, deseja experimentá-las em sua mais absoluta potência díspar, sabendo muito bem que não vai reger um coro harmonioso, composto de vozes afinadas e límpidas, mas que mergulhou de cabeça numa algazarra de vozes em palpitante conversação com o mundo.[5]

Infelizmente, não tenho quem me apresente. Estou aqui de passagem. Sou um hóspede nesta folha. Mas digo-te, não esperes, pois, encontrar ***nesta*** ***dissertação*** coisas transcendentais. A profundidade assusta ***as gentes*** e é muito provável que te assuste também a ti, leitor amigo. Fiquemos calmamente à superfície ***de ribeiras de vales***.[6]

4 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2011, p. 17-18).

5 Textos borrados e corrompidos de Preciosa (2010, p. 88)

6 Textos borrados e corrompidos de Ramos (2005, p. 70-73).



partilha do sensível

pretexto

Com a câmera nas mãos, inventam-se mundos. Correm escorrendo-se de si mesmos, produzindo *outros*. As dificuldades de materializar e matematizar na escrita as *gentes* que povoam os cantos arrebatam as formas e as lançam em um lugar-outro, o das a-significâncias. No encontro com imagens, uma escrita de uma dissertação produz-se *com* cantos, produz pensamento com imagens e imagens com pensamento. Um discurso de inauguração de mundos, de vales, de cantos que, como lugar, é (sempre) uma eventualidade. Um exercício de grafar um espaço de trajetórias com uma experiência de *esquinar cantos,* produzir um lugar-espaço-tempo. Que problemas uma experiência de um lugar-espaço-tempo colocam para uma dissertação em Educação Matemática? Como a-centrar as significâncias e produzir a-significâncias? Os cantos escapam em seus sentidos espaciais e musicais e matemáticos e geográficos e... produzindo uma *geografia dos afetos*, um grafar um espaço e um tempo. É aberto uma composição das ribeiras de vales, dos cantos, contos e encantos; gentes.

Enquanto, por um lado, é possível maquinar uma história do quilombo, os encontros produzem *apalpagrafias* crianceiras que convidam a pensar com imagens (foto-grafias) de um quilombo a-significado, onde um espaço e um tempo se inauguram *na relação da imagem com o movimento, na maneira pela qual a imagem se prolonga em movimento...*[1]. Os espaços perdem seus sentidos narrativos que constituem a história, pois *já não é o mesmo tipo de espaço: o espaço, tendo perdido suas conexões ~~motoras~~* **[históricas]**, *torna-se um espaço desconectado ou esvaziado*[2]. Que conexões fazem um espaço desconectado, esvaziado?

No esvaziamento das conexões históricas de um espaço, as montagens com imagens não desaparecem, mas mudam os sentidos na materialização do efêmero, fazendo-se "*mostragem*" como produção de um tempo espacializado, uma *topocronologia* de signos de ribeiras de vales.[3]

Que problemas o voo de um sapo para a água coloca em uma pesquisa de Educação Matemática e Etnomatemática? *Pega.... Pega... Pega... O sapo voou para a água*. Como operar com voos de sapos? O sapo que voa para a água inaugura um mundo do "pega... pega... pega..." onde tudo escapa e coloca um problema: *calcular velocidade, tempo e espaço do voo do sapo?!* Esse mundo não calcula para pegar. O mundo "pega… pega… pega…" (apenas) nos convida a estranhar "o" lugar das métricas para pensar "um" lugar do movimento, da eventualidade, do acaso, um espaço esvaziado e um tempo efêmero, onde tudo escapa. "Pega... pega... pega...", pegou?!

---

1 Texto roubado de Deleuze (2012, p. 57).

2 Texto borrado e corrompido de Deleuze (2013, p. 71)

3 Operar roubo em Deleuze (2013, p. 72).



Gêneses
Geneografias

O "princípio" do Mandira e das gentes

1 O Mandira é um quilombo.
2 Costumo dizer que é um quilombo diferente de todos os quilombos do Brasil.
3 As comunidades quilombolas são fundadas pelos negros que fugiram das fazendas e iam para os lugares distantes; geralmente beira de rio.
4 A maior localização das comunidades está em beira de rio, porque é estratégico para que as pessoas não fossem capturadas quando fugiam.
5 O Mandira era uma fazenda de produção de arroz do século XVII e XVIII; no Mandira produzia arroz[1]
6 Temos uma ruína que, naquela época, era usada para produzir arroz.
7 O dono da fazenda se chamava Antônio Florenço de Andrade; teve três filhos, dois homens e uma mulher.
8 Teve um filho com uma escrava.
9 Dos dois homens, um era político em Cananeia e o outro morreu com 16 anos.
10 Ficou aqui sua filha, Celestrina Benício de Andrade, e o filho que ele teve com a escrava, Francisco Vicente.
11 Celestrina doou a terra do Mandira para este seu irmão, em 1868, antes da Lei Áurea[2]
12 Quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, o negro do Mandira já era liberto, pois tinha recebido a terra como herança.

2 Francisco casou-se e teve vários filhos; uns foram embora para o Paraná e outros para o interior de São Paulo.
2 No Mandira ficaram dois filhos de Francisco, um chamado João e outro chamado Antônio.
3 Naquela época, os coronéis do Brasil possuíam grande proporção de terra.
4 Aqui tinha um coronel chamado Coronel Cabral, grileiro; ele tinha toda esta área, desde o Itapitangui até Guatiçaba (já é Paraná).
5 O filho de Francisco, João, ia para Santos-SP brigar pelas terras do Mandira.
6 Naquela época, não existia estrada; as canoas eram sem motor, com remo ou vela improvisada. Então, Francisco ia remando até Iguape ou, muitas vezes, ele ia até Cananeia, passava por Ilha Comprida, ia a pé pela praia até Iguape, lá ele pegava um barco a vapor e ia até Santos-SP.
7 Nestas idas e vindas, João ganhou a questão do Coronel e registrou o título da terra em 1912, em nome dele – João Vicente Mandira[3]
8 João se tornou conhecido na região como o advogado dos pobres.

1 O Vale do Ribeira era um grande produtor de arroz e, naquela época, o Iguape era a cidade mais rica no estado de São Paulo porque produzia arroz.

2 Naquela época, a exploração de ouro já era conhecida mundialmente e, segundo nosso pessoal, Celestina foi para Minas Gerais.

3 Hoje, no século XXI – não precisa ser negro não – pobre brigar por terra é muito difícil de ele ganhar a questão, nós sabemos; imagine naquela época, um negro ganhar uma questão dos coronéis...

A separação dos dois irmãos

3 João era um negro super inteligente, muito inteligente.
2 Ele aprendeu a ler e a escrever em casa.
3 Naquela época não tinha escola; Celestrina sabia ler (porque era branca) e ensinou o Francisco que ensinou seus filhos.
4 Por sair defendendo terras aqui, ficou muito conhecido.
5 Há relatos que ele defendeu terras de grileiros até no Paraná.
6 Eram dois irmãos, João e Antônio.
7 O irmão dele – Antônio – era um cara muito péssimo[4]
8 João era um homem pacífico e evitava qualquer tipo de briga com seu irmão.
9 Para evitar qualquer tipo de confusão, eles dividiram as terras entre si.
10 Não foi dividido com documento, pois naquela época era ao fio do bigode.
11 Então foi dividido, você fica para lá e eu fico para cá.

4 No tempo do meu avô, era um terreno só, foi dividido entre eles lá – entre os irmãos João Mandira e Antônio Mandira.
2 Por problema de questão de família, eles dividiram.
3 O João Mandira ficou com a família para cá na beira e o Antônio Mandira ficou com a família lá pra cima.
4 Por isto foi dividido; agora são dois terrenos – o Mandira e o Salto do Mandira – mas era um terreno só.
5 Salto do Mandira porque salta o morro.

4 Péssimo no sentido de ser um cara ruim.

O Jardim do Éden invade o Mandira

5 Aqui o pessoal sobrevivia da roça de subsistência, conhecida hoje como agricultura familiar.
2 O governo do Estado de São Paulo criou, aqui, várias unidades de conservação, como Ilha do Cardoso, Petar, Jureia etc.
3 Criou em Cananeia o Parque de Jacupiranga[5].
4 São vários municípios que estão dentro deste parque.
5 O parque pegou metade do quilombo do Mandira; o sítio do Mandira ficou dentro do parque.
6 O sítio do Mandira é bastante grande, são 1200 alqueires paulistas, mais de 3000 hectares de terra.
7 Criou as leis do governo: não podia tirar mais o palmito, não podia caçar, e a caxeta também foi proibida.
8 Naquela época, década de 50 e 60, a caxeta era muito usada para lápis, além de ser usada para fazer viola e rabeca. O pouco que estudei, quando estudei, os lápis eram de caxeta.
9 O parque foi criado em 1968 e, a partir daí, começaram a proibir a população de trabalhar dentro destas áreas de proteção do governo.
10 As décadas de 70 e 80 foram as épocas em que o pessoal mais venderam suas propriedades e foram para as periferias das cidades.
11 Venderam 90% do território, e quem não vendeu ficou com 50 alqueires; foi terrível.
12 O nosso povo, por não poder mais fazer sua roça resolveu vender, pois tudo foi proibido.
13 O governo dizia que a população que invadiu o parque e não o parque que invadiu a população, mas se tem

5 O parque do Jacupiranga pegou desde Cananeia até Iporanga.

natureza, água limpa, mato, bichos etc. é porque alguém cuidou disto, não foi o governo.
14 A maneira de caçar faz parte da cultura, melhor, fazia parte da cultura dos tradicionais e dos caiçaras.
15 Costumo dizer: o governo, não satisfeito de pegar as terras dos tradicionais, ainda criou a polícia florestal; proibindo tudo de tudo.
16 Dos policiais, havia um que dizia para nosso pai que não podíamos mais ficar lá, pois, se nós ficássemos lá, não poderíamos cortar nem um pé de árvore para nós reformar nossa casa, esta é uma coisa que até hoje não entendi.
17 Fomos obrigados a vir morar aqui, onde está este espaço hoje.
18 Mudamos nossas atividades, pois lá trabalhávamos com agricultura e, aqui, fomos para a pesca; no caso com ostra.
19 Nossas casas eram feitas de pau a pique; hoje, graças a Deus, são de alvenaria.
20 Nestas casas, a cada 10 ou 15 anos é necessário dar uma reformada, pois são feitas de madeira, cercada de palha; imagina se continuássemos lá e não pudéssemos reformar nossas casas?
21 Têm muitas coisas que faziam parte de nossa cultura que hoje não fazem mais.

Negociando com mortos

6 Foi vendido antes de ser parque; não sei bem explicar como foi vendido.
2 Uma venda que foi, para nós, para mim, falando a verdade, um tipo de traição.
3 A gente não queria, eu não queria, muitos não queriam; mas aí entrou gente lá e começaram... foi onde nasceu a venda do Mandira.
4 O cara que vendeu deixou uma parte para os outros.
5 Eles repartiram as terras que eram para nós ficarmos; não tinha condições de ficar, melhor, não tinha condições de eu ficar lá, pois não tinha nem onde fazer uma casa.
6 Quem vendeu lá foi um primo meu, Amâncio Mandira.
7 Essa venda do Mandira foi uma coisa muito complicada porque foi vendida no nome do João Vicente Mandira Filho[6]
8 O dono do Mandira era meu avô, João Vicente Mandira.
9 No entanto, quando foi feita a venda, ele já era falecido – os dois já eram falecidos.
10 A venda foi feita em nome do João Vicente Mandira Filho.
11 Fizeram certo de um bolo; entrou o pessoal de fora e colocou um monte de mosca na cabeça do povo.
12 Eu fiquei muito desanimado por causa desta venda; uns queriam, outros não queriam.
13 Muitos aceitaram, mas outros não aceitaram.
14 O pessoal de fora entraram e foi indo, até que tiraram o direito nosso.
15 Fiquei lá teimando, mas tinha aquele Magalhães (sempre ia lá a nossa casa); ele era muito chegado do finado Amâncio, então, eles começaram a pôr tareco em nossa cabeça: que ninguém ia poder mais trabalhar do ribeirão pra lá; aí comecei a pôr aquilo na cabeça.
16 Fomos obrigados a se retirar e só aqueles que estão lá que ficaram.
17 Muitos saíram, assim como eu saí[7].

6 Mas, quando foi feita essa venda, ele já era falecido, já era morto. João Antônio Mandira Filho era o pai do Amâncio Mandira.

7 Hoje sou o mais velho do Mandira, quando saí devia ser 1978.

Filhos destinados e o direito dividido

7 Eles moravam tudo lá na casa de pedra, para o outro lado não tinha ninguém, apenas o pai de Geni.
2 Quando foi comprado, queriam ficar aqui, mas foi feito um acordo, pois eles queriam ficar aqui.
3 O patrão, então, disse: não posso deixar que fiquem aqui porque é o meio, vocês tem que escolher, uma ponta lá ou outra para cá; no meio não pode.
4 Aí, o finado Cristino, que era o mais coisa... falou: não, então vamos ficar para cá todos nós.
5 Então foi cortado, para cada um, um pedaço de terra. Parece que era de 6 a 6 alqueires.
6 Pegaram um vão de poste e foram batendo na divisa para saber; cada vão de poste para uma família. Então, para quem não vendeu, ele deu tudo loteado.
7 Cada vão de poste para quem não vendeu, porque a maioria venderam.
8 Os que venderam foram quase todos morar aqui em Cajati, formar bananal. Pegavam o dinheiro aqui e foram para lá e construíram uma casinha para cada um deles, pra tocar bananal para eles mesmos.
9 A terra foi comprada na mão dos antigos, esses foram embora pra Curitiba ou mesmo para lugares perto daqui[8].
10 Eles quiseram vender; foi de livre vontade.
11 Não foi questão do parque ou por causa da polícia florestal, mas porque o pai deles morreu – o João Vicente – e eles ficaram destinados e não quiseram mais ficar aqui[9].
12 Os 6 alqueires foram cortados com direito e, como diz a história, era possível vender; agora não pode mais porque entrou...
13 Finado Cristino convivia lá em casa – eu era seu genro – então ele causou de falar que: depois que finado Jango[10] morreu, não sei o que deu na cabeça da gente que eles quiseram vender isto daqui e ir embora para Cajati.

8 De quem ele comprou, já não existe nenhum mais vivo; não tem mais ninguém vivo desta turma.

O fazendeiro e o morro de pedras

8 Quando me casei, eu ainda morava para lá, depois que me casei que vim para cá.
2 Daí foi vendido lá; foi vendido para o fazendeiro.
3 Já tinha o parque, mas a gente fazia a rocinha nossa.
4 Não tínhamos, assim, muito atrito com o parque – chamava atenção com o corte do palmito. Sempre dizia que não podíamos plantar, mas nós, mesmo assim, íamos e fazíamos nossa roça lá no meio do mato e plantava, não tinha tanto problema.
5 Tinha um policial florestal – que era o Magalhães[11] – mas ele não era tão triste para a comunidade.
6 A venda foi feita por uns tios que nós tínhamos.
7 Depois que o pai deles faleceu, quiseram vender o sítio e foram embora para Cajati.
8 Eles se juntaram, a maioria, e venderam a parte deles[12].
9 Na época, Finado Frederico, Ar-

9 Isto foi em 1970 pra 1978...

10 Chamava-se finado Jango, era João.

11 Foi um dos que ajudou na venda, juntou-se com Josuel – que era um advogado.

12 Naquela época, nós não dava nossa opinião porque éramos todos novos; o que o mais velho falava, era o que eles falavam.

naldo, Finado Cristino, Angico, Augusta, não quiseram vender.
10 Venderam a família que era do finado João Mandira: o Amâncio, o Lauro, o Carlos; estes uns.
11 Ficamos lá e, a partir daí, tivemos que escolher para mudar.
12 O fazendeiro falou que fazia o documento da terra e o dava pronto para a pessoa, para dar uma parte daquela terra.
13 Foi dado um pedaço desta terra e, ainda, ele pegou um pedaço da área de cada um para ele dar o documento da terra para nós[13].
14 Fomos jogados para cá; nossos pais, na época, aceitaram e viemos.
15 Daí ficou este pedaço; ali do porto da maré até depois do Zacarias, pertencia a nós.
16 Depois venderam o Arnaldo, o Ambrosio, a Elza; ficamos só com um pedacinho.
17 Ficamos vários tempos nesta luta, pois não dava para plantar porque a maioria é pedra e morro; só pedra.
18 Para baixo, ainda não é nosso, é dele, pois esta parte de baixo é tudo dele.
19 Ficamos só com este morro.
20 Não dava para plantar, pois para lá era dele e aqui é puro morro.
21 Ficamos nessa luta aí.
22 Foi indo, foi indo, que, graças a Deus, conseguimos trabalhar com a ostra.

Rupturas sentimentais

9 Não era o parque; desde que me conheço por gente, meus tios falavam que tinha a reserva florestal, que era do rio pra lá.
2 Do rio pra cá a gente podia fazer alguma coisa, mas, assim, fazer o mínimo.
3 Plantar uma roça, essas coisas, não podia fazer mais.
4 A vida lá era muito difícil; fazíamos um trabalho e nunca dava certo.
5 Quando conseguimos fazer alguma coisa – cortar caxeta, cortar palmito – veio o projeto do governo de montar essa equipe florestal.
6 Depois disto, a gente não podia roçar, não podia derrubar, não podia plantar, não podia fazer nada, para conservar as terras.
7 Nós morávamos para cá; na verdade, quem morava para cá, nesta época, era só meu tio, finado Cristino e meu avô. Cristino morou toda vida ali.
8 Todos os outros moravam para lá do rio.
9 Viemos morar para cá depois que venderam.
10 Meus tios, o resto, que ficaram com terra, vieram todos para cá, naquela questão pequena ali.
11 Dali para cá, acabou nosso vínculo mandirano, pois era muita gente – um foi para um lado, outro para outro.
12 Veio muita gente para aqui, Porto Cubatão.
13 O resto... o resto foi meu pai, finado meu tio, Cristino e Frederico (os velhos) – eles e as famílias.
14 Os outros todos se esfacelaram na vida.

10 Quem ficou aqui, pegou um comprovante – o documento da terra.
2 Quando foi dividido, o fazendeiro dizia: vocês querem ficar para lá ou para cá? Vocês escolhem.
3 Para lá era o Florindo, no meio era o Amâncio e para cá era papai – ele morava sozinho com a família.

13 Isto para que não precisássemos correr atrás.

4 Aí papai falou: quero meus 7 alqueires e meio para cá; não vou sair daqui para ir para lá.
5 Eles escolheram para cá, então eles dividiram: a divisa do fazendeiro; a divisa nossa.
6 A divisa do fazendeiro, 7 alqueires e meio nosso, 7 alqueires e meio do Angico, 7 alqueires da Augusta, 7 alqueires do Machado. Daí foi dividido para os filhos, depois dos 7 alqueires de Judite, dali para cá, alqueire e meio para a Elza, alqueire e meio para Florindo... da família de Florindo e Frederico.

Os anjos do Éden

11 Quem vendeu esta parte foi o neto do João, eles resolveram vender na década de 70.
2 Aí começou a questão do parque, até então não tinha esta coisa.
3 Depois que os políticos foram adaptando estas coisas de fora, do estrangeiro, que foram pegando estas áreas para serem protegidas.
4 Talvez alguns venderam para tentar a vida lá fora, mas a maioria vendeu por causa do parque.
5 O parque não deixava ninguém trabalhar.
6 Tudo foi criado com a questão do parque, ou seja, criou o parque, criou a polícia federal.
7 Não se podia – não pode até hoje – caçar, fazer roça... o pessoal não podia trabalhar, nada.
8 A terra foi vendida por alguns, mas a maioria abandonaram e saíram porque não podiam mais trabalhar.
9 A partir daí, depois que vendeu, fomos migrando para a ostra.
10 O Reinaldo, por exemplo, ficou teimando com a roça. Trabalhavam com a caxeta, foi proibido, e agora conseguiram a autorização outra vez. Foram várias etapas assim.
11 A maior interferência para a venda foi, exatamente, o parque[14].
12 A pressão mesmo começou por causa do parque.
13 Culpamos o parque porque foi ele que interferiu diretamente na vida da família dos mandiranos.
14 Teve família que venderam por causa do dinheiro mesmo, para ganhar dinheiro com a venda da terra.
15 Os que venderam, pensaram que aqui tinha dado o que tinha que dar, pois a partir daí já não dava mais nada.
16 Para eles, o Mandira iria ser uma coisa que não iria existir mais.
17 Pegaram uma parte do dinheiro e compraram um terreninho lá em Cajati[15].
18 Terra não se vende, porque você tem onde por o pé.
19 A partir do momento que você vende, não é mais sua. É a mesma coisa que ter uma casa, é sua, depois que vendeu, não é mais.

Genealogia

12 No anos 1950, no Mandira, houve uma cisão entre as famílias.
2 Eles, na realidade, não eram parentes. Eram de várias etnias de escravos.
3 De repente, ficaram libertos.

14 O pessoal acabou vendendo, mas venderam depois que foi redistribuído.

15 Aconteceu que, na época que ele foi vendido, tinha duas tias. Uma irmã de meu avô tinha a maior proporção de terra como herança. O mentor da venda, meu tio, sobrinho deles, pegou eles para cuidar, pois eles não tinham filhos, então acharam que tinha que cuidar dos velhos, daí ficou com as terras dos velhos e venderam.

4 O rapaz recebe as terras e ele precisava assinar, no entanto, quem lhe reconheceu foi a meia irmã e não o pai.
5 Então ele assinou o nome Mandira, que era o nome da fazenda.
6 Quando houve, então, o fim da escravatura, ninguém tinha para onde ir.
7 Com o advento da república, todos precisavam ter um nome.
8 Todos eles passaram, então, a assinar Mandira.
9 Necessariamente, eles não eram parentes, mas de várias etnias.
10 Eles se uniram por não terem para onde ir, adotaram o nome e fizeram o que o rapaz fez, ou seja, escreveu o nome Mandira.
11 Hoje os mandiranos são, aproximadamente, 1300 ou 1400 e estão em São Paulo, em Minas Gerais, no Paraná, todos espalhados.
12 Nos anos 1950, então, houve uma cisão na comunidade e eles venderam uma parte das terras.
13 Justamente a parte que eles venderam é a parte que tem a cachoeira.
14 A cisão se completou quando esse pessoal mudou para Porto de Cubatão.
15 Porto de Cubatão: Cubatão vem de cubata, que quer dizer casa de negro. Cubatão, então, é aldeamento de negros, conjunto de casas de negros.
16 Em 1996 e 1997 houve um movimento, junto ao ITESP, a USP, para fazer o reconhecimento da comunidade quilombola do Mandira.

13 Sou da sexta geração aqui na comunidade.
2 A comunidade tem mais de 300 anos.
3 Nós temos um oratório na nossa capelinha; o oratório é um lugar - que minha mãe dizia - que tem mais de 300 anos aqui na comunidade.
4 Temos um santo, Santo Antônio - padroeiro da cidade. Ele é desse tamainho assim.[16]

Liberdade

14 Mandira, neste tempo, era um lugar de irmandade. A família, todo mundo era unido.
2 Tinha algumas pessoas que moravam lá, mas consideravam-se todos irmãos.
3 Não eram donos do Mandira, mas tinham o direito de trabalhar.
4 Muitas pessoas morou lá, cresceu, construiu casa, criou seus fihos lá...
5 Era um lugar que vivíamos com liberdade, tínhamos liberdade. Roçava em qualquer parte, plantava, fazia canoa em qualquer parte .
6 Naquele tempo, o pessoal pedia lugar para morar lá; meu avô, depois os meus tios, eles davam lugar pro pessoal morar.
7 O pessoal ficava ali, aí já casava um com o outro, mandirano com outra família, e ficou isto aí.

15 Estou aqui há 40 anos e ainda não me acostumo muito aqui, sou mais acostumado lá que aqui.
2 Fico mais contente quando vou pra lá.
3 A gente nasceu no lugar, creceu, envelheceu. Quer dizer que temos um amor naquele lugar. Eu tenho muita vontade de voltar.
4 Para cá veio muita gente, aqui para o Porto.
5 Os velhos que ficaram, e família.
6 Os outros, todos, se esfacelaram na vida.[17]
7 Tínhamos muita ambição, então,

16 Eles falam que tem mais de 300 anos também.
17 Eu saí de lá em 1974 para 1975.

saí. Saiu muita gente.
8 Nossa saída era por aqui mesmo, Pariquera.
9 O tempo que eu vivi lá, para mim, era muito bom.
10 Foi onde eu nasci, cresci, casei por lá, criei meus filhos.
11 Tenho muito amor, até hoje, pelo lugar.
12 Fui obrigado a sair, por isto saí.
13 No tempo que morava lá, era muito bom. Tinha liberdade.
14 Podia andar, podia trabalhar, trabalhava com roça, mas antes de eu sair de lá já trabalhavam com ostra.
15 Lá era fazenda, um bairo de Cananeia.
16 Nada é igual o lugar que a gente nasceu.

Frio

16 Mãe é nascida aqui, meu pai do pé da serra.
2 Se conheceram, se casaram e morou a vida toda aqui no Mandira.
3 Teve uma época que eles saíram, éramos todos crianças.[18]
4 O Mandira era bairro.
5 Trabalhavam na roça, cortar caixeta, cortar palmito. Era muito sofrito, pois não tinha embarcação.
6 Carregava nas costas, jogava na água - para a água levar - até o ponto para eles pegarem.
7 Pescavam bastante, meu pai gostava de pescar.
8 Não mexia com ostra, era só com peixe, com roça, com caixeta.
9 Todos moravam mais pra lá.
10 A casa da gente toda vida foi [agora as casas são uma mansão]. A gente morava em casa de pau-a-pique, cercada de barro, coberta de palha.
11 Teve uma época que morávamos em uma casa e a gente sofria muito com o frio.
12 A gente não tinha como comprar uma boa coberta, uma boa blusa. A gente não tinha fogão a gás, era a lenha.
13 Mamãe tinha aquelas panelas de ferro, uma que tinha umas três pernas. Fazia um fogo aqui e meu pai cortava aqueles pedaço de caxeta, de lenha daquelas grossuras, fazia aqueles feixos e colocava no fogo.
14 Naquele tempo, a noite, fazia muito mais frio que agora.
15 Sentávamos naqueles banquinhos perto do fogo pra se aquentar do frio.
16 Para dormir, a gente não tinha colchão, dormia na esteira. Essas uma do artesanato.
17 Tinha um saco, que hoje fala saco de estopa, nós chamava de saco de linhagem. Tinha vez que nós se ensacava do frio com as pernas nesses sacos pra aquentar, porque não se aguentava do frio.
18 Não tinha dinheiro. Dava conta da comida. Era uns 12, muita gente pra sustentar.
19 Nosso colchão era disto aqui: piri. Tinha de taboa.
20 Nós fazia para dormir nele. E num tinha um lençol, uma coisa pra forrar não. Forrava no chão assim e dormia. Eram feitos de embaíba. Ela sai um fio, uma corda, e faz.
21 O piri, para encontrar, tem que pegar o barco ali na maré e mais umas meia hora de barco pra buscar isso aí.

Atravessador

17 Começaram a trabalhar com ostra em 1973 e 1974.
2 Todos que ficaram aqui, que não quiseram vender, acabou mi-

18 Eles foram pro lado de Miracatu, trabalharam em um sítio lá em uns pá de anos. Depois eles vieram embora, já tinham todos nós.

grando pra ostra.
3 Vivo da ostra desde 1978.
4 Trabalhávamos de uma maneira clandestina; não preocupava com o meio ambiente, com a criação das ostras...
5 Tirava a ostra, trazia pra casa, desmariscava, tirava fora da concha.
6 Foram 20 anos fazendo esta atividade.
7 Veio um professor da USP, Antônio Diegues, e começou o trabalho da organização da comunidade.
8 Veio para a comunidade se organizar e tentar melhorar a qualidade de vida da comunidade.
9 Veio um técnico da Fundação Florestal; ele via que nós trabalhava com a ostra de maneira erra.
10 Vendia para atravessador.
11 Trabalhava de forma clandestina, correndo da polícia ambiental.
12 Ele fez uma proposta, porque nós não fazia a engorda da ostra.

A lamentação por gestos

18 Perdemos muito com esse desenvolvimento.
2 Temos o terço. São orações antigas dos nossos antepassados, que todas as comunidades tinham.
3 O terço cantado são orações cantadas.
4 Graça a Deus aqui no Mandira ainda permanece.
5 Todas comunidades que nós conhecemos o terço cantado, não tem mais.
6 Ninguém mais quer fazer.
7 Nós tínhamos o carnaval.
8 O carnaval era quatro noites de baile, fandango.
9 Tinha uma brincadeira que era a coisa mais linda do mundo.
10 Porque era uma brincadeira de homens e mulheres. Os homens borravam as mulheres de pó de café, trigo, e mesma coisa as mulheres faziam com os homens. Ninguém podia dormir neste dia. Pra dormir tinha que fechar a casa pra não deixar ninguém entrar.
11 Isto nós perdemos, não temos mais.
12 Fazer roça é parte de nossa cultura.
13 Nosso jovem não quer mais fazer roça, não quer pegar num machado pra derrubar; nem sabe cortar.
14 A gente está tentando trazer isto para nosso jovem, mas essa coisa de desenvolvimento.

Caiçara-quilombola

19 Trabalhamos hoje com o turismo de base comunitária.
2 Recebemos grupos para conhecer nossos atrativos; um deles é a criação de ostra - hoje está muito forte.
3 Temos cachoeira, temos uma ruína; uma casa de pedra, que era o engenho de arroz na época da fazenda aqui; temos sítio arqueológico, que é um sambaqui, ele data mais de 10.000 anos; temos nossa culinária também, muito forte, a culinária caiçara-quilombola - bastante apreciada.

Reconhecimento

20 Fomos reconhecido pelo estado, Fundação dos Palmares, em 2002.
2 O reconhecimento, o estado faz um trabalho dentro da comunidade, do território, da sua origem.
3 Em 2015, a comunidade foi reconhecida pelo INCRA.[19]
4 Falta o principal para nós, que o

19 É outro processo. Um outro estudo, mais técnico.

título da terra. Que garente para nós que isso aqui não será vendido.
5 Isto aqui ninguém vai poder entrar aqui dentro mais, porque é nosso.
6 A partir que fomos reconhecidos pelo Estado e, principalmente, pelo INCRA, a gente já pode usar o território.
7 Mesmo que o dono não queira, mas é lei.
8 Temos esse direito do território.
9 Falta o principal. Este papel garante que o título da terra vai ficar para os nossos herdeiros.[20]
10 Esta Reserva Extrativista é uma briga, porque o pessoal quer porque quer entrar. Só o Mandira pode usufruir deste espaço.
11 Nós conseguimos nos organizar, politicamente, não partidário.

Bater o papel

21 Tem muita gente envolvida nesse negócio de quilombo.
2 No nosso caso, você vem, você bate um papel: "a casa de pedra foi construída em 1970". Foi, pega um papel; você bate o papel, então, a casa de pedra foi construída em 1970.
3 Vem outro e pergunta: "com que foi barreada?" Aí você diz: "foi com pedra". Aí vem e bate o papel: foi com pedra.
4 Vão juntanto ali, todos os papeis, até que fazem um tipo de um livro.

22 Tem muitos políticos querendo quebrar a lei da Constituição de 1988.
2 Querem fazer com que o título seja individual.
3 Ter o título individual facilita para quem tem o poder pra comprar as terras dos quilombolas.
4 Terra de quilombola, hoje, é muito visada para comercialização.
5 Tem nascentes; só aqui na comunidade do Mandira tem mais de 50 nascentes de água potável.
6 A riqueza do mundo é água.
7 Temos a mata.
8 Nós queremos preservar, mas preservar com garantia.
9 Queremos ter este documento nas mãos, para que quando vier alguém querendo comprar a gente possa dizer "aqui não pode vender, é da associação.

23 Temo hoje, no Vale do Ribeira, uma associação que chama EEACONE.
2 Ela trabalha em questões políticas.
3 Temos quilombolas em Brasília que está politicamente lutando, brigando, para que este documento das comunidades tradicionais (quilombolas principalmente), esse título, seja assinado pelo governo pra trazer pra comunidade.
4 Dentro da associação tem advogados, várias pessoas que entendem dessas questões jurídicas, da questão da terra.
5 A associação nos dá esse apoio e nós damos esse apoio também pra eles.
6 A gente não tem sabedoria, em termos técnicos, para lutar com o governo.[21]

20 Virá nossos netos, nossos bisnetos. Assim como o nosso Francisco deixou para nós. O Antônio, os herdeiros deles, também queremos deixar para os nossos.

21 Então é assim o negócio.



partilha do sensível
uma furadeira

Havia acabado de chegar do mangue. Com o corpo cansado, deita em em sua cama e pega um livro de Clarice Lispector – estava lendo *A via crucis do corpo*. Em poucos minutos, um barulho infernal interrompe sua leitura. Fazia: zuuuuuuu... como um assovio prendido. Esse barulho acompanhava cada linha, como se estivesse dentro dele. Mas de onde vinha? O que era? Para não te deixar curioso, o barulho vinha do quarto ao lado, era uma furadeira. Já tentou ler enquanto uma furadeira soa dentro de você? Mas o que estava acontecendo, o que estavam fazendo com aquela furadeira? No tapete do quarto ao lado havia uma variedade de sementes, caixas, linhas de anzóis, peças de bijuteria etc. – Thais estava fazendo seu artesanato. As mulheres do Mandira criaram a prática de fazer artesanato, colares, enfeites, pulseiras, cestos, diversos... Naquele momento, levantou-se da cama, com uma irritação que lutava com fortes braços contra aquela furadeira escondida dentro de si e viu os materiais do artesanato. Várias cores, várias sementes, conchas, pedaços da natureza. Ouvia o barulho da furadeira ressoar continuamente. O que demorou para escutar foi o que estava acontecendo. Poderia repetir essa história pela mesma quantidade de vezes que ela foi repetida. Ouvia a furadeira. E agora você pode estar ficando curioso e se perguntando: o que acontecia além disso? Nada. Mas como o nada é muito, uma multiplicidade de coisas aconteciam. Foi preciso uma cartografia da escuta. Da escuta dos passos. Do desmanchamento de um mundo e criação de outros. Dos movimentos transversais que as mulheres do Mandira realizavam nesse ritual quase que diário. Da arte. Arte-vida, vida-arte. Processos de singularização, invenção de si e do mundo. Ela caminha, em poucos passos, da cozinha para o quarto. Na cozinha, ela é a mulher da instituição família: cozinha para a família, lava louças, cuida dos filhos, limpa a casa... a mulher instituição família. No artesanato, mulheres costureiras e artesãs do Mandira – outra instituição. Onde está a arte que não é no artesanato? Opere uma cartografia da escuta e ouça os passos, são leves, quase não fazem barulho... Escute o movimento entre/meio cozinha e quarto. São poucos os passos para a travessia. De um lado, família, de outro, artesanato. Entre, meio... movimento, travessia; a desmaterialização da obra, obra-artesanato.



Nesse entre, é preciso uma cartografia da escuta. Escuta-passos, movimentos de travessia de um ponto a outro, criação de linhas metálicas. Nessa travessia, as louças permanecem na pia. O filho fica sob outra responsabilidade, a casa também. A mulher mandirana desterritorializa a linha família e reterritorializa-se na linha artesanato. No meio, entre as duas, a arte é inaugurada enquanto movimento da vida, enquanto acontecimento e experimentação. Movimento inconsciente. Que descoloniza os afectos. Nesse movimento, as louças ficam sob outra responsabilidade, as crianças, a casa... Ela deixa de ser a mulher da instituição família e, nessa travessia, devém mulher-outra. O artesanato se constitui como obra e o movimento como desmaterialização da obra.



ABERTURAS DE ESCRITAS [redacted] E ~~RISCADAS~~:

escrever *com* povoamentos, a

n-1



Aberturas ~~busca o aberto;~~ *opera com* espaço e tempo abertos. Não se fecha à unidade (n) e nem à totalidade do múltiplo (n + 1), mas [redacted] a multiplicidades (n – 1). O LUGAR NÃO É METAFÓRICO E NEM ALEGÓRICO, [redacted] MAS TOPOLÓGICO... ~~Quero,~~ Quer-se, aqui, operar entradas e saídas no dentro das aberturas. Aberturas de territórios existenciais, ~~em espaços e tempos abertos à experimentação~~ espaços e tempos criados com experimentação. **Dar línguas às forças** [forças não solicitam línguas, inventam] **que pedem passagem produzindo corpos, onde as pontes de linguagens[1] são feitas de palavras e as travessias de movimentos poéticos, errantes ou erráticos, de mundos imanentes**; uma [redacted] **TOPOLOGIA DOS FLUXOS**. ~~Não falo de "mim", não sou mais "eu", mas~~ *Fala-se com* uma multidão que ~~me~~ povoa. No entanto, não confunda, não ~~falo~~ *se fala por* essa multidão ou sobre ela, não se a ~~represento~~ representa... ~~me construo~~ constrói-se com ela e como parte dela; ela fala ~~em mim~~ **em nós**. São pedaços, recortes imanentes, maquinaria de corpos.

1 Operar roubo em Rolnik (2014).



COM pedaços ~~[desmonta-se] *de mim*~~ ■ monta[-se] ~~um ser~~ [um] *atônito*

Barros de Manoel

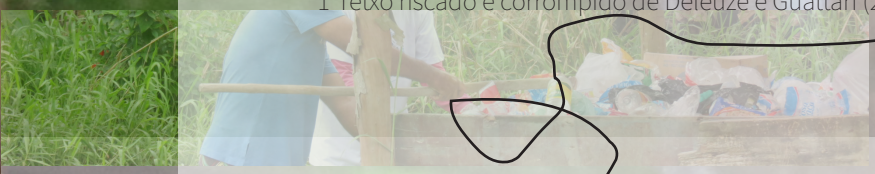


força

múltiplo

~~É preciso~~ fazer o , não acrescentando ~~sempre~~ uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõem, sempre (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da a ser constituída; escrever a .[1]

1 Tetxo riscado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012a, p. 21.).



multiplicidade



~~Uma~~ ***questão que*** **ES - CAPA ...**

Que problemas uma pesquisa em um quilombo coloca para uma escrita ~~de uma dissertação~~?

Uma questão que não clama por respostas,

Escrever a

n-1...

Junto a essa **algazarra** de vozes em palpitante conversa com o mundo... Em nós entreditos de imagens e fotografias e vídeos e gravações e caderno de campo e..., COMPÕEM-SE UMA ESCRITA QUE TENTA ARRASTAR E SER ARRASTADA POR ~~memórias de~~ *um canto* – que busca fazer-se ~~dissertação~~ sendo **ARRASTE**.

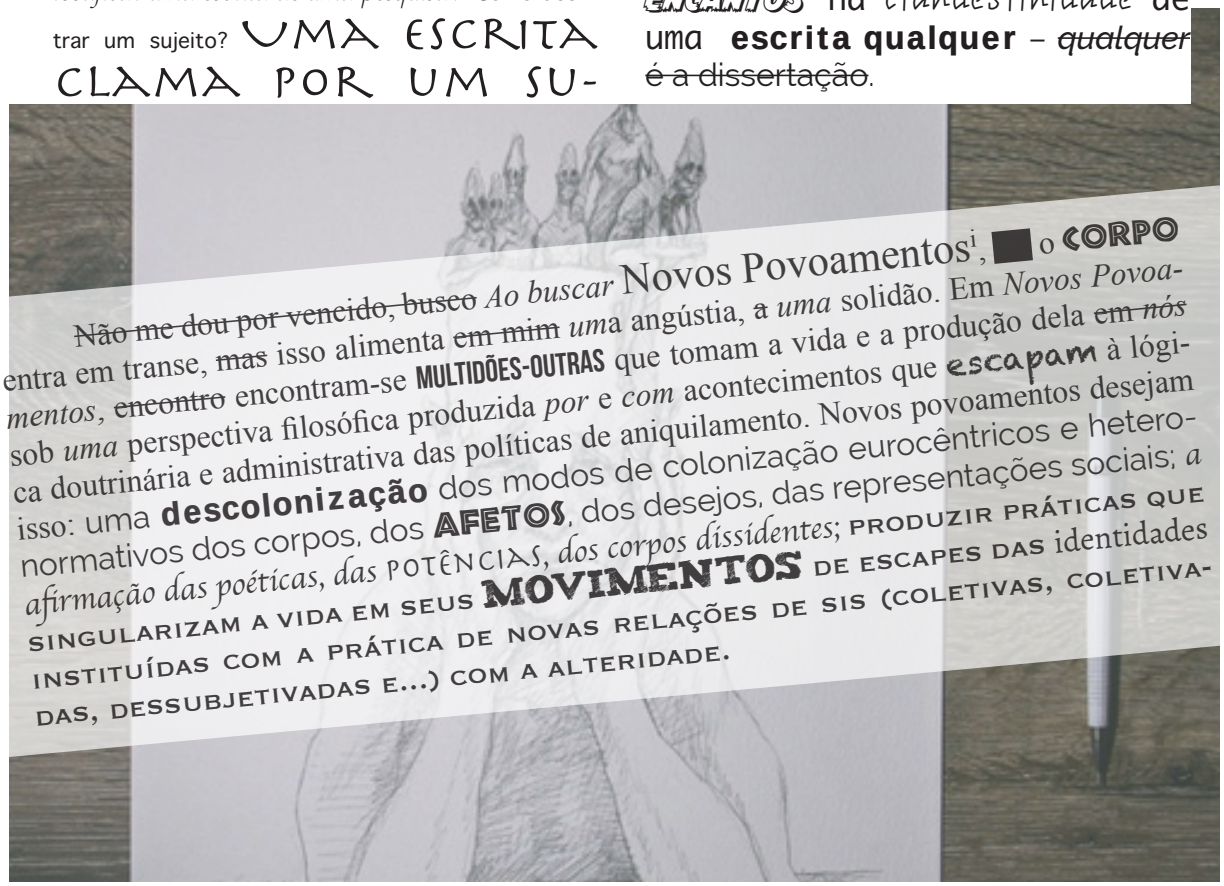
~~O ato de escrita desta dissertação e dos processos pelos quais ela se compõe são profundamente marcados por uma solidão.~~

Os ~~eus vão~~ (se) desfragmentando, (se) escorrendo pelos cantos... *Como desrostificar uma escrita de uma pesquisa?* Como acentrar um sujeito? UMA ESCRITA CLAMA POR UM SUJEITO? **Produzir com gentes**, ~~riscando a materialidade~~ **COM GESTOS DE BATER A PENEIRA**, fazendo com que o pó das palavras espacializem-nas ao vento para produzir outras temporalidades. ~~Sentado às margens da ilha de Cananeia, procuro povoá-la. Ingênuo. Com Susano[4], produzimos encontros, ~~sozinha, mas com muitos [encontros]; neles, sustos, surtos...~~ *Qual é a solidão de uma dissertação?*~~

Que superpovoamentos a fazem transbordar? Escrever com bordas, bordar nas bordas, transbordar. Operar com cantos das bordas, **ESQUINAR CANTOS**, produzir ENCANTOS na clandestinidade de uma **escrita qualquer** – ~~*qualquer* é a dissertação~~.

*Quando se escreve ~~trabalha~~, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. **Não se pode fazer escola**, nem fazer parte de uma escola. Só há **escrita** ~~trabalho clandestino~~ **clandestina**. Só da de sonhos, fantasias ou projetos, mas de **encontros**. núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro, **qualquer [é a] escrita**. Encontram-se pessoas ~~(e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto)~~, mas também **movimentos**, idéias, **acontecimentos**, entidades.*[1]

1 Texto roubado e riscado de Deleuze (1998, p. 21).



~~Não me dou por vencido, busco~~ *Ao buscar* Novos Povoamentos[i], ■ o CORPO entra em transe, ~~mas~~ isso alimenta ~~em mim~~ *uma* angústia, ~~a~~ *uma* solidão. Em *Novos Povoamentos*, ~~encontro~~ encontram-se MULTIDÕES-OUTRAS que tomam a vida e a produção dela ~~em nós~~ sob *uma* perspectiva filosófica produzida *por* e *com* acontecimentos que **escapam** à lógica doutrinária e administrativa das políticas de aniquilamento. Novos povoamentos desejam isso: uma **descolonização** dos modos de colonização eurocêntricos e heteronormativos dos corpos, dos **AFETOS**, dos desejos, das representações sociais; *a afirmação das poéticas, das* POTÊNCIAS, *dos corpos dissidentes*; PRODUZIR PRÁTICAS QUE SINGULARIZAM A VIDA EM SEUS **MOVIMENTOS** DE ESCAPES DAS IDENTIDADES INSTITUÍDAS COM A PRÁTICA DE NOVAS RELAÇÕES DE SIS (COLETIVAS, COLETIVADAS, DESSUBJETIVADAS E...) COM A ALTERIDADE.

Povoado por essas multidões ~~e atravessado pelo desejo de produzir um~~ *[com que] corpo poiesis,* ~~*copoiesis, a escrita de uma dissertação se faz*~~ **funciona***?. [Ela quer-se fazer]* **UMA ESCRITA ENVOLVIDA COM A COLETIVIDADE, COM OS MODOS DE EXPRESSÃO DE VIDAS EM SUA** ~~mais alta~~ **POTÊNCIA DE EXISTIR, NA BUSCA POR POÉTICAS DA VIDA, ONDE AS PRODUÇÕES ÉTICAS, ESTÉTICAS E POLÍTICAS ESTEJAM LIBERTAS DE PADRÕES DE EXISTÊNCIA INCITADOS POR UMA "GLOBALIZAÇÃO" DE POLÍTICAS INDIVIDUALISTAS DO NEOLIBERALISMO.**

Como se não bastassem as multidões que nos povoavam, estamos sendo povoados por tudo isso. **[COM QUE GENTES ELA FAZ CONVERGIR ÀS SUAS?]** ~~No entanto, a cada movimento, sou arrastado, deslocado de mim mesmo e posto num deserto. A solidão aumenta. Estar em campo é, a todo tempo, uma batalha. E, nessa batalha, o "eu" desloca-se do corpo se fazendo outros e outros e outros...~~ [porque corpo não clama eu, mas experimentação] ~~Chego a pensar que enlouquecerei.~~ *Imagens, vídeos, fotografias, entidades, gentes, matérias de expressões humanas e inhumanas, escritas, colocam uma pesquisa em Educação Matemática e Etnomatemática a pensar e pensam uma educação matemática e etnomatemática?*

Escritas feitas ~~David chama esses encontros~~ de **MOVIMENTOS ABERRANTES**. ~~Em suas palavras, os tais~~ são desterritorializantes e operam descentramentos, deslizes, quebras, rupturas, fendas, rachaduras e... *atravessam a matéria, a vida, o pensamento, a natureza, a história das sociedades. Veremos que*~~*, em determinadas condições,*~~ *os movimentos aberrantes constituem a mais alta potência de existir, enquanto que as lógicas irracionais constituem a mais alta potência de pensar*[1].

~~No campo, no canto, movimentos aberrantes atravessam todas as entranhas do ser produzindo a mais alta potência de existir, rachando-o.~~ **[QUE TOPOLOGIAS SÃO INVENTADAS NAS FISSURAS OPERADAS NO SER?]**. ~~Escrever é quase impossível, pois ela – a escrita – é como água. Escorre e corre pelas entranhas, criam tempos espacializados.~~ Ela [se] perde [nos] significados, se fazendo a-significâncias. Quais as a-significâncias de uma dissertação?

No movimento de multidões-outras, tudo se perde no ar. Qualquer tentativa de significação é produto de fracasso. Tudo **deixa de ser** no próximo instante. *O quanto deixa de ser?* **Deixa Ø ser..., Diego.** ~~Isso é aterrorizante. Um constante combate comigo mesmo.~~

~~Combatendo comigo e batalhando com multidões-outras que me povoam, uma educação matemática e uma etnomatemática vão se constituindo junto a movimentos aberrantes~~, *[Que educação matemática e etnomatemática acontece quando os encontros descentram a figura de permanência do ser?* **Uma etnomatemática com gentes?** ~~Nas fissuras do "eu",~~ um espaço e um tempo escapam às significações. ~~Não posso negar as constantes dúvidas que pairam junto a mim: o que vou fazer? Que planos produzirei?~~ [redacted] a (posição?????????) ~~é sempre nova~~ [redacted] **- ACENTRADO**

ACENTRAMENTOS ~~Medo, terror, angústia... Sensações atravessadas. Ao pensar sobre tais sensações, percebo-as de três diferentes faces: face ontológica, face existencial e face psicológica~~[2] **ONTOLÓGICOS, EXISTENCIAIS E PSICOLÓGICOS**.

~~Na face ontológica~~, **NOS ONTOLÓGICOS, MUITO DO QUE** ~~me~~ **SINGULARIZA SE DESAGREGA, NÃO SE PRESERVA**, (A VIDA SE ESCORRE PELOS CANTOS ATÉ QUE O VAZIO SEJA A ÚNICA FORMA DE AFIRMAÇÃO) - **DEIXA Ø SER...**; ~~na face existencial,~~ **NOS EXISTENCIAIS, OS MUNDOS, OU MELHOR, OS PLANOS PARA PRODUZIR MUNDOS E AS JUSTIFICATIVAS QUE DÃO CREDIBILIDADE A ELES VÃO SE DESLEGITIMANDO, DESMANCHANDO, DESFAZENDO-SE** (COMO SE TUDO PERDESSE O SENTIDO, PARECEM ESTAR FADADOS AO FRACASSO). ~~Na face psicológica,~~ **NOS PSICOLÓGICOS, O MEDO DE ENLOUQUECER É CONSTANTE...** ~~há também uma espécie de "narcisismo literário" colado no "eu"~~ **["EU" É SEMPRE NARCÍSICO]** (O QUE ESTÁ ACONTECENDO É A PERDA DA FORMA VIVIDA PELO EGO-EM-NÓS). ~~(O) Eu está sendo desterritorializado, pois~~ ENTRE TROPEÇOS E PASSOS UMA ~~NOVA~~ DISSERTAÇÃO É PRODUZIDA.

1 Texto riscado e corrompido de Lapoujade (2015, p. 9 e p.13).

2 Operar roubo e corromper Rolnik (2014).

[redacted] DANÇA [redacted]?! QUE DANÇA? QUE MOVIMENTOS ~~são esses~~? que produzem? ~~Além do que vem sendo dito, que "outras" coisas estão sendo desterritorializadas? Meu engano, talvez, seja pensar, por diversas vezes, que o vazio produzido pelos encontros a nada serve. Até me lembro do que em Maurice é chamado de *por vir*. De ocupar o deserto do encantamento e ser ocupado por ele. Do não-lugar... e de como Gilles opera com o *fora*. No entanto,~~ UM espaço E UM tempo ESTÃO SENDO INAUGURADOS, ALGUÉM GRITA AO MICROFONE, TEMOS QUE MOSTRAR NOSSOS MODOS DE VIVER, PARA QUE VEJAM NOSSA CULTURA; UMA MOSTRAGEM QUE TORNA-SE PENSAMENTO DO E PELO FORA...tudo [redacted] está em transe. [redacted] desmancha(-se)... desagrega(-se), desprende(-se) dessa materialidade, sendo agenciamento com outras comunicabilidades de mundos. ~~O que [redacted] não sei~~ É que *é em torno disso que se fazem todos os dramas, todas as narrativas, todas as personagens, todos os destinos. Dá pra dizer que ~~essa angústia~~* [OS ACENTRAMENTOS] *~~é~~* [SÃO] *a energia da nascente de mundos*[1].

1 Texto riscado e corrompido de Rolnik (2014, p.51).

EM
LI-
VRO
SOBRE
NADA, ~~de~~
~~Manoel de~~
~~Barros~~, A POE-
SIA GRITA ~~em meu~~
[não se tem um corpo,
fabrica-se um corpo] COM
CORPO: ~~*minha voz tem um vício de fontes*~~. *Quais fontes?* PERAÍ, Times New
Roman, RIFT, ***Source Sans Pro,***
Macdonaldson, variex ot... *iii... são várias?* No entanto, não são apenas
fontes [não mesmo], ribeiras de vales povoam
essas linhas, ~~mas também planos e convicções que, por sinal, são legitimadas por elas.~~
~~Essas coisas estão se deslocando de mim, me deslocando; isso me angustia.~~ ~~Minha~~ A relação que essas
escritas tachadas [redacted] têm com o que, na academia, [redacted]
[redacted] chama-se de projeto de pesquisa, é profundamente ambígua. E essa ambiguidade se dá pelo fato de que tudo oscila, ~~como se~~ pois as
grafias dos territórios (ou os próprios territórios) desenhados no projeto de pesquisa ~~estivessem desabando – e, de fato,~~
~~estão~~ escapam a todo tempo para um habitat, intermezzo. ~~*E, isso,*~~
em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido – em suma, de crise[1].

1 Texto riscado e corrompido de Rolnik (2014, p. 52).

Uma [redacted] **dissertação** é feita de tal maneira que ela só pode ser ocupada, povoada por intensidades. Somente intensidades passam e circulam.[1] (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 16)

1 Texto borrado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012a, p. 16).

Politicamente, historicamente, socialmente, os movimentos aberrantes sempre são máquinas de guerra, agenciamentos guerreiros *– como atestam os nômades, [os quilombolas do Maiorai], os trabalhadores itinerantes, os sábios e os artistas ao longo da história universal, em virtude de novos tipos de* **espaço-tempo** *que criam*.[1]

1 Texto riscado e corrompido de Lapoujade (2015, p. 23).

Esse
caráter oscilante, perverso, inédito e que
opera com acasos dos movimentos aberrantes, **DESSES**
ENCONTROS podem, talvez, parecer **arbitrários e ilógicos**, no entanto, eles são "forçados" *[forçar a-significações, com signos de cantos]*
e lógicos em sua irracionalidade, pois *trata-se de um movimento de grande amplitude* ENCONTRO *que faz morrer tudo o que não é necessário para as potências da vida*[1]. **E o que [redacted] está morrendo que não é necessário?** Em primeira instância, posso dizer que a batalha comigo mesmo se trata de uma guerra onde destruir o "Eu" é o principal objetivo. Destruir 'minhas' convicções, 'meus' preconceitos, 'minha' forma organizada, 'minhas' referências... É como que olhar no espelho e ver a imagem derretida, como uma vela queimada – anômala. **Deixa Ø ser... pois Os** movimentos **encontros** aberrantes **operam [redacted] acentramentos e, ao mesmo tempo em que são ameaçadores, liberam as potências da vida.**
Envolver-se nessas tramas dos movimentos *do* **espaço como encontro** é [redacted] criar, junto aos um DISCURSOS DE INAUGURAÇÃO, [redacted] uma *linha metálica, tão fina quanto um fio de cabelo*, deserta por dentro e que, além disso, vai traçando traça **os movimentos do** *desejo* **para dentro do vazio**, num lugar oco e que [redacted] é lançado ao espaço num arremesso para a eternidade. Trata-se de uma missão, uma missão de vida; de vida suicida. A nós – eu e você, caro leitor – cabe-nos saber que o arremesso arrasta, também, o nosso corpo, ou seja, o deslocará do chão criando um percurso caótico rumo ao espaço. *Estamos porém cientes de que se trata de missão suicida de sobrevivência*[2].

1 Texto riscado e corrompido de Lapoujade (2015, p. 22).

2 Operar roubo em Lispector (2016, p. 385).

Na construção [redacted] desta pesquisa, muitas batalhas são travadas na produção de uma dissertação que quer fazer-se experimentação de um lugar-espaço-tempo. Talvez, a mais visível seja a "contra-forma", [redacted] a forma-escrita-acadêmica, a forma-estrutura... A escrita assumida produzida [redacted] **é a própria afirmação de outros modos de expressão**, *dos cantos de ribeiras de vales*, como um grito nos corredores da universidade. Perguntar-se-ia *que formas de expressão de vidas afirmam uma escrita, uma dissertação em Educação Matemática e Etnomatemática?* Uma tentativa de **operar com** *(uma)* ***escrita menor***.

[redacted] **Produzir uma escrita menor** *é*, nas dobras da escrita acadêmica, não se trata de produzir o mesmo, mas de **operar** *com* modos-outros (gentes, ribeiras de vales, cantos de ribeirinhos...) *que buscam* **forças de expressão** *nas* potências da vida. [redacted] não se trata da escrita menor em si, mas d**o que ela reivindica**. Que ela reivindica? Um estado de *insurgência* contra a *ciência régia*. **A experimentação** de **um lugar-espaço-tempo** *com* e *no* e *para* e *em* **canto?**!

[redacted] operar com *forças expressas* **[que forças expressam uma dissertação que quer fazer-se experimentação?]** nas potências de vidas caracteriza-se como menor ao produzir **batalhas** contra ***um modelo hilemórfico da ciência régia*** – *aquele que concebe forma e matéria como princípios fundamentais do universo*. Trata-se, então, de conceber as **Como produzir uma escrita nas margens da dicotomização entre forma e matéria? Entre?! operar com forças** e [redacted] ***relações de forças*** [redacted] produtoras de [redacted] formas e pulsões de [redacted] matérias de expressão.

OPE-RAR uma **[escrita]** *ciência menor* **produzida por fissuras** provocadas na **CIÊNCIA RÉGIA** é algo que ATRAVESSA [COMPÕE] o projeto de pesquisa **[esta dissertação]**. O exercício para tal é expresso de múltiplos modos, tais como **TEÓRICO, PRÁTICO, ÉTICO, ESTÉTICO E POLÍTICO**. Há, sim, uma VONTADE, enormemente descontrolada, de FENDER o **MODELO HILEMÓRFICO** que constitui toda uma [ESCRITA] *ciência régia*. De CRIAR **topologias de forças** que pedem passagens na(s) **ENTRE-FORMA(S)**... **entre-matéria(s)**. Trata-se, talvez, disto: **criar aberturas no dentro do aberto** *[esta dissertação quer fazer-se aberturas de canto, ribeiras de vales; flanar junto às gentes que a compõem...]*; produzir uma *linha metálica* e lançá-la no **ESPAÇO** num arremesso para a eternidade [operar com a **duração** de um TEMPO]; OPERAR ENTRADAS NO DENTRO, no oco, produzir um devir-preenchimento, no aberto; **ocupar(-se de e por) essas aberturas**. **ocupar em vez de metrificar.**

A disciplina *A matemática na sala de aula: acontecimento, experiência formação*", com as leituras de autores como Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Felix Guattari e outros, foi como pulsões a essa vontade, pois, junto a [redacted] filósofos [contemporâneos] – em vez de pensar no objeto, na forma, na matéria, no discurso e... como 'princípios' fundamentais do universo – é possível **OPERA** UM PENSAR EM COMO OS OBJETOS, AS FORMAS, OS DISCURSOS, SE TORNAM O QUE SÃO. [redacted] trata-se de INVENÇÃO, [redacted] **pensar a invenção dos sujeitos e das coisas como invenção do próprio mundo**.

~~Além disso, apesar de parecer que esse deslocamento tem início aqui, seria uma grande ilusão pensar nesse princípio – da~~ **A** *produção de si e do mundo,* [redacted] *os movimentos, os encontros, não possuem princípios, mas* **intensidades**. [*que intensidades escrevem uma dissertação em Educação Matemática e Etnomatemática?*] A DESTERRITORIALIZAÇÃO do **eu-em-nós** ou o da **FORMA VIVIDA PELO EGO-EM-NÓS** está constantemente acontecendo, *pois não existe um ser ou estado ideal* – o topo de si mesmo –, mas tão somente um REAL[*real-idade?! Que realidade inventa uma dissertação?*]. Aquele em **constante movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização**. MOVIMENTOS MARCADOS POR INVENÇÕES DE SI, DAS COISAS E DO MUNDO. ~~Afinal,~~ *tudo é real porque tudo é inventado*[1]. *Que se inventa com uma dissertação?*

~~Como aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, estou acolhido por um território; porém~~, *em campo* [E CANTO], *movimentos aberrantes produzem* DESTERRITORIALIZAÇÕES. A produção da vida, entendida como VONTADE DE POTÊNCIA, é uma eterna produção de movimentos aberrantes onde se **TERRITORIALIZA**[redacted], **DESTERRITORIALIZA**[redacted], **RETERRITORIALIZA**[redacted]; **PRODUZ**[redacted] VIDA(S). ~~São esses movimentos que produzem esta dissertação~~. [redacted] *vida* [redacted] *tomada não como o lugar da unidade* **(N)** *ou do múltiplo* **(N+1)**, *mas como lugar da* MULTIPLICIDADE E [redacted] **LUGAR DO ACONTECIMENTO**.

[redacted] *operar no lugar do acontecimento, no aberto, produz mortes de organizações da escrita acadêmica e, sobretudo, de conceber as formas como princípios pré-existentes à vida.* Ao se pensar, por exemplo, em EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E ETNOMATEMÁTICA, esses movimentos de desterritorialização ~~me~~ fazem concebê-las de outro modo, **NÃO MAIS COMO PRÉ-EXISTENTES**, mas **como algo inventado** e produzido por movimentos em que as batalhas são marcadas pela *morte das formas vividas pelo ego-em-nós* e [redacted] modos-outros de produção da vida são afirmados como *expressões de relações de forças* em um **PLANO DO ACONTECIMENTO**.

De que modo isso é expresso? Em linhas gerais, [redacted] [pode-se] dizer que se trata de *tomar a vida não apenas como um aglutinamento de órgãos que lhe dá forma e matéria*, mas de vê-la como **PRODUTO DE FORÇAS E FLUXOS EM CONSTANTE MOVIMENTO**. ~~Eu estou assustado e talvez surtado, pois estou sendo atravessado por~~ UM MOVIMENTO CLANDESTINO DE PESQUISA que ~~(me)~~ toma a vida e que ~~me~~ parece ser da mais alta POTÊNCIA. Desterritorializando as formas e substâncias [em nós] e afirmando as multiplicidades de forças que reivindicam passagem. [redacted]

EXERCÍCIO não é buscar pela raiz, mas **SEGUIR CANAIS DE CONEXÕES** onde se passam *fluxos intensivos de agenciamentos*. Operar, com uma escrita e imagens, UM FORA, **um lugar-espaço-tempo**, [redacted] significação [ele é **CANTOS**... O fora não tem [redacted] a-significado], nem subjetividade. [redacted] mento com o fora contra [redacted] **ficação** do mundo. [redacted] mais dicotômica, pivotante ou fasciculada[1]. **UMA DISSERTAÇÃO** agencia- dissertação-signi- *Uma dissertação rizoma*, e não

1 Texto borrado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012a, p. 45).

Operar com **descentramentos**, **A-SIGNIFICAÇÕES**, ESCREVER A N-1 mãos: esta dissertação quer-se **fazer-se experimentação de um canto**... Deixar uma escrita agir como gíria das gentes das **ribeiras de vales**.

1 Roubo de Guimarães Rosa

[redacted] inventar é ~~garimpar~~ MAPEAR ~~[os cantos, as bordas, as ribeiras de vales, pois] algo que restava escondido, oculto, mas que,~~ após serem removidas as camadas históricas que o encobriam, revela-se como já estando lá[1].

TRATA-SE DE UM COLETIVO DE FORÇAS QUE SE SINGULARIZA ~~no projeto de pesquisa~~ **PELA VONTADE DE PRODUZIR INVENÇÕES DE** Educação Matemática e Etnomatemática; **PRODUZIR INVENÇÕES EM** Educação Matemática e Etnomatemática; **PRODUZIR INVENÇÕES COM** Educação Matemática e Etnomatemática; **PARA** Educação Matemática e Etnomatemática.

1 Texto borrado e corrompido de Kastrup (2005, p. 1278).

Operar com uma **GRAFIA DOS FLUXOS, UMA GRAFIA DO ESPAÇO,** uma ciência que escapa da dicotomização hilemórfica da Ciência Régia; produzir geografias menores que não se caracterizam como "melhores" em relação à Maior, mas pelo seu caráter **VAGABUNDO**, NÔMADE... Esta dissertação, em vez de ater-se em um esquema dicotômico entre **MATÉRIA-FORMA**, compõe-se como MATERIAL-FORÇAS.

dissertação quer-se compor material-forças em vez de matéria-forma? **UMA DISSERTAÇÃO QUE SEGUE AS EXPERIMENTAÇÃO DE UM CANTO?!**

Esta dissertação quer-se fazer experimentação de um espaço e um tempo, produzir uma realidade **A-SIGNIFICADA** ENTRE-CATEGORIAS... deslizar entre-categorias, FLANAR ENTRE, para produzir **ribeiras de vales com as gentes** que superpovoam e transbordam os **CANTOS.**

Quer-se produzir UM ESPAÇO e UM TEMPO... UMA TOPOLOGIA DOS FLUXOS... O produzir, aqui, não se dá como **METRIFICAÇÃO DO ESPAÇO** e **ARITIMETIZAÇÃO DO TEMPO**, mas por **OCUPAR O** (e ocupar-se do) **ESPAÇO**, produzir(-se com) ele, como modos de distribui-se no espaço, criar **geo-grafias**[1] ou GRAFIAS DO ESPAÇO, no modo de uma ~~GEOMETRIA~~ [GEOGRAFIA] OPERATÓRIA DO TRAÇO[2], [redacted] trata-se de distribuir-se **NUM ESPAÇO ABERTO**, *ocupar o espaço*, preservar a possibilidade de SURGIR EM QUALQUER PONTO: O MOVIMENTO já não vai de um ponto a outro, mas DEVÉM PERPÉTUO, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada. Espaço "liso" [redacted], contra espaço "estriado" [redacted]. [redacted] Esta dissertação SEGUE AS CONEXÕES entre SINGULARIDADES DE MATÉRIA e TRAÇOS DE EXPRESSÃO e se estabelece no nível dessas conexões, naturais ou forçadas[2]. Já não se trata de extrair constantes a partir de variáveis, mas de **COLOCAR AS PRÓPRIAS VARIÁVEIS EM ESTADO DE VARIAÇÃO CONTÍNUA**[3].

---

1 Texto borrado de Deleuze e Guattari (2012e, p. 14).

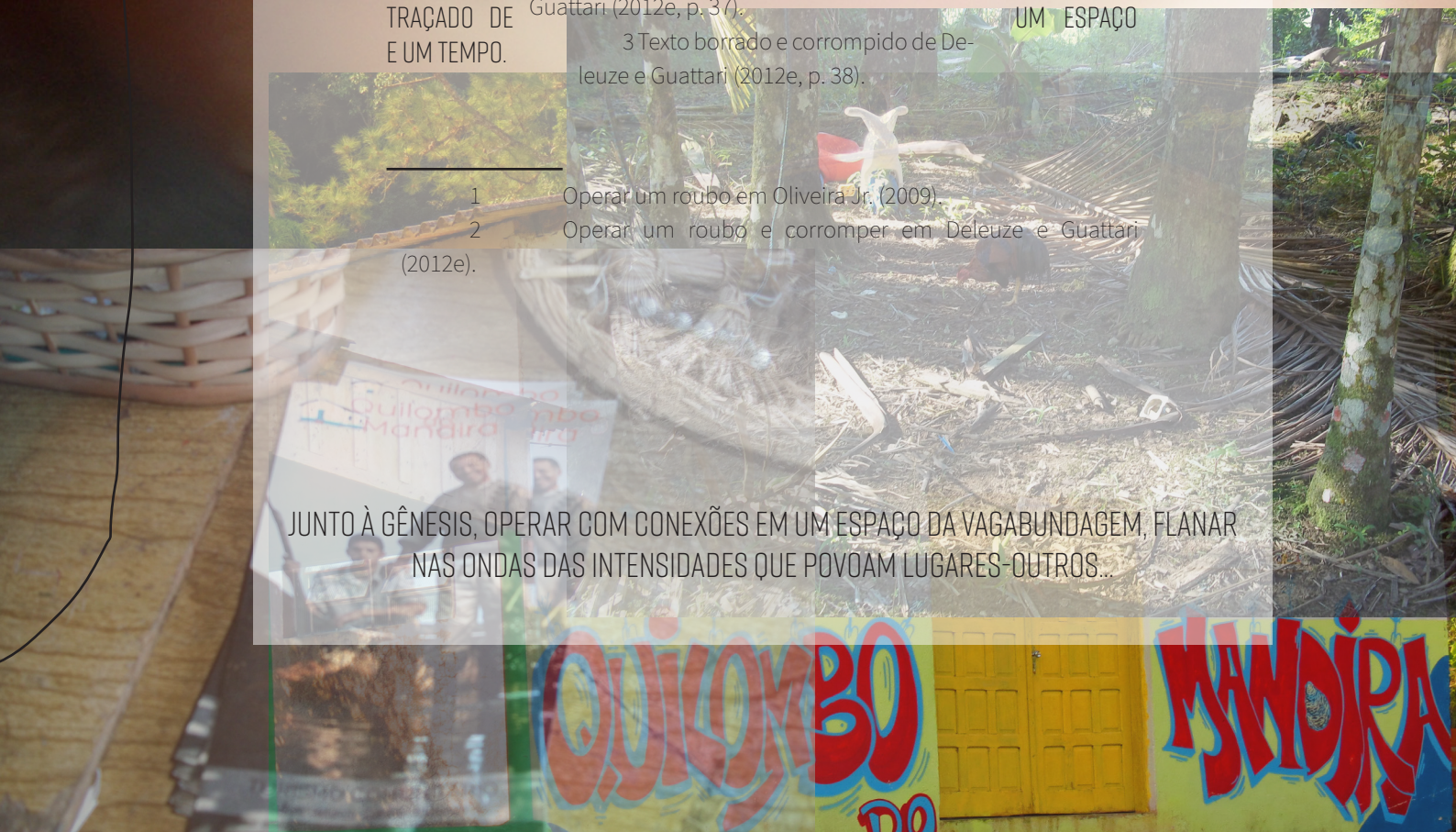
2 Texto borrado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012e, p. 37).

3 Texto borrado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012e, p. 38).

---

1 Operar um roubo em Oliveira Jr. (2009).

2 Operar um roubo e corromper em Deleuze e Guattari (2012e).



JUNTO À GÊNESIS, OPERAR COM CONEXÕES EM UM ESPAÇO DA VAGABUNDAGEM, FLANAR NAS ONDAS DAS INTENSIDADES QUE POVOAM LUGARES-OUTROS...

Mapas-convites



QUE TAL conhecer melhor **A** Reserva Extrativista do Mandira, localizado em Cananeia SP, **1ª** Resex Federal do Estado de São Pau- **abando-** lo, está totalmente **nada** pelo gestor do [redacted], que vive a 100 ni- km da comu- apa- dade e nunca porém rece por aqui, trabalhan- continuamos firmes e do para viver bem aqui. Maiores informações da comunidade está no FACEBOOK QUILOMBO DO MANDIRA..

COMO ESTE **mapa-convite** (SE) CONECTA (EM) **CANTOS**? *Que é reivindicado aqui? Que problema é colocado para uma pesquisa em* EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E Etnomatemática?

Que problema o quilombo do Mandira coloca para uma Educação Matemática?

25 de agosto de 2015 17:15



Prezado,
informamos que a A Resex Mandira não está abandonada pelo [redacted]. Ela é uma unidade que TEM **Plano de Manejo** desde 2010, **PLANO DE UTILIZAÇÃO**, Conselho Deliberativo, **Programa de Proteção**, PLACAS DE SINALIZAÇÃO e **deliberação da unidade**, **BOLSA VERDE**, Cadastro dos Beneficiários, *Concessão Real de Direito de Uso da unidade para a Associação do Moradores*, reuniões periódicas semestrais ordinárias do Conselho, E MAIS AS EXTRAORDINÁRIAS, chegando a até seis reuniões anuais.
A EQUIPE É EXÍGUA, no entanto todo mês realiza operações de fiscalização e faz reuniões com a direção da Associação de Moradores.
Houve reunião do Conselho Deliberativo em março e a próxima será dia primeiro de outubro, com a seguinte pauta:

1- Definição do conceito de beneficiário da Reserva Extrativista do Mandira, para atender parecer da Procuradoria Jurídica
2- Nova composição dos representantes do Conselho Deliberativo, para adequação a nova Instrução Normativa
3- Apresentação do Plano de Proteção
4- Informes gerais

De acordo com nossas informações o senhor é conselheiro nomeado pela Associação dos Moradores, pela área de turismo, mas é ausente nas reuniões desde Setembro de 2011.
26 de agosto de 2015 09:17

UM CONVITE PARA EXPERIMENTAR A AUSÊNCIA DE ENTIDADES? UM CONVITE PARA CRIAR ENTIDADES?

UM CONVITE PARA SAIR DO PAPEL E PRODUZIR UMA REALIDADE?

Esta pesquisa quer-se fazer experimentação de um lugar-espaço-tempo...

Experimentar um abandono no canto... um abandono que produz um conhecimento, uma realidade.

QUE SE QUER COMPARTILHAR? UMA GESTÃO?! ESSE COM-
-PARTILHAR REQUER ENTRAR PELO CONVITE PARA PENSAR UM
LUGAR-ESPAÇO-TEMPO

QUE PODE UMA TEORIA QUANDO ESCAPA DO PAPEL?

COMO UMA DISSERTAÇÃO FUNCIONA COM UM MAPA-CONVITE QUE SOLICITA UMA EXPERIMENTAÇÃO?



UM QUILOMBO COLOCA UM PROBLEMA: PRÁTICA X TEORIA, OU INVERSAMENTE?! PRÁTICA E TEORIA?! QUE ACONTECE COM UMA TEORIA QUANDO CONVIDADA À EXPERIÊNCIA DE UM LUGAR?

Este mapa-convite solicita uma ausência para experimentar uma presença. Uma teoria e uma prática entram em tensão, um lugar convida uma teoria para experimentá-lo, escapar do papel.

“Conheço muito bem a realidade de aqui. *Venham fazer uma visita e irá constatar o que me impede*, no PAPEL pode ser mil maravilhas, mas existe uma ausência sobre existência desta reuniões semestrais, realmente acontece, porém citar que existem reuniões mensais com a diretoria da Associação, posso afirmar que NÃO É VERDADE. Quanto à minha participação nas reuniões do conselho, infelizmente por motivos de trabalho não consigo estar presente, mas o gestor SABE MUITO BEM DO MEU ENVOLVIMENTO COM A COMUNIDADE. Ressalto meu convite para uma visita na comunidade e conversar com os beneficiários, VER O QUE ESTÁ SENDO FEITO NA PRÁTICA, sei de todos os acontecimentos que cita no texto acima, porém, talvez minha definição de gestão seja o oposto do que o [redacted] prega e executa, acredito que para uma gestão obter sucesso necessário, é preciso fazer uma gestão *compartilhada*, e afirmo, existe sim uma ausência do gestor da unidade.

Obrigado pelo retorno e fico a disposição para quaisquer esclarecimento.

Morador do Quilombo Mandira e beneficiário da Resex Mandira.”

Que conhecimento produz uma experimentação de um lugar-espaço-tempo?

Que problema práticas culturais de um quilombo colocam para uma pesquisa em Educação Matemática e Etnomatemática?

Como uma prática escapa com papel?

torNar-se-ia teoria?!

Como um papel escapa com prática?

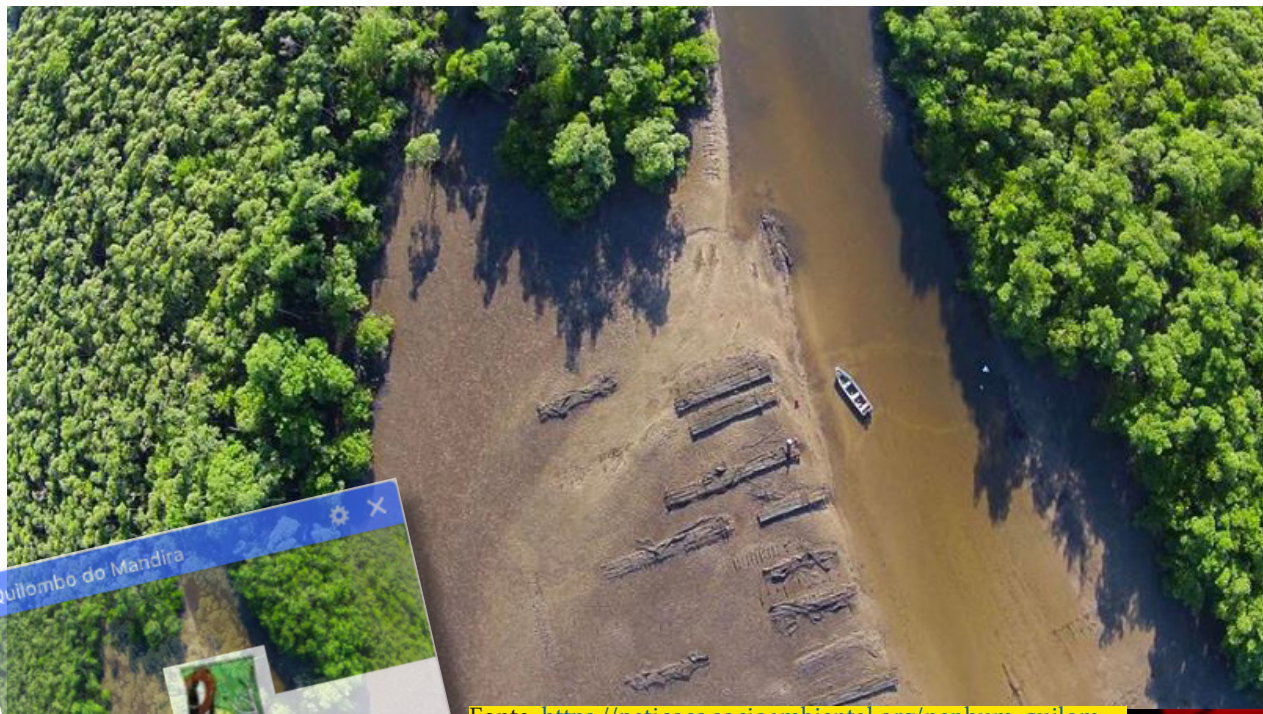
torNar-se-ia prática?!

Que conexões pode um mapa-convite?

Experimentação de um lugar-espaço-tempo desejante?!

QUE CONHECIMENTO PRODUZ UMA PRÁTICA?

Conexões com mapas-convites:
entradas pelo convite, é preciso ligar para funcionar



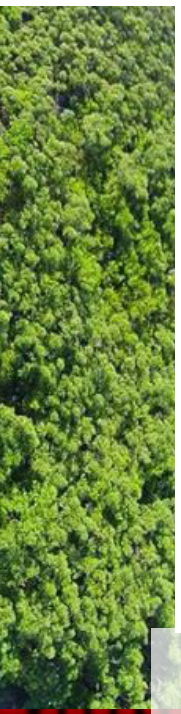
Fonte: https://peticoes.socioambiental.org/nenhum-quilombo-a-menos





Se o mapa se opõe ao decalque é porque está inteiramente voltado para uma EXPERIMENTAÇÃO...! **EXPERIMENTAÇÃO DE UM LUGAR-ESPAÇO-TEMPO**. Uma pesquisa quer-se *FUNCIONAR* como experimentação, material-forças. **FAZER MAPAS**, entrar pelo convite e experimentar um espaço de *múltiplas entradas e múltiplas saídas*.

1 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2012a, p. 30).





Fonte: http://isa.to/29vhe3E

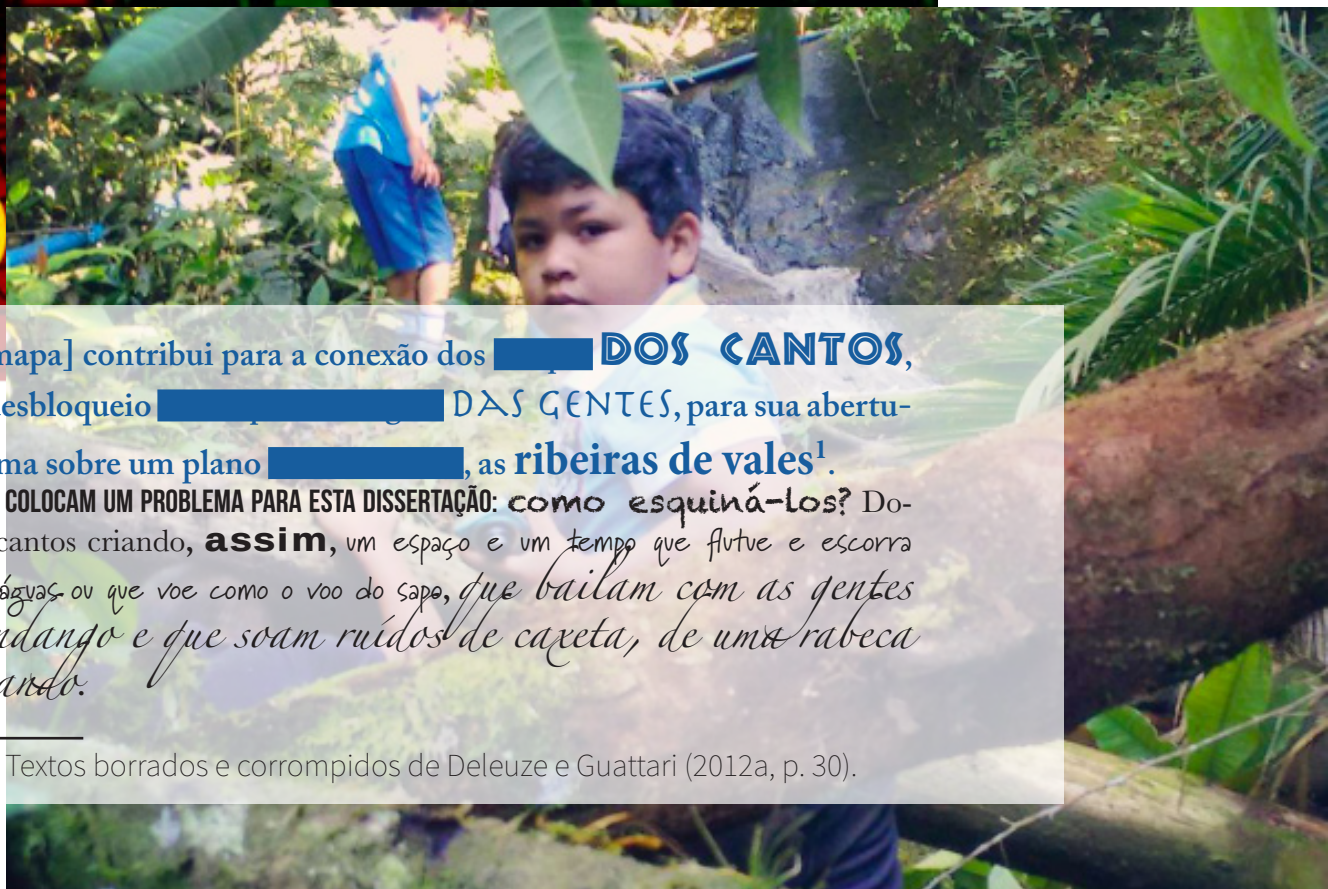
O MAPA NÃO REPRODUZ [redacted] UM QUILOMBO FECHADO SOBRE ELE MESMO[1]. Entrar pelo convite é conectar-se com os modos como esta pesquisa se conectou com o MANDIRA. Uma conexão que produz um modo de visitar um lugar. **A ENTRADA PELO CONVITE PERMITE A EXPERIMENTAÇÃO DE UM ESPAÇO-TEMPO QUE PRODUZ UM CONHECIMENTO, UM CONHECER...** ovos-do-tempo e ovos-do--espaço

1 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2012a, p. 30).

Que **espaço da experiência** e que **experiência do espaço** esta entrada pelo convite produz-se escrita de uma dissertação?

AS *TOPOLOGIAS* DOS FLUXOS SÃO *MISTURAS DE GENTES*, COMPOSTOS DE PELES, LINHAS ESTRATIFICADAS, MAS TAMBÉM **LINHAS DE FUGAS**, SONS, ruídos...





Ele [o mapa] contribui para a conexão dos [redacted] **DOS CANTOS**, para o desbloqueio [redacted] DAS GENTES, para sua abertura máxima sobre um plano [redacted], as **ribeiras de vales**[1].

OS CANTOS COLOCAM UM PROBLEMA PARA ESTA DISSERTAÇÃO: como esquiná-los? Dobrar os cantos criando, **assim**, um espaço e um tempo que flutue e escorra como as águas ou que voe como o voo do sapo, *que bailam com as gentes do fandango e que soam ruídos de caxeta, de uma rabeca peneirando.*

1 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2012a, p. 30).

O caminhar de uma dissertação que quer fazer-se experimentação de um lugar se faz na **imanência da produção de um espaço** "comum", das ribeiras de vales do Mandira, o CAMINHO DAS OSTRAS.

AS ENTRADAS PELO CONVITE PERMITEM A **experimentação** DE UM **LUGAR-ESPAÇO-TEMPO**. A PRODUÇÃO DE UM CONHECIMENTO DAS gentes DAS **ribeiras dos vales**. COMUNIDADES QUE (CO)**EXISTEM** RESISTINDO E **RESISTEM** (CO)EXISTINDO, PRODUZINDO **MODOS DE EXPRESSÃO** DA VIDA QUE PEDEM PASSAGEM PARA CONECTAR-SE COM *mundos*.

Quilombo do Mandira compartió la publicación de Nei Mandira.
27 de enero de 2016 ·

Nei Mandira compartió un enlace.
27 de enero de 2016 ·



www.tvcultura.com.br - Caminhos e Parcerias - Cananéia

"Essa área aqui é a Laguna de Cananéia, o Estuário de cananéia e a gente está contornando a ponta da Ilha de Cananéia para alcançar a Baía de Trapandé, na Baía de...

Fonte: http://www2.tvcultura.com.br/caminhos/05cananeia/cananeia2.htm

Quilombo do Mandira compartió la publicación de Nei Mandira.
23 de enero ·

Olha o Quilombo do Mandira ai, manejo da caixeta do Reinaldo de Oliveira...Sitio Porto do Meio..

Nei Mandira
23 de enero · globo.com ·

Olha o Quilombo do Mandira ai, manejo da caixeta do Reinaldo de Oliveira...Sitio Porto do Meio..



Ipê tem 100 espécies e é a árvore ornamental mais plantada no Brasil

Globo Rural de 22/01/2017

Fonte: http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/edicoes/2017/01/22.html#!v/5592453?utm_source=facebook&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar

[Essas entradas pelo convite] [redacted] NÃO COMEÇAM NEM CONCLUEM, [redacted] [elas] **se encontram sempre no meio, entre as coisas**, **INTER-SER**, *intermezzo*[1]. Resistir produz um lugar, ENGENDRA ESPAÇOS que não são essências de uma **extensão**, mas de uma **copresença de gentes das ribeiras de vales**. O ter-lugar, o comunicar das singularidades no atributo da extensão, ***NÃO AS UNE NA ESSÊNCIA***, mas AS DISPERSA NA EXISTÊNCIA[2]. Ao produzir cartografias desses mapas-conexões, o SER DISPERSA NA EXISTÊNCIA DAS GENTES QUE PEDEM PASSAGEM, produzindo UM ESPAÇO E UM TEMPO DA MARÉ.

Que problema um espaço e um tempo da maré coloca para uma pesquisa em Educação Matemática e Etnomatemática?



1 Texto borrado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012a, p. 48).

2 Texto borrado e corrompido de Agamben (2013, p. 27).

Nessas entradas, uma dissertação se coengendra a processos de resistência das ribeiras de vales. **um povo reivindica a titulação de territórios**, onde práticas de subjetivação ESCAPAM de um papel e PRODUZEM UM ESPAÇO, **UM CONHECIMENTO** constituído com prática, que **ESCAPA COM PRÁTICAS** de um ***CANTO***.

Um espaço e um tempo quer-se compartilhar; UM ESPAÇO E UM TEMPO DA MARÉ, que opõem-se às definições se afirmando em práticas que **conectam mundos**.

Quilombo do Mandira compartió la publicación de Nei Mandira.
15 de febrero ·

Mutirão para limpeza da praça e do centro comunitário do Quilombo Mandira! Esperamos um dia poder contar com o poder público para realizar essas atividades, mas enquanto isso não ocorre, cuidaremos nos mesmo do nosso Bairro!





Quilombo do Mandira compartió la publicación de Povos do Ribeira.
15 de diciembre de 2015 ·

Mulheres Quilombolas do Quilombo do Mandira, localizado no município de CANANEIA-SP, se encontraram com as Indígenas da Aldeia Takuari, localizada no município de Eldorado , para um intercâmbio de experiências e saberes.

Povos do Ribeira
14 de diciembre de 2015 ·

Me gusta esta página

Mulheres Quilombolas do Quilombo do Mandira, localizado no município de CANANEIA-SP, se encontraram com as Indígenas da Aldeia Takuari, localizada no município de Eldorado , para um intercâmbio de experiências e saberes.



Intercâmbio de saberes reúne mulheres quilombolas e indígenas no Vale do Ribeira

Fonte: http://www.sof.org.br/2015/12/11/intercambio-de-saberes-reune-quilombolas-e-indigenas-no-vale-do-ribeira/

QUE CARTOGRAFIAS SE PRODUZEM COM MAPAS-CONEXÕES? Que **GEO-GRAFIAS**? QUE ESPAÇOS E TEMPOS?

mapas-conexões são [redacted] *abertos*, conectáveis em todas suas dimensões, **desmontáveis**, **REVERSÍVEIS**, SUSCETÍVEIS DE RECEBER MODIFICAÇÕES CONSTANTEMENTE. Eles podem ser **rasgados**, REVERTIDOS, *adaptar-se a montagens de* [e com] *qualquer natureza*, **ser preparado por um indivíduo**, um grupo, *uma formação social*.

1 Texto borrado e corrompido de Deleuze e Guattari (2012a, p. 30).



A noção de TERRITÓRIO é entendida aqui num sentido amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia [aqui, é fazer cartografia, grafar um espaço de um lugar das ribeiras]. Os [redacted] [QUILOMBOLAS] se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a UM ESPAÇO VIVIDO, quanto a UM SISTEMA PERCEBIDO NO SEIO DO QUAL UM SUJEITO SE SENTE "EM CASA". O território é sinônimo de apropriação, de **subjetivação** fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma espécie de comportamentos, de investimentos, nos **tempos** e nos espaços sociais, **culturais**, estéticos, cognitivos.[1]

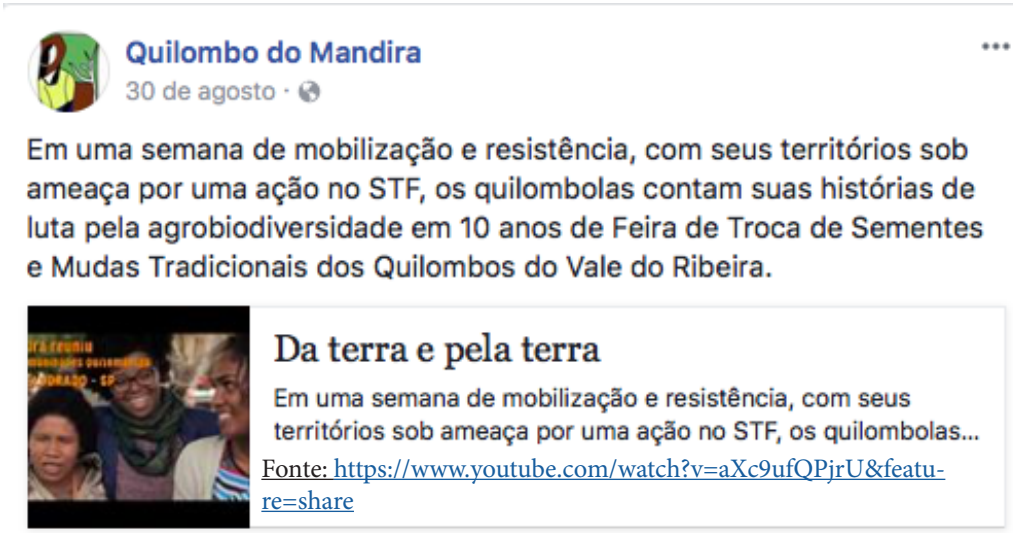
Das múltiplas entradas existentes, entrar **pelo convite** é dar-se à experimentação de um lugar-espaço-tempo, criar CARTOGRAFIAS DE UM ESPAÇO E DE UM TEMPO com a experimentação de um lugar. O **TERRITÓRIO**, neste caso, não é apenas aquele do campo da visibilidade do olho, mas **multiplicidade** de **relações sociais**, **CULTURAIS** e... (que PRODUZEM PRÁTICAS) de margens intensivas. Buscar a garantia do território é reivindicar uma infância com o lugar, com o espaço criado; é espacializar o tempo e produzir uma realidade.

O território, assim, constitui-se MODOS DE EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA, ONDE AS SUBJETIVIDADES NÃO ESTÃO DESLOCADAS DAS COISAS FÍSICAS. O sentir-se **"EM CASA"**, muito presente na GÊNESES e em algumas partilhas, é a constituição desse **território de subjetividades e de subjetivação que engendra formas de existência, matérias de expressão, de um povo,** os quilombolas, salientando margens e moventes como operador de potências.

Entrar pelo convite permite um mapeamento desses territórios existenciais, uma **experimentação de** com a RESISTÊNCIA de **cantos**. Cartografar esses territórios existenciais, com uma escrita e imagens, é **produzir não apenas** UM ESPAÇO "VIVIDO", mas UM ESPAÇO "MOVENTE", onde um TEMPO É ESPACIALIZADO COM MARÉ, com ribeiras. E a espacialização do tempo se faz com práticas culturais de um lugar que convida à experimentação em um plano de vida.



1 Textos borrados e corrompidos de Guattari e Rolnik (1996, p. 323).



O território pode se **desterritorializar**, isto é, ABRIR-SE, ENGAJAR-SE EM LINHAS DE FUGA e até SAIR DE SEU CURSO e se destruir. [As comunidades quilombolas] estão **mergulhadas** num imenso ***MOVIMENTO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO***, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com [redacted] políticas [de vida] que ultrapassam os quadros da TRIBO E DA ETNIA, com os SISTEMAS MAQUÍNICOS que a levam a **atravessar**, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais.

A reterritorialização consistirá numa tentativa de [redacted]composição de um território engajado num **processo desterritorializante**.[1]

A FEIRA DE TROCA DE SEMENTES, por exemplo, constitui UM ESPAÇO DE ENCONTRO; não apenas um encontro de pessoas, mas **encontro de resistências**, de histórias, **DE RIBEIRAS**. Trata-se de um evento onde os TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS SE ENCONTRAM, **CONECTAM-SE UNS AOS OUTROS**, [redacted] *se abrem à conexão* e engajam-se a LINHAS DE FUGAS, **MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA** ... Nesses movimentos, **a resistência acontece** NO **e** COM **corpo**, as sementes, as plantas, as receitas etc. trocadas engendram-se a um corpo (quilombola), fazendo-se MODOS DE (CO)EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA em uma praça, constituindo-se, assim, um canto que afirma **potências de vidas** no Estado de São Paulo.

1 Textos borrados e corrompidos de Guattari e Rolnik (1996, p. 323).



Fonte: https://tab.uol.com.br/quilombos



partilha do sensível

uma questão de espaço

No corpo, carrego memórias de infâncias.

Crescido abandonado pelo pai, produzo memórias da roça cuidado pela avó.

A mãe trabalhava e estudava, com um sonho grudado no peito.

Na roça, em minha recordação, uns pequenos galões vermelhos, carregávamos do poço para casa. Cinco minutos a pé, a uma distância de talvez 300 metros, para a direita. Passando na beira de um pequeno 'pé' de manga, onde se amolavam as ferramentas.

Não tinha água encanada.

As noites eram marcadas pelo cheiro de querosene que queimava na lamparina sob um fio de algodão.

Não tinha energia elétrica.

Todo tipo de sons emitiam os animais que topologizavam o lugar.

Lembro-me muito bem de um baú que usávamos para sentar na sala, na parede central da casa, e que, à noite, saqueávamos a compra do mês - coisa de criança.

A casa era feita de barro, o chão também. Era tudo feito a barro; barro e madeira.

No fogão a lenha, no canto esquerdo da casa, na parte mais baixa do barro, aguardava ansiosamente as guloseimas da avó.

Com uma foice na mão, sem saber usá-la, pastava com o avô pela roça que rodeava a casa.

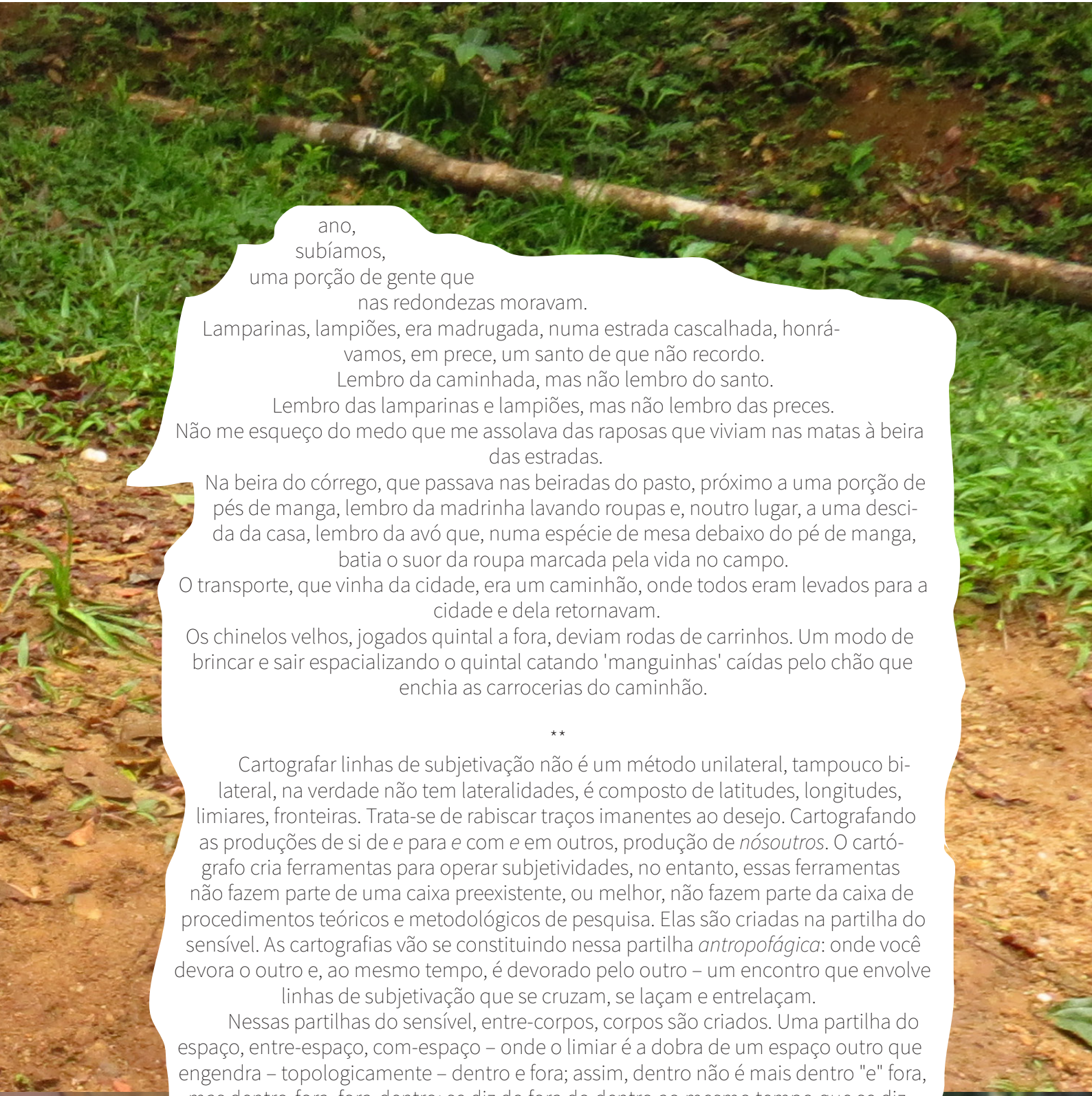
À beira da janela do quarto, uma pequena plantação de mandioca. Num espaço de 5 passos, uma outra de corante e algodão.

Na pequena casa de barro, um quarto, quatro camas com colchões feitos a palha, uma sala, uma cozinha, e havia também um outro cômodo, da bacia e do banho ao lado direito da cozinha.

Próximo à casa, paralelo à pequena plantação de algodão e corante, um paiol. Um pouco acima: um coxo e umas vaquinhas.

As estradas eram estreitas; eram trilhas. Trilhas que levavam à casa da madrinha e à escola que nunca vi funcionar.

Em uma dada época do



ano,
subíamos,
uma porção de gente que
nas redondezas moravam.
Lamparinas, lampiões, era madrugada, numa estrada cascalhada, honrávamos, em prece, um santo de que não recordo.
Lembro da caminhada, mas não lembro do santo.
Lembro das lamparinas e lampiões, mas não lembro das preces.
Não me esqueço do medo que me assolava das raposas que viviam nas matas à beira das estradas.
Na beira do córrego, que passava nas beiradas do pasto, próximo a uma porção de pés de manga, lembro da madrinha lavando roupas e, noutro lugar, a uma descida da casa, lembro da avó que, numa espécie de mesa debaixo do pé de manga, batia o suor da roupa marcada pela vida no campo.
O transporte, que vinha da cidade, era um caminhão, onde todos eram levados para a cidade e dela retornavam.
Os chinelos velhos, jogados quintal a fora, deviam rodas de carrinhos. Um modo de brincar e sair espacializando o quintal catando 'manguinhas' caídas pelo chão que enchia as carrocerias do caminhão.

**

Cartografar linhas de subjetivação não é um método unilateral, tampouco bilateral, na verdade não tem lateralidades, é composto de latitudes, longitudes, limiares, fronteiras. Trata-se de rabiscar traços imanentes ao desejo. Cartografando as produções de si de *e* para *e* com *e* em outros, produção de *nósoutros*. O cartógrafo cria ferramentas para operar subjetividades, no entanto, essas ferramentas não fazem parte de uma caixa preexistente, ou melhor, não fazem parte da caixa de procedimentos teóricos e metodológicos de pesquisa. Elas são criadas na partilha do sensível. As cartografias vão se constituindo nessa partilha *antropofágica*: onde você devora o outro e, ao mesmo tempo, é devorado pelo outro – um encontro que envolve linhas de subjetivação que se cruzam, se laçam e entrelaçam.

Nessas partilhas do sensível, entre-corpos, corpos são criados. Uma partilha do espaço, entre-espaço, com-espaço – onde o limiar é a dobra de um espaço outro que engendra – topologicamente – dentro e fora; assim, dentro não é mais dentro "e" fora, mas dentro-fora, fora-dentro; se diz do fora do dentro ao mesmo tempo que se diz do dentro do fora. Dobras topológicas de algo que escapa de sua pele, que acontece no corpo.

PRIMEIROS TRAÇOS: CANTOS E MAPAS

Com essas forças e como parte delas [redacted] esta dissertação se faz EXPERIMENTAÇÃO DO QUILOMBO. ~~No entanto, ser povoado por ele era, com certeza, algo que eu não imaginava como seria.~~ O EXERCÍCIO É OPERAR INTER-SER, ESVAIR-SE DAS SIGNIFICAÇÕES E PRODUZIR A-SIGNIFICAÇÕES JUNTO A ACENTRAMENTOS DE "EUS". ENTRAR PELO CONVITE DE UM LUGAR... ~~Na verdade eu imagino, lancei mão da imaginação que me resta para criar, junto aos [redacted], ao sujeito quilombola. Não apenas ele, mas o lugar onde ele vive e, até mesmo, o seu modo de viver.~~ O projeto de pesquisa **BUSCA MARGEAR DOBRAS, DESDOBRAS E REDOBRAS DA VIDA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DO VALE DO RIBEIRA – SP**. Vidas que vivem (e produzem) TERRITÓRIOS MARGINALIZADOS[iii] pela GEOGRAFIA DO LUGAR, **EDUCAÇÃO**, **saúde**, **ECONOMIA E...** Trata-se de produção de vidas de e em e com e para *CANTOS*. CANTO DA LIBERDADE. **CANTO DO MAPA**. Canto da educação. *Canto da saúde*. **CANTO DA VIDA**...

uma dissertação que

Como fazer a margem, o canto, virar potência?

Essa busca por margear um território quilombola com a experimentação de um lugar coloca para esta dissertação modos-outros de **PENSAR O ESPAÇO**. Vai-se constituindo uma geografia operatória dos traços: TOPOLOGIA DOS FLUXOS; cartografias de mãos e pés salientam ~~UM TRAÇADO~~, uma grafia, uma **GEO-GRAFIA**, de **um (e das) margens** com as vivências de um quilombo. **O MAR E O RIO ATRAVESSAM TODOS MAPEAMENTOS**, seja com as entrevistas que compõem a Gêneses ou com as imagens produzidas pelas crianças do quilombo.

QUE ESPAÇO É PRODUZIDO COM ESSE CANTO QUE AVULTA UMA REALIDADE DAS RIBEIRAS?

COMO OPERAR COM MARGEM E MOVENTE?

espaço às

QUER-SE COM ESTA DISSERTAÇÃO FRICCIONAR [redacted] FICÇÕES EM CANTOS COM ~~imaginação, a princípio induzida pelo vício das fontes, produz nomes para as comunidades tradicionais de quilombo. Após algum tempo, chamo-os apenas de povo.~~ MAPAS ATÉ DEVIREM ESPANTOS

POVOS (DES)CONHECIDOS COMO HERDEIROS DE ZUMBI. Povo de que ninguém ouviu um soluçar de dor em um canto do mapa do Estado de São Paulo[1]. Canto que, grosso modo, foi entendido como local da extração e agricultura tradicional e agrícola do Brasil colonial, onde, Pois se canto esse economia CANTO COM OS CANTOS; Colônia CANTO EM CANTOS, **encantos**. negros Esses cantos para o canto, são cantos de vida; numa experiência de dura lida. Por cantos, espantos. **Em cantos, encontros**. Por vias, estrias. Em cantos, com cantos, um povo. Com marcas e rachas, territórios demarcam. Categorias se criam e identificam uns cantos, estriam espantos. Por tantos encantos, questões que despontam: QUE VIDAS QUE PULSAM NOS CANTOS DOS PONTOS? Que vidas que vivem em cantos de pontos, em pontos de cantos? QUE LINHAS QUE RASGAM E SE FAZEM ENCONTROS? século XVI e XVII – foram capturados de várias regiões da costa ocidental e oriental da África e que, enviados ao tráfico negreiro para o Brasil, foram escravizados, se **MISTURARAM**, **estabeleceram relações**, **compartilharam dores**, TRABALHO e, sobretudo, *compartilharam vidas*. [COMO ESSES CANTOS PODEM SER "ENTENDIDOS" AQUI?] NESSES CANTOS, AINDA COMPARTILHAM VIDAS... **QUE PROBLEMAS COLOCA ESSA PARTILHA PARA ESTA DISSERTAÇÃO?**

Após o ciclo econômico, nos séculos XVI e XVII, da mineração do ouro, por mão-de-obra escrava, no Vale do Ribeira, muitos ex-escravos ocuparam algumas de suas terras e desenvolveram uma agricultura de subsistência e outra voltada ao comércio de alimentos, tanto para o consumo regional, como para o comércio com outras regiões do país[2], por exemplo, o desenvolvimento agrícola do arroz no final do século XVII e, mais tarde, nas primeiras décadas do século XX, a produção das roças de bananas. Junto a esses desenvolvimentos agrícolas, esses povos fixaram-se nas terras **MATA ADENTRO**, constituindo o que hoje é conhecido como **COMUNIDADES TRADICIONAIS DE REMANESCENTES DE QUILOMBO** ou **comunidades negras**.

As práticas no canto vão se constituindo potência, promovendo um canto, fazendo-se vozes das gentes das ribeiras de vales.

COMO OPERAR COM OS MAPAS-CONEXÕES E PRODUZIR ESPAÇOS OUTROS QUE NÃO SEJAM OS DA REPRESENTAÇÃO?

1 Operar roubo em Canto das 3 Raças, cantada por Clara Nunes.

2 Operar roubo em Andrade e Tatto (2013).

COMO , AO ENTRAR VITES GÊ- PELOS MAPAS-CON- E PELAS NESES PRO- DUZIR UM ESPAÇO RELA- CIONAL EM VEZ DE UM ESPAÇO REPRE- SENTACIONAL?

povos marcados pela escravidão, marcham uma **LUTA DE RESISTÊNCIA** em oposição à exploração do trabalho e, sobretudo, da vida. Uma luta das aldeias de hoje em oposição às senzalas de ontem.

Essas lutas produziram (e A produzem) UMA CARTOGRAFIA DAS MATÉRIAS DE EXPRESSÕES distri- (criam) uma REPRESENTAÇÃO ESPAÇO- História, salientando uma *"topologia* (apenas) desse modo contada *jugação do espaço"* sobre o tempo é tirada do espaço sua **MULTI-** produzindo um desenvolvimen- regional através do tempo.

re- buídas nos territórios e criaram -TEMPORAL através da gu- lação do mundo em uma **ÚNICA TRAJETÓRIA**, via a CONCEPÇÃO TEMPORAL DO ESPAÇO, ~~era,~~ é ainda frequentemente um meio de recursar-se a TRATAR A MULTIPLICIDADE ESSENCIAL DO ESPACIAL. Trata-se da imposição de um único universal[1] *do poder"*. A história produz uma *"sub-* na medida que **PLICIDADE**, to (econômico)

O exercício de descolar representativo de uma linearida- apenas uma variabilida- bém ESPACIAL, **a histó- temporal, mas também espa-** do espaço esse caráter de histórica produz não de temporal, mas tam- o que permite dizer que **ria não é apenas cial**[1].

1 Texto riscado e corrompido de Massey (2008, p. 111).

Conectar-se com a Gêneses produz, de início, um pensar espacial que escapa à lógica temporal de uma história (que apreende o espaço no tempo), pois - nas falas dos mandiranos - pode-se **pensar espaço com a vida**, COM AS RIBEIRAS, com os **RIOS, MARES E MARÉS** por eles(as) tanto referidos. O território não se configura (apenas) como superfície física, mas como **habitat de práticas culturais**, de gentes engendradas a ribeiras de vales. Poder-se-ia dizer, junto à Gêneses, que uma **"espacialização da história"** é uma geneografia que engendra uma **cartografia das geo-grafias** e **topologias dos fluxos** da comunidade do Mandira. Isso é dizer que a Gênesis é uma **GENEOGRAFIA DOS TRAJETOS** que não (necessariamente) se alinha a uma história linear, mas a uma **geografia operatória do traço**... dos trajetos distribu- ídos no TERRITÓRIO DAS GENTES DAS RIBEIRAS DE VALES.

COMO PENSAR O ESPAÇO COM MAPAS? **COMO FRICCIONAR OS CANTOS E PRODUZIR ESPANTOS?** como espaço como apresentar Lugar de espantos?

1 Operar roubo em Massey (2008).



ESPAÇO RELACIONAL.... GEOGRAFIA OPERATÓRIA DO TRAÇO... ESPAÇO DE UMA MULTIPLICIDADE DE TRAJETÓRIAS.... OS SCANTOS, COMO FORMAM-SE LUGARES, ENCONTRO... LINHAS DE ESPAÇO, SÃO OS CANTOS, COMO GEM"DE "MOSTRATÓ- TRAJERIAS

Se esta dissertação exercita alguns cantos, é porque só se pode falar desses cantos na multiplicidade. [redacted] Um deles está situado **no canto do mapa**. NAS MARGENS oceânicas (apenas?!); [redacted] às margens de dois estados do Brasil – o sudeste do Estado de São Paulo e o leste do Estado do Paraná. **Vale do Ribeira** (~~marginalização periférica de um espaço geográfico~~); nas fronteiras de dois estados. [redacted]

Como o mapa ao lado produz o Vale do Ribeira? Como operar com esse mapa do Vale do Ribeira MARGENS e **moventes**? Que **espaço-tempo**?

**

O mapa do Vale do Ribeira ao lado, do Sistema de Informações Territoriais - aparelho do Estado - produz um **pensamento espacial do canto** como lugar às margens do Estado de São Paulo. O sistema de co- ordenadas geográficas, em preto, coloca o Vale do Ribeira de canto, **na quina do mapa**. UM PENSAMENTO ESPACIAL DA QUINA?! NO ESCANTEIO DO TERRITÓRIO?! Como produzir com quinas? Que acontece?

O mapa, como represen- [redacted] ajudado deseja *afirmar* [redacted] nossa noção de mapa ~~tenha~~ [tem] tação, *verdade* a apaziguar, a retirar a vida do modo como muitos de nós, mais co- sua ver- mumente, pensamos sobre o espaço[1]. Utilizando o **mapa como** *uma* d a d e) a apaziguar, a retirar a vida do modo como muitos de nós, mais co- acerca **decalque**, REPRESENTAÇÃO DA REPRESSÃO DO ESPAÇO NO TEMPO. É preciso (a do terri- rasgar o mapa... operar (des)orientações nas linhas político-administra- tório. **UMA VERDADE** tivas do Estado - fazê-las delirar - em conexão com um lugar (produzir um **ESTÁTICA, IMÓVEL...** sepa- lugar-espaço-tempo). rada de uma realidade (de um real), da **v i d a**.

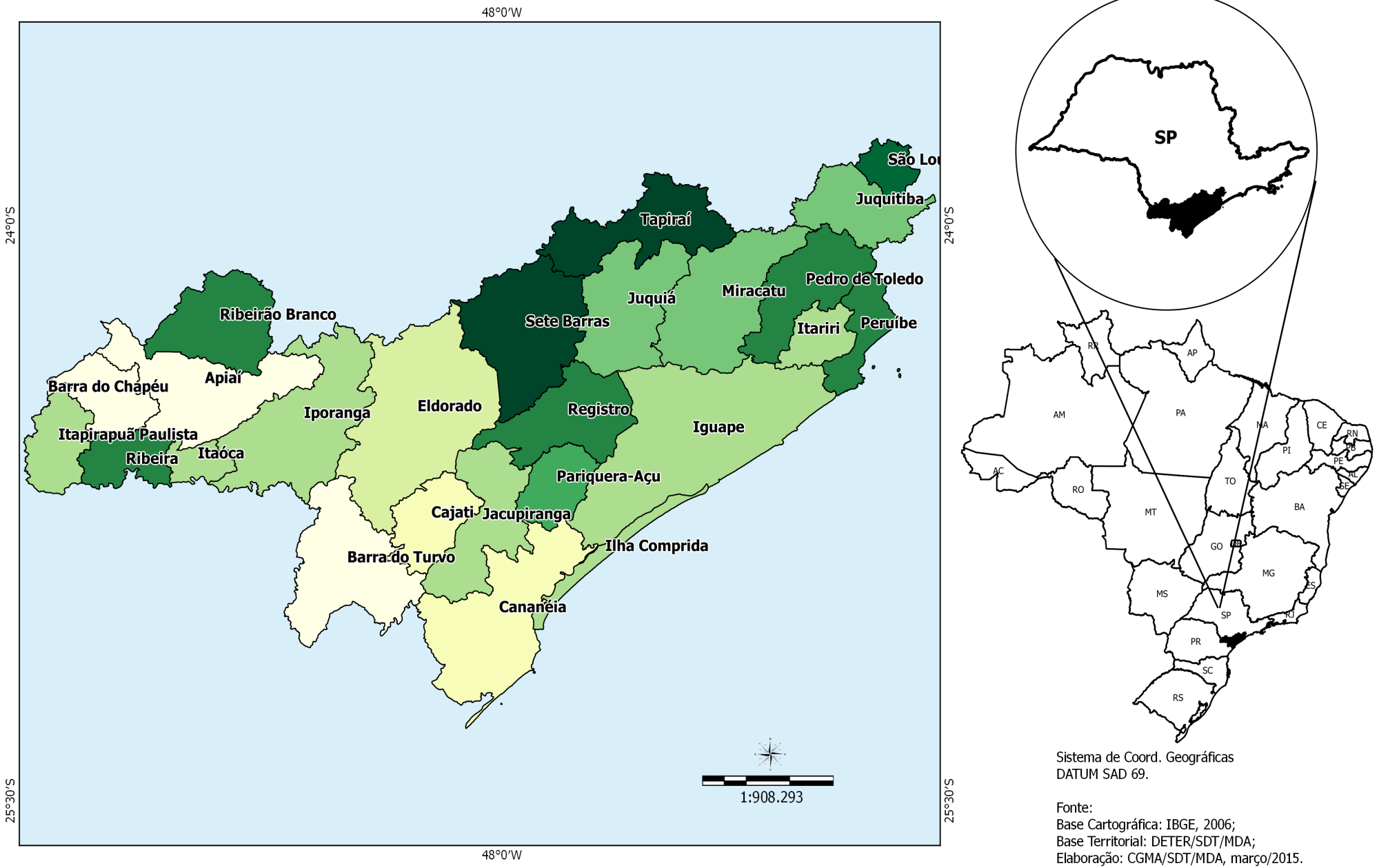
Texto borrado e corrompido

1 de Massey (2008, p. 159).

Uma **topologia do poder** desse mapa CONFINA O ESPAÇO EM UM TERRENO FIRME E PLANO da representação, onde o observador realiza uma **"ANÁLISE" VERTICAL DO ESPAÇO** como SUPERFÍCIE TERRITORIAL - **produz-se uma geometria, uma métrica do espaço em estado de representação**. Os municípios são representados de acordo com as **linhas político-administrativas** do Estado, promovendo uma *espacialização* do território e não uma INAUGURAÇÃO dele como habitat das gentes de ribeiras de vales. **Esse mapa promove um canto** do Estado de São Paulo, no entanto, nos incita a ques- **tos** *podem ser pensa-* tionar: *experimentação em conexão com um lugar? Que* **MAPAS** *que outros* **can-** *dos com* **CARTOGRAFIAS** *de uma um espaço? Teriam Itaóca, Iporanga, Jacupiranga, Ilha Comprida e... ou Cananeia e Cajati e...* UM MES- *produzem uma experimentação de* MO SIGNIFICADO, *uma mesma realidade, mesmos* rios, *mares e* MARÉS *por estarem pintados das mesmas cores?*

O mapa como representação produz UM ESPAÇO HOMOGÊ- NEO, **UM CANTO PRESO EM SUA UNIDADE**... Em vez de *intensivo*, é **EXTENSIVO** às gentes das ribeiras de vales.

Conectar esse mapa, por exemplo, com a GÊNESES, é operar uma **fric- ção** na FICÇÃO ESPACIAL que o Estado promove do **ESPAÇO-TEMPO**, uma **sig- nificação** ou uma **representação**. A Gêneses, as **partilhas do sensível**, as *imagens*, os *vídeos*, inauguram **um espaço aberto**, ENTREGUE AO ACASO, à experiência de um lugar - ***um espaço a-significado***. Em vez de representá-lo, produz uma **"MOSTRAGEM"** do espaço como **ABERTURA** (sempre) para **algo novo**.



Fonte: Caderno Territorial 100 Vale do Ribeira - SP, no Sistema de Informações Territoriais

A Gêneses e os mapas-convites, ao conectarem-se a um lugar, descentram as representações das políticas administrativas produzindo, em vez de uma representação, UMA EXPERIMENTAÇÃO DE CANTOS que se fazem **lugares de encontros** e apresentam um **ESPAÇO DE TRAJETÓRIAS**, ou bem traços - uma geografia operatória do traço.

Ao entrar pelo território com as IMAGENS, vídeos, *escritas* e... o **espaço** "se mostra" (sempre) **aberto a conexões**; é arrancado dele a significação (limítrofe estadual, municipal, econômica, comercial etc. - como se elas já existissem ali desde o princípio) tornando o *lugar-espaço-tempo* um nunca perdemos o CAMINHO, não somos, jamais, surpreendidos por um encontro com o inesperado, nunca ENFRENTAMOS O DESCONHECIDO [redacted] arrastado de sua significação única [redacted] "posse" e tornando correspondendo [redacted] contornos precisos" [QUAL A PRECISÃO DESTA DISSERTAÇÃO? pré-CISÃO?!], [redacted] [o Vale do Ribeira], contudo, [É REPRESENTADO] ~~apresentadas~~, [neste mapa,] [redacted] dentro de **UMA MOLDURA** já compreendida [redacted] [O ESPAÇO-TEMPO; produzindo uma "SÉRIE DE APAGAMENTOS" das ribeiras de vales, das intensidades que fazem DELIRAR O MAPA o tornando "*mostragem*" de um ESPAÇO (sempre) ABERTO: "[redacted], [Este mapa do Vale do Ribeira], assim, constitui um mundo em que todas as 'surpresas' possíveis foram [e são] pré-codificadas". [Pode-se, com ele, apenas se orientar, encontrar o caminho, localizar...]. [Nele], não **PERCEBEMOS AS RUPTURAS DO ESPAÇO**, o ENCONTRO COM A DIFERENÇA [redacted] não dirigimos **fora dos limites do mundo** ~~conhecido~~ [por ele representado]. [1]

[Na] representação de espaço **HABITAT RAS** rio é significado na-se *lugar-espaço-tempo* de experiência que produz uma realidade que **CONVIDA**...

O ENCONTRO, COMO ESPAÇO, PRODUZ UMA HETEROGENEIDADE DE PRÁTICAS CULTURAIS E DE COEXISTÊNCIA DE UMA MULTIPLICIDADE DE TRAJETÓRIAS?

LOS MAPAS-IMAGENS, ATRAVESSAM-SE

1 Textos borrados e corrompidos de Massey (2008, p. 165).

Os **MODOS DE VIDAS**, as PRÁTICAS CULTURAIS, das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira friccionam os mapas dos aparelhos de Estado que buscam a representação do espaço. Nessa fricção - possível de ser produzida com a experimentação de uma realidade - a ideia de espaço devém outra que não é aquela das políticas GEOMÉTRICAS OCIDENTAIS: UM ESPAÇO MÉTRICO E LOCALIZÁVEL a partir de *pontos e linhas* de referências das POLÍTICAS ADMINISTRATIVAS DE ESTADO distribuídos em uma **superfície lisa**; em vez disso, nessa fricção, a ficção da representação do real (de uma realidade), é arrastada *[O ESPAÇO AQUI É ARRASTE, MOVIMENTO MOVEDIÇO...]* para **um espaço que inaugura uma "apresentação do real"**[1] ou bem uma **"MOSTRAGEM"**[2] de **UM ESPAÇO COM AS PRÁTICAS CULTURAIS** que nele são distribuídas (e que O OCUPAM). Desse modo, o mapa deixa de ser (somente) **representação do espaço** e devém IMAGEM-RELAÇÃO operando uma **"apresentação"** ou *"MOSTRAGEM"* - **um espaço "legível"**[3] - para além de **um espaço "visível"**.

No mapa da página seguinte, publicado pelo Inventário Cultural de Quilombos no Vale do Ribeira, em 2013, é possível, também, ~~um primeiro contato com a problemática aqui ex-posta~~ **produzir outro pensamento do espaço.** ~~Povo(s) do(s) canto(s) do Brasil; uma trama de pontos que se entrecruzam em forças, constitui alianças uns com os outros, e outros, para serem identificados, reconhecidos, titulados.~~

Se o MAPA anterior do Vale do Ribeira produz **UMA um pensar do CANÇO dentro DE DURA TE MAPA** das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, apesar de apresentar os limites **FUNCIONAR** municipais através das linhas POLÍTICAS ADMINISTRATIVAS do Estado e colocarem o Vale do Ribeira "DE CANTO" no Estado de São Paulo, ***É UM DESVIO DO MAPA REPRESENTAÇÃO***. Ele se torna **"MOSTRAGEM"** de **outro canto** do Vale do Ribeira, um **CANTO DAS RIBEIRAS DE VALES**.

Canto, assim, é arrastado da representação para uma **MOSTRAGEM** DE UMA **um pensar do ço dentro TOS**; **de uma mol-ZER la no tempo**, o que o conge-FA- isso permite **multiplicidades de cantos** e perguntar:

Apresenta, assim, uma "atitude espacial" **das ribeiras**, onde é produzido GEO-GRAFIAS (*e territorialidades*) dessas comunidades com **os rios**, a Bacia Hidrográfica. Esse **DESVIO** opera uma atitude espacial na medida em que entra pelo convite de **experimentação de um lugar** quando foram inventariar as práticas culturais das comunidades do Vale do Ribeira. COMO PENSAR UM ESPAÇO COM CANTOS? Que espaço esses cantos permitem produzir?

1 Operar roubo de Massey (2008, p. 160).
2 Operar roubo de Deleuze (2013, p. 72).
3 Operar roubo de Deleuze (2013, p. 72).



Fonte: Base cartográ ca: IGC, 2009; Territórios quilombolas: ITESP e EAACONE; Vegetação: SOS Mata Atlântica, 2008. (ANDRADE; TATTO, 2013).

ISSO SERIA ESPAÇO, NÃO COMO UMA **superfície lisa**, MAS COMO UMA **ESFERA DA COEXISTÊNCIA DE UMA MULTIPLICIDADE DE TRAJETÓRIAS**[1]. Nesse caso, *os rios*, a **geo-grafia/territorialidades** não demarcam **fronteiras administrativas**, mas TRAJETOS DE UMA GEOGRAFIA OPERATÓRIA DO TRAÇO. A **topologia** engendrada, aqui, já opera espaço, não como uma "coisa" estática e imóvel, mas **interconectado às ribeiras**, **MARGENS** e *moventes*. Os rios, nesse caso, são linhas que traçam cartografias consideradas originárias das cosmologias dos quilombolas do Vale do Ribeira.

Neste mapa, há uma REPRESENTAÇÃO e um **APRESENTAÇÃO** do **espaço**. O aparelho de Estado, representa, através das **linhas de fronteiras administrativas,** as localizações das

1 Operar roubo de Massey (2008, p. 100)



comunidades quilombolas, situando as **FRONTEIRAS MUNICIPAIS** etc. No entanto, as **margens e moventes** atravessam a **FICÇÃO**, produzida pelo aparelho de Estado, de que as fronteiras administrativas sempre estiveram lá e produzem uma **fricção**, fazendo do *mapa parte de um lugar-espaço-tempo*. A CONEXÃO COM O LUGAR torna este mapa uma **APRESENTAÇÃO DE UM ESPAÇO HETEROGÊNEO**, **DÍSPAR**, e não homogêneo, cômpar, como no mapa do Vale do Ribeira representado anteriormente. Aqui, ele não é (apenas) uma **superfície lisa**, uma **MOLDURA**, mas abre possibilidades para a divagação em um ESPAÇO ABERTO "ORIENTADO PARA UMA EXPERIMENTAÇÃO EM CONTATO COM O REAL"[2]. Tem-se aí a dinâmica entre uma geometria métrica e uma **geografia operatória do traço**. Além disso, ele coloca no plano "legível" a problemática da **identificação, reconhecimento e titulação** dos territórios quilombolas.

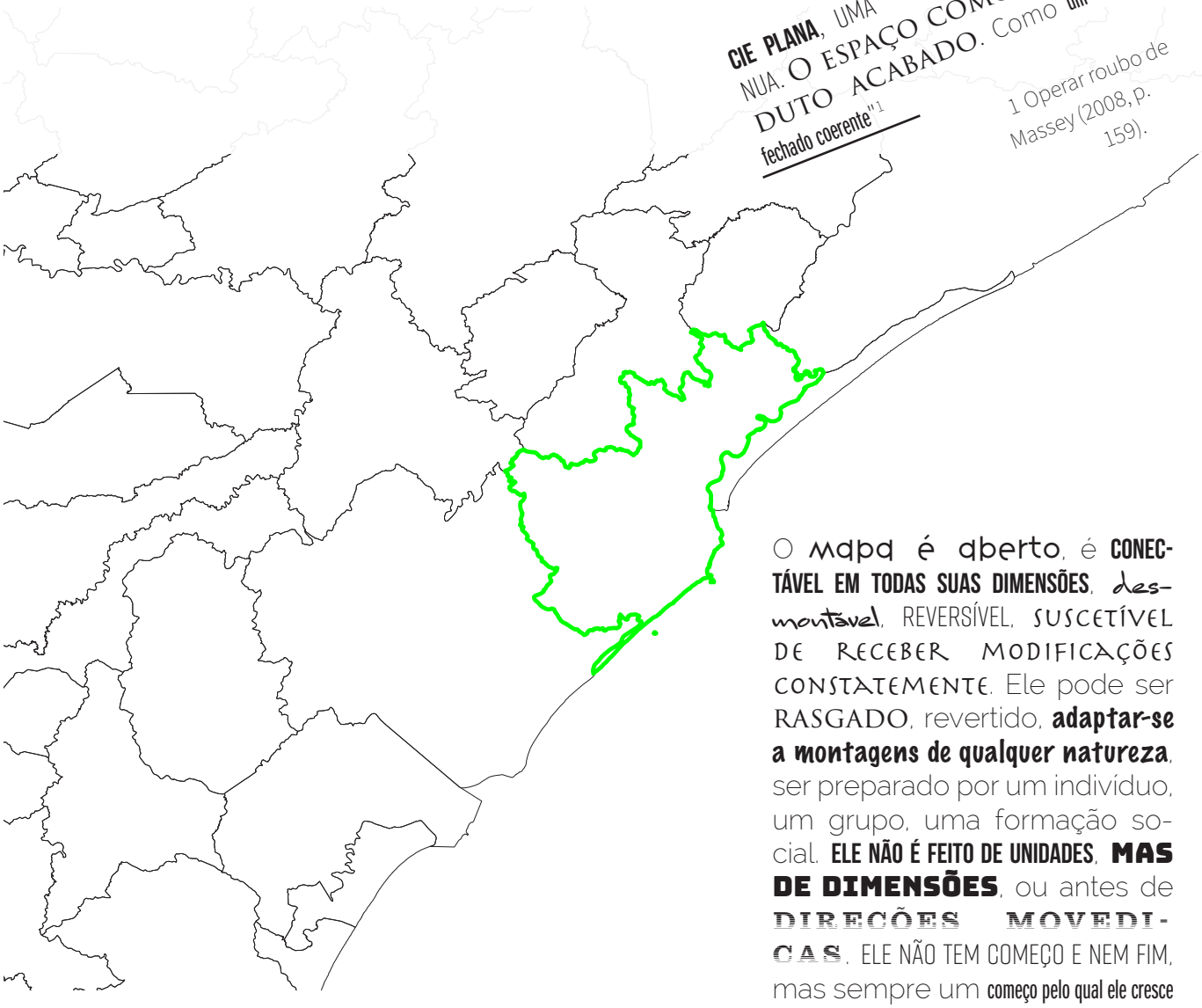
2 Operar roubo de Massey (2008, p. 165).

A COMUNIDADE DO MANDIRA "pertence" ao município de Cananeia, um bairro. Se por uma lado, o **MAPA MUDO** do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), produz uma ESPACIALIZAÇÃO "MUDA" do município, **O ESPAÇO COMO SUPERFÍCIE LISA E EMOLDURADA** - ele não se co-gar. necta à comunidade do Mandira -, por outro, é pos- sível, com ele, DIVAGAR A IMAGINAÇÃO e questionar: **QUE GENTES POVOAM ESSE CANTO?** ***Como esse canto esquina?*** Como gentes arrancam o fantasma branco do espaço produzindo coloramentos?

ESTA DISSERTAÇÃO EXERCITA COMBINAR VÁRIOS MAPAS: MAPAS DE GESTOS E MOVIMENTOS, **Mapas de sons e sussurros**, MAPAS COGNITIVOS... produzir um pensamento do espaço com uma experimentação do lu-

"Aqui **O "ESPAÇO" É UMA SUPERFÍ-**CIE PLANA, UMA SUPERFÍCIE CONTÍ- NUA. O ESPAÇO COMO O PRO- DUTO ACABADO. Como um sitema fechado coerente"[1]

1 Operar roubo de Massey (2008, p. 159).



O mapa é aberto, é **CONECTÁVEL EM TODAS SUAS DIMENSÕES**, desmontável, REVERSÍVEL, SUSCETÍVEL DE RECEBER MODIFICAÇÕES CONSTATEMENTE. Ele pode ser RASGADO, revertido, **adaptar-se a montagens de qualquer natureza**, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. **ELE NÃO É FEITO DE UNIDADES, MAS DE DIMENSÕES**, ou antes de DIRECÕES MOVEDIÇAS. ELE NÃO TEM COMEÇO E NEM FIM, mas sempre um **começo pelo qual ele cresce e transborda**.[1]

Fonte: IBGE

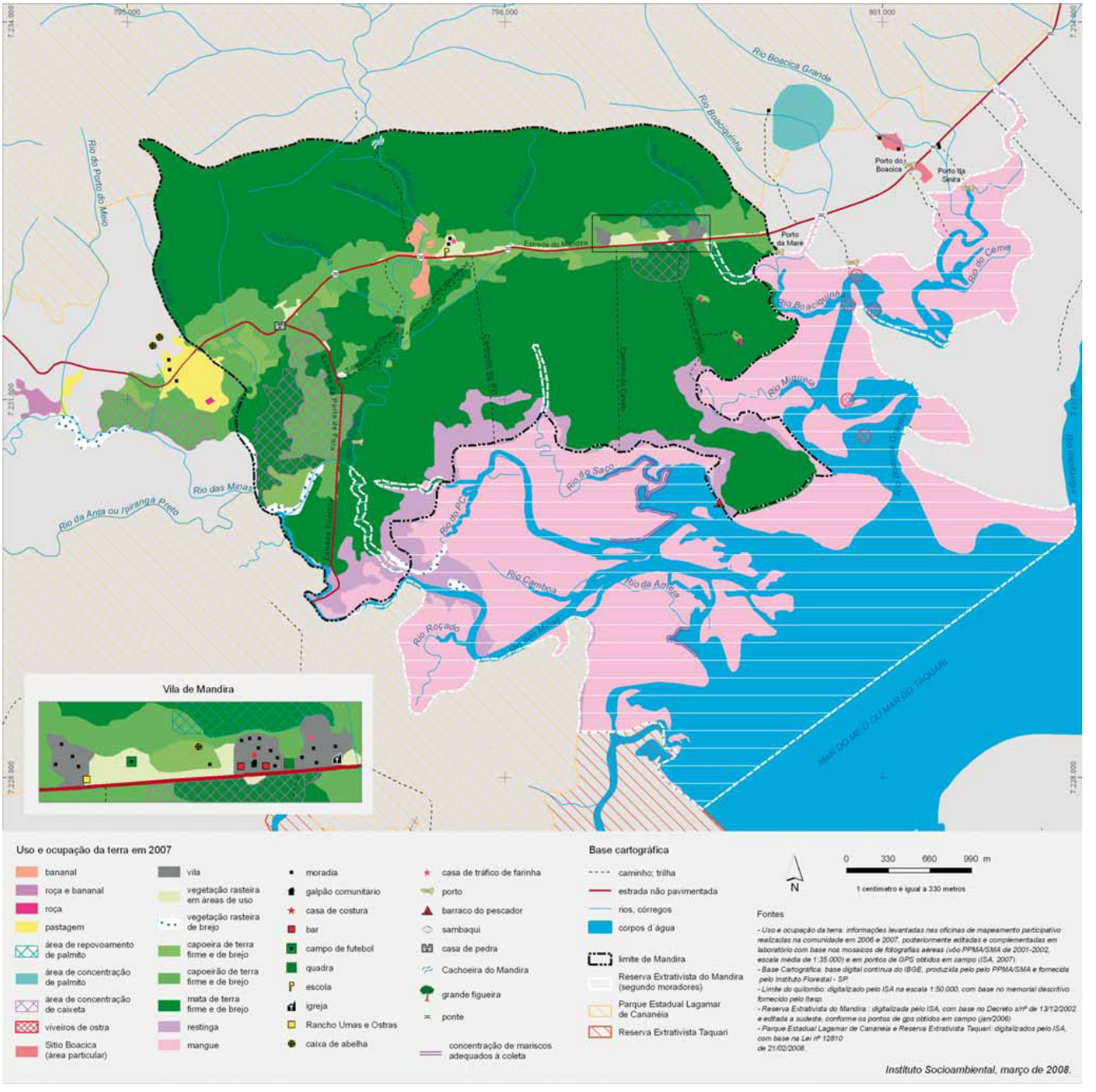
1 Operar roubo de Deleuze e Guattari (2012a, p. 30-43)

Ao conectar o mapa "mudo" com o mapa da comunidade de remanescentes quilombolas do Mandira, publicado em 2008 pelo Instituto Socioambiental, na agenda socieambiental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, ainda que seja um documento do Estado, **O ESPAÇO**, aqui, **JÁ NÃO É APENAS UMA SUPERFÍCIE LISA E BRANCA**, mas UMA ABERTURA À INVENÇÃO DE UM REAL. ***Ele não é fechado*** pela linha política adminsitrativa verde que demarca os limites municipais de Cananéia; não é, aqui, um "CEMITÉRIO DAS DIMENSÕES"[1], mas **ABERTO AO DELÍRIO**, à imaginação. A topologia engendrada aqui está *conectada a um lugar* do quilombo do Mandira, a um **OUTRO MODO DE PENSAR O ESPAÇO**. Isto possibilita um olhar para o mapa que não é **"lá e então"**, mas **"lá, aqui e agora"**[2].

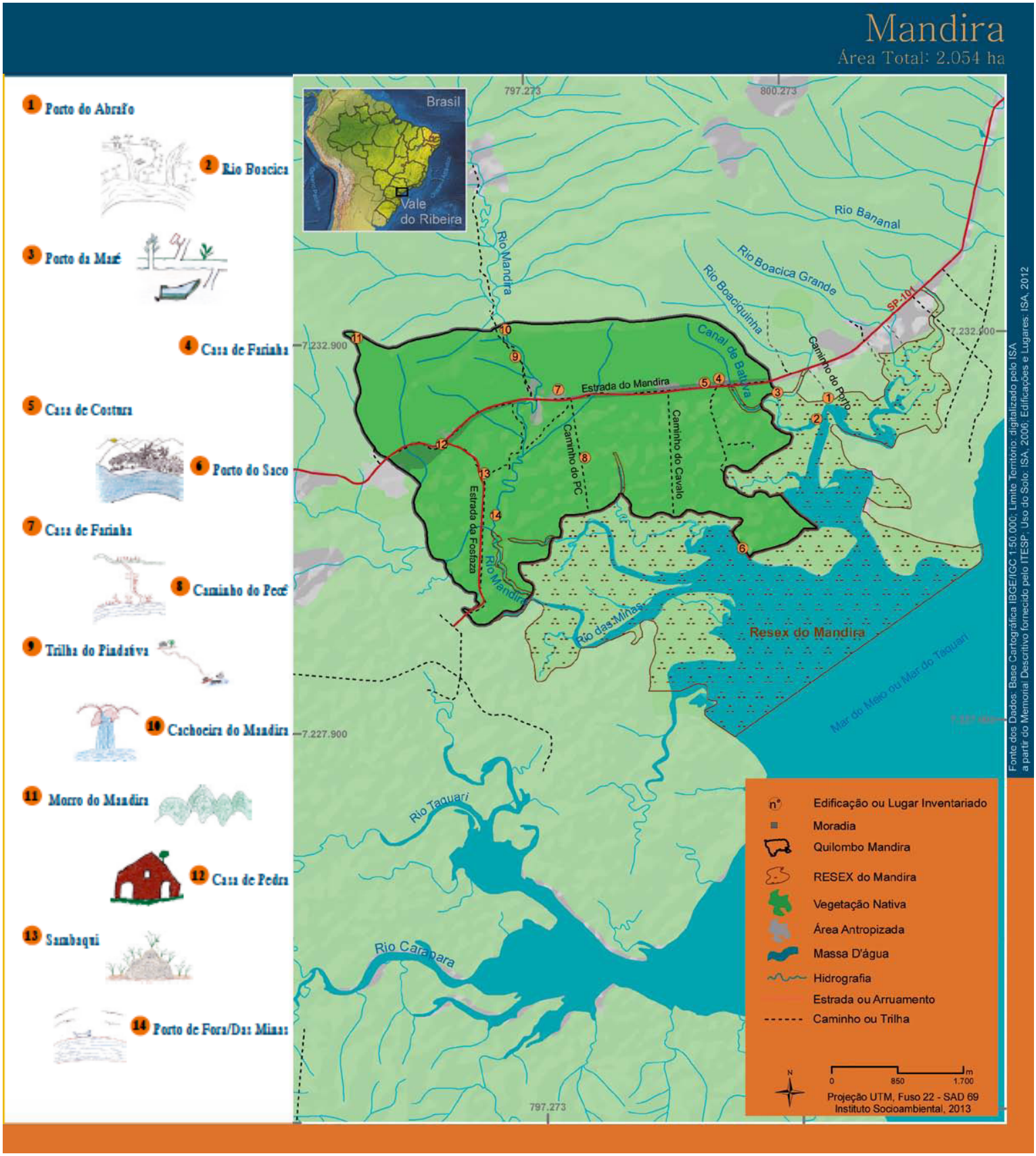
Neste mapa, há COEXISTÊNCIA de bananais, roças, vilas, pastagens, viveiros de ostra, vegetação, restinga, mangue, moradias, casa de costura, igreja, quadra, campo de futebol, rios e córregos e... o espaço não é representado como uma superfície lisa, ele é APRESENTADO COMO UMA MULTIPLICIDADE DE DIMENSÕES, de **TRAJETOS**. Os trajetos aí apresentados, por mais que pareçam estar emodurados, POSSIBILITAM O SONHO, **a imaginação**, O ENCONTRO COMO ACASO, a experiência de um lugar ao conectar -se com a Gênesis que apresenta as **DIREÇÕES** (sempre) **MOVEDIÇAS**.

1 Operar roubo em Massey (2008, p. 110).

2 Operar roubo em Massey (2008).



Fonte: Angenda Socioambiental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, 2008.



Fonte: Inventário Cultural de quilomboos do Vale do Ribeira, 2013.

os mapas desejam e são desejados, são **DESEJANTES**[1]. O desejo do mapa

1 Operar roubo em Girard (2009).

produz (sempre) uma perspectiva do espaço; uns o representam como uma superfície lisa, outros o apresentam SEMPRE ABERTO, **CONECTÁVEL**, PASSÍVEL DE SER RASGADO. Alguns arrancam do espaço a vida o suprimindo-o no tempo, produzindo, assim, uma representação do espaço-tempo; outros, por outro lado, apresentam uma **heterogeneidade de práticas culturais**, de TRAJETÓRIAS, sendo eles produtores de **GEO-GRAFIAS** ou **geografias operatórias dos traços**.

QUER-SE COM MAPAS OPERAR UMA MULTIPLICIDADE DE CANTOS...



Fonte: Mapa feito de sementes, retalhos de tecidd, gravetos, cascas de ostra etc. pelas mulheres quilombolas do Mandira, em uma oficina de costura, em 2009 (MARIANO, 2010, p. 8).

os mapas friccionam a ficção de um espaço "mudo" ao se conectarem com um lugar, produzindo **UM ESPAÇO DE TRAJETÓRIAS**. O mapa, assim, PODE SER DESENHADO "[redacted] numa parece, ~~concebê-lo~~ CONCEBIDO COMO UMA OBRA DE ARTE, ~~construí-lo~~ *construído como uma ação política* ou como UMA MEDITAÇÃO. [**Produzir um espaço aberto como lugar do encontro, sendo o lugar (sempre) uma eventualidade do acaso**]. [redacted] É **uma questão de performance**, enquanto que [redacted] [o mapa como representação do espaço] remete sempre a uma presumida "competência" [geométrica][2]; porém, há que dizer que "o espaço não é um mapa e um mapa não é o espaço"[3], apenas uma apresentação, abertura ao sonho e ao delírio de uma experimentação conectada a um lugar-espaço-tempo.

2 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2012a, p. 30)

3 Operar roubo em Massey (2008, p. 163).

partilha do sensível

política de um esquecimento

Faço artesanato porque gosto, não gera renda. Gosto de fazer porque enquanto se está fazendo uma esteira, por exemplo, se presta a atenção ali e a cabeça fica sossegada. Às vezes, pensamos tantas coisas, tantas bobeiras... pensa coisa boa, pensa coisa ruim. Estar ali com o artesanato já é uma forma para esquecer. Com o artesanato se esquece os problemas.

**

Que política é essa que está engendrada no artesanato? O que se pensa quando tudo é esquecido? Esquecer para pensar e pensar para esquecer?! Suspender as bobeiras, coisas ruins e coisas boas... ao entregar-se a uma política do esquecimento – além do bom e do ruim, das bobeiras – inicia-se um pensar com a esteira, na esteira. O passado é arrastado de sua cronologia e uma nova temporalidade é criada. As noites dormidas à beira do fogão à lenha, ensacados em um saco de linhagem, no chão batido de barro; a gente dormia na esteira. Perto daquela panelona de ferro que tinha a mamãe, de três pernas, que ficava a cozinhar. O papai cortava aqueles pedaços de caxeta – eram lenhas grossonas –, fazia aqueles fachos e colocava no fogo. Naquele tempo, que fazia muito mais frio que agora, pegávamos os banquinhos e sentávamos perto do fogo para se aquentar. A gente dormia na esteira, essas que fazemos no artesanato. Deixar de pensar coisas boas e coisas ruins, estar ali com o artesanato para esquecer. A política do esquecimento produz um pensar com corpo; com corpo na esteira, com corpo na fogueira, com corpo ensacado na linhagem. Esquecer para produzir uma temporalidade na esteira, artes-em-ato. Nesse ato, o passado é arrastado na ordem do tempo, e se faz corpo na esteira. Chegamos a desenhar, a criar imagens do tempo que está a se inaugurar, a fogueira, a panela, o chão, o saco, a esteira, a... criamos imagens do tempo apenas prestando a atenção ali, armamos o cenário cartografando afetos que pedem passagem. Ali, na esteira, onde a política do esquecimento é artes-em-ato. Quando a cabeça sossega, um dessossego é produzido no tempo, produz-se territórios reais (existenciais). A gente dormia na esteira.

esquinar cantos

pensamento com foto-grafias do espaço

Produzir UMA MULTIPLICIDADE DE CANTOS possibilita operar **LUGAR-ESPAÇO-TEMPO** junto a uma multiplicidade de ***TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS HETEROGÊNEAS***. esquinar cantos "é o que ~~estou~~ [estamos] chamando de ESPAÇO COMO A DIMENSÃO DE TRAJETÓRIAS MÚLTIPLAS, **uma simultaneidade** de **estórias-até-agora**. *O espaço como a dimensão de uma multiplicidade de durações*"[1]. Esquinar cantos é produzir "**UM ESPAÇO DE CONTATO**, de PEQUENAS AÇÕES DE CONTATO, TÁCTIL ou **manual [com as gentes das ribeiras de vales]**, mais do que visual, como ~~era~~ [é] o caso do espaço estriado [produzido pela representação do espaço como supercie lisa]. [Esquinar cantos é produzir] UM CAMPO SEM CONDUTOS NEM CANAIS. Um campo, **um espaço heterogêneo**, [que] espossibilita um tipo particular de multiplicidades: **AS MULTIPLICIDADES NÃO MÉTRICAS**, acentradas, RIZOMÁTICAS, **QUE OCUPAM O ESPAÇO SEM "MEDI-LO"**, e que só se podem explorar "avançando progressivamente"[2].

Mas seguir é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos a procura das "singularidades" de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; quando escapamos à força gravitacional para entrar num campo da celeridade; quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair delas constantes, etc. [1]

Roubo direto de Deleuze e Guattari (2012e, p. 42).

Ao experimentar um lugar, esta dissertação opera ENTRE planos da REPRESENTAÇÃO e da **MOSTRAGEM**: SIGNIFICADO e **a-signicado**, **CENTRADO** e a-centrado... Em contato com o lugar, ela, em vez de representar um espaço, exercita UM "seguir" as trajetórias múltiplas, um **fazer-se itinerante**, ambulante, produzir um lugar-espaço-tempo; um **"A-MAIS"**, contentando-se em INVENTAR PROBLEMAS. Ao operar com uma **geografia operatória do traço**, grafias do espaço, *trajetórias*, **exercita um seguir as conexões das singularidades e traços de expressões,** ESTABELECENDO-SE NAS CONEXÕES MÚLTIPLAS... quer fazer-se **"MATERIAL-FORÇAS"**.

E, se os mapas são ***IMAGENS***, aqui, eles são IDEIAS, **perguntas**, **propostas**, **intensidades**... As FOTO-GRAFIAS são **grafias do espaço**, entrada no ACASO das trajetórias movediças. As "IMAGENS tornam-se PENSAMENTO, capazes de apreender os mecanismos do pensamento"[3], pois nunca estão sós, sempre em **relação**, em conexão **com o lugar**...; elas fazem delirar, deambular; fazem de uma dissertação em Educação Matemática e Etnomatemática um **lugar ambulante no encontro com uma multiplicidade de trajetórias de um espaço** (sempre) **díspar.**

---

1 Riscar a unidade e operar roubo em Massey (2008, p. 49).

2 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2012e, p. 40).

3 Operar roubo em Deleuze (2013, p. 72).







grafar
FOTO ESPAÇO é uma QUESTÃO PARTILHA





[redacted] **TODO RINCÓN DE UNA CASA**, TODO RINCÓN DE UN CUARTO, **todo espacio reducido,** ~~donde nos gusta acurrucarnos, agazaparnos sobre nosotros mismos~~, *es para la imaginación una soledad*, es decir, el GERMEN de un cuarto, el germen de una casa.

Los documentos que pueden reunirse de lecturas son escasos porque ese estrechamiento, todo físico, sobre sí mismo, **TIENE YA UNA MARCA NEGATIVA** [cantos, por vezes, são tratados como marginais, em seus sentidos mais estigmatizados; aqui, os cantos são **potências de vidas**]. En muchos aspectos, el rincón "vivido" se niega a la vida, restringe la vida, oculta la vida [no entanto, aqui, **cantos são matérias de expressão da vida**].

[redacted] Si se recuerdan las horas del [redacted] **RECUERDA EL SILENCIO**, ~~un silencio de los~~ [redacted] ~~pensamientos~~. ¿por qué describir entonces [redacted] Quer-se aqui ESQUINAR o CANTO, operar [redacted] rincón, produzir [redacted] relacional, [redacted] La ~~geometría~~ [geografia] de [redacted] tan pobre soledad? [redacted] **uma geografia operatória dos traços, DAS TRAJETÓRIAS, DOS CANTOS (ESQUINADOS)**. Um espaço com "[redacted] **variação contínua de suas orientações**, referências e junções; operar gradualmente. [redacted] [a escola] ou o [redacted] [mangue] de longe, [redacted] [POR QUE?] El psicólogo, con UM ESPAÇO RELACIONAL, [redacted] el mencon- [redacted] y sobre todo bien inú- [redacted] tafísico, estos [redacted] trarán cuitos [redacted] tiles

Por exemplo, o [redacted] [MANGUE], [redacted] DE PURA CONEXÃO. Contrariamente ao que se costuma dimar, ESPAÇO ~~local~~ [redacted] zer, nele não se enxerga de longe, e se enxerga o [redacted] NUNCA SE ESTÁ "DIANTE" dele, e tampouco **se está "dentro" dele** (**ESTÁ-SE "NELE"**...). AS ORIENTAÇÕES NÃO POSSUEM CONSTANTE, mas mudam segundo as vegetações, as ocupações, as precipitações temporárias. *As referências não possuem modelo visual* capaz de permutá-las entre si e reuni-las numa espécie de inércia, que pudesse ser assimilada por um observador imóvel externo. Ao contrário, *estão tão ligadas a tantos observadores que se pode qualificar de "mônadas"*, mas que SÃO, SOBRETUDO, NÔMADES **ENTRETENDO ENTRE SI RELAÇÕES TÁTEIS**. As junções não implicam qualquer espaço ambiente no qual a multiplicidade estaria imersa, e que proporcionaria uma invariância às distâncias; ao contrário, CONSTITUEM-SE SEGUNDO DIFERENÇAS ORDENADAS que fazem variar intrisecamente a divisão de uma mesma distância[1]

TOPOANÁLISIS **[esta dissertação quer fazer-se "topoanálise" dos cantos esquinando, desses "lugares" como foco do encontro e do desencontro, lugar do acaso]**. Saben observar directamente los caracteres "reservados". ~~No necesitan que se les describa al ser cejijunto como un ser arrinconado~~. Pero NO BORREMOS TAN FÁCILMENTE LAS CONDICIONES DEL LUGAR. ~~Y todo retiro del alma tiene, a nuestro juicio, figura de refugio. El más sórdido de los refugios,~~ **EL RINCÓN, MERECE** ~~un examen~~ *[uma cartografia]*. RETIRARSE EN SU RINCÓN ES SIN DUDA UNA EXPRESIÓN POBRE. Si es pobre, es que tiene NUMEROSAS IMÁGENES, E PENSAMENTOS imágenes [COM PENSAMENTOS SAMENTOS COM IMAGENS'] [redacted] Lenescrita para esquicantos [redacted] Aveces, **CUANTO MÁS SIMPLE ES LA IMAGEN, MÁS GRANDES SON LOS SUEÑOS**.[2]

Siciar A NAR

1 Textos borrados e corrompidos de Deleuze e Guattari (2012e, p. 218).

1 Roubo direto corrompido de Wunder (2008, p. 26).

2 Textos borrados, riscados e corrompidos de Bachelard (2000, p. 127-128).





















IMA-
GEM COMO
MOSTRAGEM
DE UM ESPAÇO
DE MÚTIPLAS
TRAJETÓRIAS...
IMAGEM-
-MOVI-
MENTO






























TIO
SOU
MO
CO


á
gua
O
LHA


PE-
RAÍ
MEN
AU
AUMENTEI
VOU
TAR
VOCÊ


e A
TUDO
VO
ÁR
RE


SAÍ
TODO
COR
MEU
do
Na


fo
to
segUE
FIA
gra
PE


carto
Foto
Geo

GeoGrafias Trilhas

Um espaço tátil, que **ESCAPA DAS SIGNIFICAÇÕES HISTÓRICAS**, A SIGNIFICADO, **a-centrado**... **PENSAMENTO COM IMAGEM** e **IMAGEM COM PENSAMENTO** e produzir **UM ESPAÇO DE PASSAGEM**, UMA TRAVESSIA, **ambulante**, que transborda trajetórias, uma *geografia operatória do traço* como esquinar cantos... esquinar cantos como UM EXERCÍCIO DE TRAÇAR CARTOGRAFIAS OUTRAS **(GEOMETRILHAS)**, **conectadas a um lugar**, SEM APAGAMENTOS; escapar do cemitério das dimensões e **ENTRAR NO ESPAÇO COMO LUGAR DO ENCONTRO E DO ACASO**.


A
PRE
TAN
do
SEN
FO to


gra
fos
DO
es
PA
ço

Que Invenções Inventam Um Inventário?

O inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira inventariou, em 2013, as práticas culturais de diversas comunidades quilombolas.

Dentre as 88 comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, [redacted] foram inventariadas aquelas pertencentes aos municípios de Iporanga, Eldorado, Cananeia, Iguape e Itaóca.

[redacted] Ao entrar pelo Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira[1] [redacted] ~~tive meus primeiros contatos~~ tem-se outra entrada em uma realidade [redacted]. **[Que inventa um inventário? QUE INVENÇÕES?!]** ~~Descobri que~~ nessas comunidades *foram* ***inventariadas*** *mais de 180 práticas culturais* que relacionavam os **conhecimentos e práticas produzidos por elas** *[Um conhecimento de um lugar?! Ao produzir um mapeamento de práticas culturais, múltiplas são as possibilidades de experimentar um lugar-espaço-tempo]*. [redacted] Apesar de haver nesse documento, um operar de um aparelho de Estado e seus **dispositivos de captura**[2] - que operam como nas antigas histórias de guerras bíblicas, sobretudo as que os inimigos dos hebreus travavam contra a "nação escolhida", quando se posicionavam em regiões estratégicas: sitiava a tribo hebreia e, à espreita, aguardava o momento certo para exilar a todos e tomar o território - há nele, também, **INVENÇÃO... QUE INVENTA!**

[redacted] O processo de identificação, reconhecimento e titulação das comunidades tradicionais e de suas práticas culturais (ou como referido na Constituição, manifestações culturais) está apoiado não só pelos art. 215 e 216 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), mas também pelo decreto n.° 3.551 (4 de agosto de 2000). Por eles, essas comunidades tradicionais e suas práticas cultuais são reconhecidas como formadoras da sociedade brasileira. [Há aí um operar de uma macropolítica e uma **micropolítica**].

Apesar disso ocorrer por um processo classificatório, uma vez que as práticas culturais inventariadas pelo Inventário Cultural de Quilombos do Vale Ribeira são identificadas à luz das categorias explicativas definidas pelo INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) e implementadas pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) [CELEBRAÇÕES; **Formas de Expressão**; **Ofícios e Modos de Fazer**; LUGARES; EDIFICAÇÕES], é possível entendê-las não apenas como uma CAPTURA, mas como um **modo de operar das micropolíticas**, pois, para a construção do inventário, a instituição envolvida

"dever" de incentivar e VALORIZAR A CULTURA, de proteger os **bens materiais** e IMATERIAIS e, com isso, **LEGITIMAR A EXISTÊNCIA** ***DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS****, seus modos de existir e de produzir conhecimentos,* ela toma posse. **Na micropolítica**, as comunidades ganham AUTOMIA PARA OCUPAR O TERRITÓRIO, distribuir-se nele afirmando trajetórias. Também, CASAS TRAJETÓRIAS ATRAVESSAM OS DOCUMENTOS (ou DO ESTADO nos processos de identificação, reconecimento e titulação, pois os aparelhos de estados, **para conectar-se com inventariar, precisam um lugar.**

A TEORIA ESCAPA PARA UMA EXPERIMENTAÇÃO DO LUGAR GRAFANDO, no livro inventado, **TRAJETOS DE UM CANTO - *devém dobra teoria e prática***. Traços de uma geo-grafia e uma topografia (ou **GEOMETRILHAS**) dos quilombos do Vale do Ribeira. É possível dizer, com isso, que as RIBEIRAS DE VALES [as gentes, MARGENS E MOVENTES...] transbordam as metrificações das linhas administrativas desses documentos e as **fazem delirar em um lugar-espaço-tempo**. O documento DEVÉM POTÊNCIA, AFIRMAÇÃO DAS GENTES DAS RIBEIRAS DE VALES.

1 Entrada em Andrade e Tatto (2013).

2 Operar roubo em Deleuze e Guattari (2012e).

atravessa no papel uma realidade do lugar.

[redacted]

Se por um lado, o decreto n.° 3.551 - no processo de identificação, reconhecimento e titulação - parece estagnar as práticas culturais em suas cinco categorias, por outro, a experimentação do lugar na constituição do Inventário produz um a-centramento, uma a-significação, das mesmas categorias.

Esse exercício pode parecer reativo, pois o registro das práticas culturais, à luz destas cinco categorias, insinua produzir (apenas) uma representação dos conhecimentos e práticas culturais, quando registrados – e reconhecidos. As cinco categorias por si mesmas representam um "cemitério de dimensões"[3]. Buscam reconhecer e legitimar práticas do passado, práticas do presente... práticas "transmitidas" de geração *por* geração. Pensando assim, poder-se-ia dizer que elas, as categorias (por si mesmas), buscam representar uma lógica cronológica (Chronus) em que as práticas culturais formam uma arborização genealógica e biológica, uma demarcação territorial da cultura. Sendo assim, os modos de expressão e experimentação das comunidades tradicionais seriam emoldurados dentro de uma lógica organizacional do aparelho de Estado, produzindo uma disciplinarização dos conhecimentos em um sistema de organização arbóreo-genealógico.

No entanto, não é simples como parece, pois, se há uma força reativa operando, uma macropolítica, uma Ciência Régia, um aparelho de Estado etc., há também uma micropolítica, uma ciência menor, uma força ativa, uma máquina de guerra, uma "mostragem" ou uma apresentação, pois existe um lugar engendrado nesse processo e ele - quando experimentado - funciona como intensidades, como linhas de escape, de desvio das políticas administrativas. Inventam grafias. Quer-se dizer com isso que o papel, as leis, os decretos etc., são significações do espaço-tempo, mas, ao conectar-se com um lugar, são também produtores de desvios, de uma micropolítica; tornam-se uma ferramenta de autonomia e resistência.

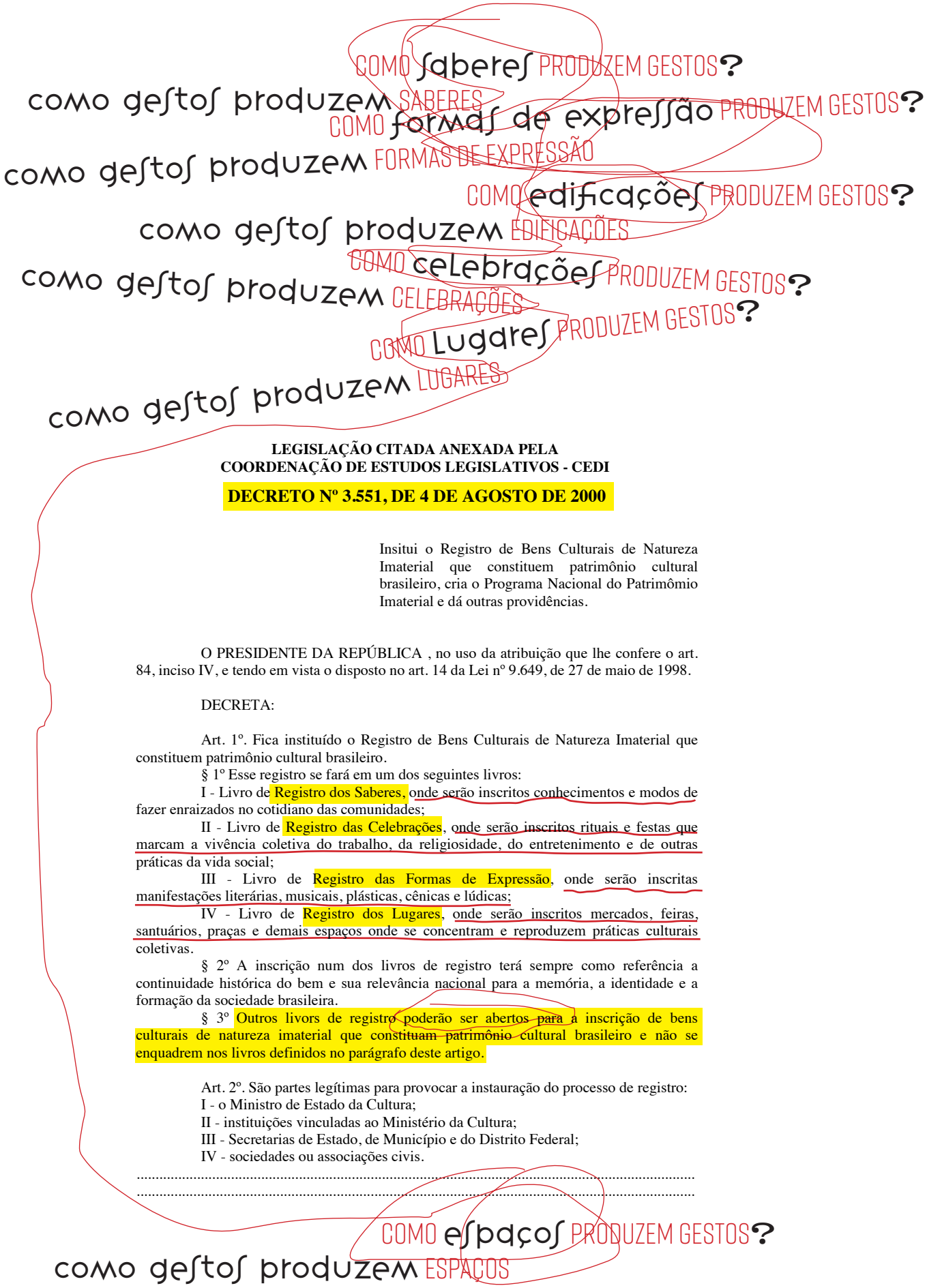
Pensar nessas forças se dobrando umas nas outras e com as outras e para outras, sem dicotomizá-las, possibilita, nesta dissertação, defender uma topologia dos fluxos, das intensidades, inventadas no Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira, não como um "lá e então", mas como um "lá, aqui e agora"[4]. Poder-se-ia dizer de uma "coetaneidade"[5], de assumir a contemporaneidade e coexistência das forças, das políticas etc.



3 Operar roubo direto em Massey (2008, p. 110).

4 Operar roubo direto e corromper em Massey (2008, p. 108).

5 Operar roubo direto em Massey (2008, p. 111).



LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS LEGISLATIVOS - CEDI

DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000

Insitui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimômio Imaterial e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA , no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, e tendo em vista o disposto no art. 14 da Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998.

DECRETA:

Art. 1º. Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º Outros livors de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo deste artigo.

Art. 2º. São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:

I - o Ministro de Estado da Cultura;

II - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura;

III - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal;

IV - sociedades ou associações civis.

.....

.....

gesto-grafias

uma topografia das categorias inventariadas

É possível entrar pelo Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira e, ÀS MARGENS DA REPRESENTAÇÃO, pensar um espaço com uma geografia operatória do traço no "registro" das práticas culturais, segundo as categorias prévias significativas - **GESTO-grafias**: GRAFAR GESTOS ~~para~~ **grafar o espaço**; **GRAFAR O ESPAÇO** ~~para~~ **GRAFAR GESTOS**. As SIGNIFICAÇÕES DAS CATEGORIAS SÃO ARRASTADAS A UMA EXPERIMENTAÇÃO DO LUGAR; a FICÇÃO, produzida pelos aparelhos de estado, de que tudo - **LUGARES**, **edificações**, **MODOS DE EXPRESSÃO**, CELEBRAÇÕES, ofícios e modos de fazer - ficará "imóvel", **preso no "cemitério das dimensões"**, é **friccionada** no **encontro com** o lugar. Uma produção de vidas, **"MOSTRAGEM"** do espaço, fazendo uma **invenção** de uma realidade -se invenção de uma realidade do Ribeira e Inventário Cultural de Quilombos do Vale aqui.

COMO gestos produzem INVENTÁRIOS

COMO INVENTÁRIOS PRODUZEM GESTOS?

INVENTAM

QUE INVENÇÕES?

Na categoria **CELEBRAÇÕES** foram inventariadas **festas comunitárias** – sejam elas religiosas ou não – que **envolviam a coletividade** *[como "registrar" celebrações coletivas sem conectar-se à coletividade de (e coetaneidade) dos gestos?]* ou que demarcavam um traço temporal **[E ESPACIAL]** da ~~tradição na~~ comunidade. Na categoria Formas de Expressão, foram inventariadas manifestações culturais e artísticas **[que manifesta? Gestos?! Mão-ni-festa"?! Mãos... Pés... Corpos?!]** que envolviam [HÁ UM ENVOLVIMENTO, UM ENVOLVER-SE COM UM LUGAR, COM UMA COETANEIDADE] histórias; gêneros da literatura oral como: **lendas**, *danças*, ***FÁBULAS*** e outros; **CANTOS**; *danças* etc. [**GESTOS...?! Gentes das ribeiras de vales...**] Na categoria *Ofícios e Modos de Fazer*, foram inventariados CONHECIMENTOS E PRÁTICAS na produção da vida. Nas categorias **Lugares e Edificações**, foram inventariados bens culturais relacionados ao território [**ENCONTRO?!** *Espaço?!* **ACASO?!** *Eventualidade?!* esquinas?! QUINAS?! **ESFERAS COETÂNEAS?!**].

GRAFAR o espaço com gestos

MUNDOS?

QUE GRAFAM O ESPAÇO

celeBRAÇÕEs

Aviso: apresentaremos apenas algumas práticas culturais inventariados, a fim de, com elas, pensar grafias do espaço e trajetórias.

O espaço que se defende aqui produz uma "COETANEIDADE" de **gestos**; *espaço traçado* ao mesmo tempo em que a caminhada acontece. De casa em casa, **UMA PARTILHA**; as celebrações são, ao mesmo tempo, Lugares... mas lugares como "*focos do encontro* [redacted], do previamente não-relacionado e, assim, essenciais para a *relação do novo*"[1]. Um **instante-já** de partilha do sensível.

1 Texto roubado e borrado de Massey (2008, p. 111).

"Faz uns 40 anos que tem a novena aqui em Mandira. Antes não tinha, começou isso depois do Padre João Trinta. Antes era só um culto no dia 24 mesmo. A primeira novena de Natal se realiza na igreja, depois sai de casa em casa e a última é na igreja de novo.

Quando chega na casa chega, senta, fala uma bobagem até a pessoa falar que pode começar. Aí a pessoa da casa que dirige, vai pelo livrinho, canta, reza, lê o evangelho. Quem entende pode comentar, é o momento de partilha. Isso vai pelo livro, depois que termina, o dono da casa oferece um suquinho, um cafezinho e vai embora. Naquele dia já marca pra outra casa.Quando é na igreja é o Chiquinho que dirige o culto, mas o Agnaldo e Vardo também fazem isso". (Maria Rute Mandira, 44 anos, Mandira, 2011)

Colagem ricada de Andrade e Tatto (2013, p. 54).

Os pontos
são lugares do encontro.
A ENCRUZILHADA É ESQUINADA...
O PONTO não **É** lugar de fixar-
-se, mas **LUGAR DE PASSAGEM**. *O caminho devém caminhante ao mesmo tempo que o caminhante devém caminho*; nos pontos como lugar de passagem, **uma multiplicidade de durações** se faz na passagem de uma estação a outra. "É **um espaço de contato**, de pequenas ações de contato, **tátil ou manual**, mais do que visual..."[1]

1 Operar roubo em Deleuze e Guattari (2012e, p. 40).

"O pessoal se encontra na encruzilhada, o caminho que ia até a casa do finado Cristino, e caminha até a igreja, por volta das 19 horas. A gente vai antes e marca os pontos, as estações. Cada ponto que você passa, você lê o evangelho, reza e vai caminhando até chegar na igreja. Aqui em Mandira a gente não carrega cruz. Em Porto Cubatão, sim. Aqui a gente leva a bíblia, vela e o livrinho. A gente não fazia antes a Via Sacra, aí faz três anos a gente viu em Porto Cubatão como que faz e começamos a fazer aqui.

O Terço Cantado tem na Quaresma na sexta-feira das dores e na Sexta-feira da Paixão. Antes a gente fazia terço na Quinta-feira Santa também e na sexta-feira dos passos, que é a terceira sexta-feira da Quaresma. No tempo do João Vicente Mandira ele benzia a água e cada um tomava a água. Isso acontecia na Quinta e na Sexta-feira da Paixão." (Maria Rute Mandira, 44 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 99).

As direções verticais e horizontais coENGENDRAM-SE com **corpo** e devêm **"de pé"** e "deitado". GESTO-GRAFIAS: **grafias de gestos**, **pensamento com corpo** e **CORPO COM PENSAMENTO**; **uma geometria GEOGRAFIA OPERATÓRIA DO TRAÇO**, uma geo-grafia...

"Essa é pra pegar coisa grande: paca, veado, raposa. Você pega um cano, de pé, faz um buraco e enche de milho, conforme o bicho vai comendo, vai caindo. Coloca isso uma vez por ano. Aí o bicho acostuma a ir lá toda noite comer, então eu vou lá de noite fico trepado na árvore, jogo o farolete nele que o bicho fica paradinho olhando, aí mato ele com espingarda. Cotia pega de dia". (Donizete Oliveira Coutinho, 24 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 165).

Ofícios E Modos de Fazer

GES-TO-GRAFIAS, *geografias* ~~D O TRAÇO~~, DOS RASTROS, GEO-GRAFIAS DE TRAJETÓRIAS de RASTROS em um **lugar da eventualidade**. *Lugar do encontro e do não-encontro*, dos *rastros das trajetórias das gentes*. COMO SE APRENDE NESSE ESPAÇO? Antes?! Depois?! Não, em um "ali, aqui e agora", em UMA COETANEIDADE... *"A gente vai andando no mato e aprendendo..."*; um aprender que acontece ao mesmo tempo que anda. Aprende-se, assim, porque não só a casa é lugar, mas todo **território como abertura para uma experimentação de um acaso**.

"A gente vê o rastro dele, vai achando o carreiro e aí deixa a isca. A gente vai andando no mato e vai aprendendo onde cada bicho fica. Quando não tá com dinheiro pra comprar mistura você vai no mato, pega um bicho e já tá sossegado por uns par de dia. Um pouco também é porque gosta de estar no mato, faz parte da tradição da comunidade". (Donizete Oliveira Coutinho, 24 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 166).

Um *conhecimento com corpo* é produzido; **olho**, **olhar**, *gestos*, segredos não compartilhados... um *saber-com-corpo*. UM ESPAÇO E UM TEMPO ESTÁ EM CENA PARA COEXISTIR UM LUGAR POVOADO DE GENTES. *Distâncias como bandas transbordadas* de trajetos, rastros de gentes a caminho de um conhecimento com corpo. **Saber táctil**; que tateia **com corpo**, **com gestos**; *gesto-grafias*. Grafias de um SABER-COM-CORPO COMO UM SABER-COM-ESPAÇO.

"Quebrante dá em criança e em adulto. Pra saber que é quebrante, a mãe é a melhor pessoa, mas depende do olhar de cada um. A carne fica mole, caga verde, como se tivesse comido mato. A pessoa fica doente. É como olho gordo ou mau olhado ('Bom olho que te veja' dizem pra uma criança recém nascida para que não tenha quebrante. Depois que benzia, se tinha que passar algum remédio passava, senão ia embora.

A oração do benzedor é segredo. Não sei como aprendeu. Clarindo, eu não conheci, mas era curandor, prá lá pras bandas do Canha.

João Vicente Mandira era benzedor também, é um dos filhos bastardos que recebeu as terras [de Mandira]. Ele sabia manipular as ervas do mato. E fazia oração, mas isso é um segredo que ele não contava. A Zulmira também sabia. Foi benzida e os filhos também. Ela fazia batizado. Hoje em dia não tem benzedor nem curandeiro, só ficou alguma coisinha de remédio que o pessoal aprendeu. Pra sapinho ainda tem um benzedor em Mandira. Chifre de boi ralado e capitiu é bom pra verme. Pra sapinho, é benzimento". (Maria Mateus Mandira, 79 anos, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 170).

Trata-se do **fera** de UMA **CONSTANTE-NOVAS CHEGA-** esperando (e, portanto, nada) pela chegadas[1]. *saber-com-* devêm **re-** as medidas ca, mas do nunca é exa- **A consis- de pés e mãos**; o fim devém início de uma partilha do sensível, de **gestualidades**, danças, etc.

"Mandira não tem parteira há muito tempo. Antes não havia meio de transporte, nem dinheiro para ir a um hospital. Tinha uma oração, mas somente as parteiras sabiam. Depois de ganhar, a mãe come galinha caipira cozida feito pirão, um caldo. Arroz e feijão só após 15 dias, e não podia ser requentado. Carne de boi, porco leitoa não podia. Peixe, podia comer: tainha, pararê [bagre pequeno], robalo, acará, traíra. Não podia comer de jeito nenhum parati-pema, bagre, raia, carapeva, caratinga, sargo, pampo, paru, saltejra e sardinha, porque faz mal para quem come". (Irene Cândida Mandira Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 218).

espaço como a es- SIMULTANEIDADE DINÂMICA, **MENTE DESCONECTADA POR DAS**, constantemente por ser determinada **sempre indeterminação de novas** *Saber-com-corpo como -espaço*. Os números **lações corporais**, não saem da fita métri- BRAÇO; o resultado to, é **ANEXATO**. **tência é produto**

"Eu aprendi com o finado meu pai, sozinho com ele. Sempre morei em casa de pau-a-pique e já fiz umas 20 casas. Primeira coisa é fincar os esteio, depois os caibro, encaibra a casa, cobre ela com guaricana. Ela é diferente do sapê porque é mais largo que o sapê, a gente trança ela de três em três pra ficar mais comprida, no jeito de cobrir a casa. Ela é boa porque quando tem cobertura de guaricana ela é fresca. Depois que cobre a casa vai ripar pra ponhar o barro. Qualquer barro, se pisar bem em cima e molhar, dá pra barrear. Tem gente que chama um mutirão pra barrear, mas tem gente que faz sozinho. Eu fazia só com a minha família. Pra barrear uma casa grande ia uma semana. Quando chamava mutirão pra barrear, fazia um baile. Dançava moda de fandango com viola, cavaquinho, rabeca, violão e pandeiro. Mudou foi que eu não fiz mais, ninguém faz mais, porque já tem casa de material". (João Teixeira, 61 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 182).

"A canoa é importante em atividades geradoras de renda como a pesca artesanal e a coleta da ostra. O que é mais usada aqui é Canela e Timbuva. Mas usa também madeira branca, mas dura menos, que nem de Guaricica, que faz, mas não presta. A diferença entre a canoa ribeirinha e a caiçara é que a canoa caiçara tem patilha [é a quilha no bico] pra cortar a água, o ranzeiro [onda], então ela vai andando e cortando a água. A canoa deles pra nós é conhecida como Ribeirana e a nossa é de patilha. A deles também é mais comprida, que eles aproveitam do tronco ao galho. A nossa a mais comprida pra remo é 5 braço, mas é difícil achar. No máximo 4 ou 4 e meio.

Hoje não encontra mais canoa ribeirana aqui. Antes fazia, pra subir o Rio das Minas, agora não faz mais. Antigamente fazia cantoria durante a varação Antigamente havia cantoria, piolho [encostar cabeça com cabeça para levantar a canoa], hoje em dia não ocorre nada disso". (Francisco de Sales Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 174).

COMPARTILHANDO UM LUGAR-ESPAÇO--TEMPO.

1 Operar roubo direto de Massey (2008, p. 160).

LUGARES E EDIFICAÇÕES

[redacted] o lugar não é um dado em si, mas PRODUTO DAS TENSÕES e **das disputas** [*o lugar, como eventualidade, como encontro com um acaso, se faz nessas tensões; ele precisa funcionar uma prática, funcionar uma narrativa; funcionar como encontro de gentes*] **ENTRE** as muitas *práticas* e *narrativas* que **SE DOBRAM SOBRE ELE**, [redacted] nos dias que correm, **conhecer o espaço** [pensar-com-corpo como **PENSAR-COM-ESPACO**; conhecer que coengendra corpos, gestos e gestualidades; **PRODUZ GESTO-GRAFIAS**] é também pensar sobre **COMO ELE É INVENTADO** diariamente diante de nós [redacted] [com *práticas*] e [redacted] [com] **NARRATIVAS** [NARRATVAS GRAFAM UM ESPAÇO COM GESTOS; *gestos de práticas culturais, das gentes das ribeiras de vales*] [redacted], e sobre como ele é criado em nossas próprias PRÁTICAS EDUCATIVAS [vai andando e aprendendo, nesse acaso que é o espaco, na eventualidade de um lugar], onde aparecem muitos mapas, **fotografias**, ~~filmes~~, [vídeos], pinturas e outras tantas imagens.[1]



"É um caminho antigo, uma trilha na restinga, era utilizado pelos nossos antepassados. Abriram o caminho porque morava gente lá e era um acesso pra eles irem pescar. Começa perto da escola da comunidade, vai umas três horas e meia de caminhada até chegar no braço de mar onde o Rio do Pecê deságua. O caminho todo é restinga, tem muita madeira, agora não tem mais casa, antes tinha. Tinha a tapera do meu tio que morava lá nas areia, mas agora não tem nem sinal. A gente ia lá visitar ele, ia muito pescar no Rio do Pecê. A turma que mora em Jacupiranga também, que vem do Pindaúva, também usa o caminho pra ir pegar caranguejo.

Hoje em dia a gente usa o caminho, mas não como era antes. Antes o povo da comunidade usava pra ir pescar, pra tirar palmito e fazer roça. Ele tá dentro do território reconhecido, mas tá dentro da fazenda de um terceiro." (Irene Cândida Mandira Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 304).

O CAMINHO SÓ EXISTE PELO SEU USO; as gentes criam *caminhos com uma prática*. Ele faz o caminhante ao mesmo tempo que este o faz... andando e apredendo, **UM APRENDER QUE ACONTECE NO EXERCÍCIO**, porém *um exercício com o acaso*; ACASO ACONTEÇA, **acaso precise**, **acaso**...

É, também, um ESPAÇO DE VISUALIDADES, (sempre) aberto ao olhar... Não está enterrado no "cemitério das dimensões"; **trilhas**, em vez de serem caminhos fixos, DEVÊM MOVIMENTOS, elas sobem morros, **passam entre-montanhas** - **GEOME-TRILHAS**.

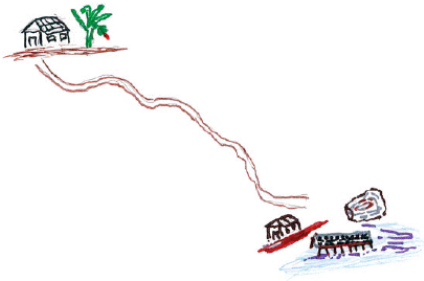
1 Textos borrados e corrompidos de Oliveira Jr. (2009, p. 23).

"O Morro de Mandira dá pra ver de todo lugar no Mandira, em Cananéia, Porto Cubatão, de todo lugar que olha pra cá dá pra ver porque ele é muito grande. Talvez do Itapitangui não dê pra ver, mas de resto dá.

A trilha do Pindaúva passa entre os dois Morros do Mandira, ela sobe nele um pouco, mas é pouca coisa. Ela sobe o Morro do Salto e o Morro da Pindaúva.

Lá no biquinho do Morro do Mandira o pessoal do Mandira já foi. Em 1973 ou 1974, quando foi abrir a divisa do Mandira o pessoal subiu lá. Tem pessoal que vai caçar, tem gente que vai buscar palmito.

Como o morro é muito alto, é bastante difícil de chegar lá no alto, no biquinho. Tem morador de Mandira que tem um barraco lá no morro, da metade pra cima do morro, pra posar lá quando vai caçar." (Francisco Sales Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011)



Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 306).

Margens e moventes... porto de fora, porto de Abrão, trilhas apenas, lugar de passagem, travessias... de chegada e de saída. A localização funciona pelos rastros... saem-se no rastro de. Os gestos de um fazer e um saber, de uma prática, traçam trajetórias de margem a margem, sempre moventes. Trilhas conectam terras e mares, rios, marés, portos, cidades, viveiros, peixes, pescas...

"O Porto de Fora fica no Rio das Minas, na barra do Rio Mandira. Hoje o porto tá praticamente fechado de mato, tem a trilha só. Lá perto tem uma ponte no Rio Caratuba que vai pra fazenda "Fosfasia." Tem uma família de Mandira que ainda usa o Porto de Fora, pra pescar e guardar embarcação. A gente não usa muito mais porque ficou seco o Rio das Minas. Os homens vão lá quando vão caçar capivara. O cachorro sai no rastro dela, traz ela pra água e eles ficam na canoa esperando, quando ela passa pega ela com um furão [pedaço de ferro com uma lança na ponta].

Antes ele era cheio de canoa, como o Porto Boacica é hoje. Meu avô e meu pai trabalhavam no Porto de Fora. Era por lá que a gente saía pra ir de canoa pra Cananéia. Todo mundo que vinha chegava por lá. Só depois que saiu o caminho do Itapitangui que a gente começou a andar por ali. Mesmo depois do caminho aberto, quando a gente ainda morava perto do porto, a gente ia por lá em canoa a remo, porque era mais fácil. Inclusive a Bandeira do Divino vinha pra Mandira pelo Porto de Fora. A gente também puxava madeira pelo rio e deixava lá até o carro vir buscar.

Ele é importante porque é um porto dos nossos antepassados. Antes o Rio das Minas era um rio limpo [aberto]. Era um lugar onde nossos pais e nossos avós tiravam madeira, plantavam roça, saíam pra pescar, tudo pro sustento. Era um lugar bom pra levar e trazer as coisas de canoa porque era mais perto do acesso da comunidade.

Ele está dentro do território, mas está sendo usado pelo fazendeiro. A comunidade está esperando ele ser desapropriado pra área passar a ser da associação." (Irene Cândida Mandira Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011)

"O Rio Boacica é um rio médio, de água salgada. Em alguns lugares, de margem a margem, dá 150 ou 200 metros. É um rio que tem muito peixe. Em volta dele tem mangue, restinga e Mata Atlântica. Está dentro da Reserva Extrativista, é lá que estão as nossas engordas da ostra, os viveiros.

O Rio Boacica é a principal saída da comunidade pra ir pro mar, pros viveiros de ostra e pra cidade (Cananéia), quando vão de barco.

Lá tem um poço chamado Poço do Pissarro, onde tinha um jacaré muito grande que comia cachorro. O cachorro ia nadar e o jacaré pegava e comia, já aconteceu muitas vezes.

E também tem a história da revolução de 1932: teve um confronto na Casa de Pedra, do sul com São Paulo, e a comunidade toda fugiu pro mato, se escondeu. Nesse dia, a irmã do meu avô com o marido iam atravessando o Rio Boacica pra fugir, e iam se afogando. Eles iam morrer afogados, mas o meu avô salvou.

Da época que eu era criança pra hoje mudou. Antes o Rio Boacica era muito usado pra pesca com anzol e transporte de caxeta e hoje usa pra outras coisas como a coleta e a engorda de ostra, entrada e saída da comunidade. Isso antes era feito no Porto de Fora, no Rio das Minas com o Rio Mandira.

Hoje, a associação tem a concessão de uso da área da Resex." (Francisco Sales Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011)



Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 309).

LUGAR DE CONFRONTO, de ENCONTRO e **não-encontro**... as margens e **moventes** atravessam as categorias significativas prévias no papel, produz um inventário. *Que invenções inventam um inventário?* Se no Decreto n.º 3551, de 4 de agosto de 2000, os lugares parecem "fixos", ao serem "registrados", uma **POLÍTICA DE GESTOS TRANSBORDA** as categorias, elas **devêm abertas** a **UMA MULTIPLICIDADE** de gesto-grafias. Caminhos são (sempre) ABERTOS ao **acaso do espaço**...



Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 308).

"É o principal porto utilizado no embarque e desembarque para os viveiros de ostras localizados no Rio Boacica.

Desde os antigos que o porto é ali. Antes não tinha estrada, só um caminho e as canoas ficavam lá. A estrada foi aberta por volta de 1996 ou 1997, para o transporte da ostra. Lá também o pessoal já limpa [tira a craca] da ostra.

Em volta é mangue, tem cacheta, jerivá [espécie de palmeira] e o caminho que liga a comunidade até a maré. Tem varas fincadas para amarrar as embarcações: canoas a remo; canoas a motor de madeira e de fibra, e barco.

Eu uso o porto, deixo a canoa, o remo e a rede. É por lá que saímos para a maré todos os dias, pro viveiro e pra pescar." (Nilzo Coutinho, 48 anos, Mandira, 2011)



Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 310).

POIS TAL ESPAÇO IMPLICA O INESPERADO... UMA MULTIPLICIDADE DE TRAJETÓRIAS... ESSE É O ACASO DO ESPAÇO...[1]

"A trilha do Pindaúva sai aqui do Mandira e vai até a BR 116. Segundo os estudiosos era um caminho que ia da Beira-Mar e ia lá pro Mato Grosso, pro sentido interiorzão, era o Caminho Peabiru, que eles chamavam. Tem vários braços desse caminho e aqui tem esse. Agora ele só vai até a BR 116 e depois já é estrada.

Andei muito na trilha do Pindaúva, pra passear, pra ir pra mutirão, pra ir vender caranguejo. Tinha uma família que morava ali no Pindaúva, os Soares, a gente levava peixe e caranguejo nas costas e vendia ou trocava com farinha, feijão.

Usava esse caminho pra ir pra Jacupiranga, passava por Guaraú, Ribeirão do Salto. Era um caminho grande, bem aberto, mas como andava com muito animal por lá ficava um caminho ruim, com muita lama.

Cachoeira tinha bastante, o nome dos rios eu não sei. Só sei que o Rio do Mandira nasce lá praquelas bandas, no salto. Pra andar daqui até os Soares, daqui iam umas três horas. Depois de lá até Jacupiranga são mais 40 km, mas a gente não ia até lá, ia só até o Soares.

Hoje ainda usa a trilha, tem muita gente daqui que ainda mora no Pindaúva. No Soares agora é só fazenda de banana. A trilha tá mais fechada. Teve uma época que nós conseguimos que a prefeitura limpasse até o limite de Jacupiranga, agora não mais. Têm algumas pessoas que vão caçar, ou que vêm de lá pra pegar caranguejo, mas não é mais como era antes." (Francisco Sales Coutinho, 54 anos, Mandira, 2011).

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 312).

1 Operar roubo de Massey (2008, p. 166).

"Abrão era meu pai, o nome do lugar vem por causa dele, porque o porto fica perto da onde ficava a casa dele. Ele que fez o caminho, a trilha, até o porto, há uns 30 anos atrás ou mais. Ele usava bastante pra sair pra pescar e tirar ostra. Agora eu também uso, desde uns sete ou oito anos atrás.
O Porto do Abrão fica no braço de mar, é um braço mais largo. Em volta tem restinga e mangue. E o acesso é só por trilha, uns 300 metros a partir da estrada. Tem umas seis ou sete canoas que costumam ficar paradas lá. A casa do meu pai ficava quase um quilômetro pra cima da estrada.
O Porto do Abrão é um lugar bom pra sair de canoa porque fica perto de um poço e quando a maré seca também dá pra sair de lá sem ter que arrastar a canoa. Lá é usado mais pra ir pros viveiros de engorda de ostra e pra levar os turistas. É mais fácil de ir por lá do que pelo Porto da Maré, quando a maré tá seca. O Porto da Maré é usado porque o acesso é mais fácil e mais perto; pra trazer ostra tem que voltar pelo Porto da Maré porque lá dá pra ir de carro pra pegar a ostra e levar pra cooperativa.
Agora mudaram a trilha, fizeram uma passarela de madeira pra não passar pela lama. E hoje usam mais do que antes, o povo começou a usar mais por causa do viveiro.
A importância do lugar é que é um porto mais fácil de chegar e sair com a canoa. E também porque ele tem o nome de alguém que convivia com a gente e já se foi, pelo menos o nome dele ficou.
O dono dessa área é um senhor chamado Cabral, faz uns 25 anos que ele não vem aí. Quem cuida é o José de Abrão, meu irmão." (Catarina Martins de Oliveira Coutinho, Mandira, 41 anos, 2011)

Se uma **ROSTIDADE** é produzida, uma gestualidade também é. Uma dissertação conecta-se com um lugar de um acesso por trilhas, *rastros*, **TRAÇOS** de GEOME-TRILHAS...

Os lugares se fazem importantes **PELOS (E COM) SEUS USOS**, por **SEUS FUNCIONAMENTOS**... mas também pela fixação de um nome [quem?! GENTES DAS RIBEIRAS DE VALES, GESTOS; "quem" não clama por pessoas, mas por linhas de forças]... ele - o nome - não demarca apenas uma identidade e uma "posse", pois devém outro em seus usos.. o nome **DEVÉM LUGAR DE FUNCIONAMENTO DE PRÁTICAS CULTURAIS** - traçam gesto-grafias de uma coetaneidade... o ESPAÇO É ESSA COETANEIDADE DE TRAJETÓRIAS E GESTUALIDADES.

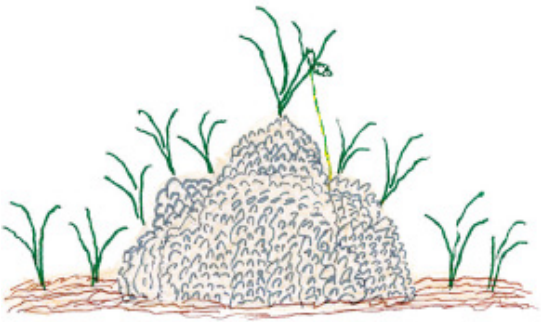
"O sambaqui era um lugar de passagem, de caminho pra gente. Quando a gente ia pra roça, ia pescar e buscar abacate, lá tem muito abacate. Eu e o meu tio Frederico também caçava muito, então era difícil uma semana que a gente não passava no sambaqui.
Ele é tipo de um morro, mas é só concha, casca de marisco, osso de gente, tem de tudo um pouquinho. Tem vegetação em cima, normal. Desde que eu me entendi por gente lá tem pé de abacate e de laranja-mexirica. De primeira tinha laranja grande, mas agora não tem mais.
Toda vida o pessoal sabia que era um sambaqui, mas não sabia que era um sítio arqueológico. O pessoal dizia que era do tempo do dilúvio do Mandira e conforme a correnteza foi fazendo aquele redemoinho, foi juntando aquelas conchas ali.
Essa é a história que o pessoal conta. Eles dizem que lá pela base de 1615 teve um dilúvio no Mandira, dizia o padre João Trinta. Dizem que Mandira toda ficou debaixo d'água e desceu muita madeira, eles falavam muito do Pau da Onça, na Barra do Mandira, onde duas onça tiveram que subir numa árvore pra escapar da água do dilúvio. Eu não sei como eles sabem dessa história, devia estar no livro.
A outra história que tem de como se formou é a do homem pré-histórico, do nômade. Segundo o que diziam o mar ficava mais perto de lá. A história é que falam que o sambaqui é o lixo deles, eles iam comendo e amontoando ali e também servia como cemitério. Até hoje se for escavar lá acha muitos ossos de ser humano. Então era onde eles depositavam os lixos deles.

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 310).

Hoje tá meio abandonado. Antigamente o pessoal usava mais, porque o caminho passava por cima dele. Fazia roça lá perto também. Hoje o sambaqui tá na mão de terceiro. Nunca fizeram nenhum tipo de pesquisa arqueológica lá. O único estudo que foi feito um rapaz de Cananéia que foi estudar que tipo de árvore que nasce lá, o Itesp também fez a medição. Existe uma proposta de escavação de uma arqueóloga da USP. Eles começaram a escavar a Casa de Pedra e falaram que iam escavar o sambaqui também.
Hoje a gente usa como atrativo turístico, leva turista lá. Antes era mais uma trilha, um caminho, mas era uma referência da história do dilúvio que contavam." (Francisco Sales Coutinho Mandira, 54 anos, Mandira, 2011)

"Ele se formou por um monte de conchas de nômades [grupos de pessoas antigos] e extraíam do lugar onde moravam e ali depositavam moluscos, restos de animais e ossadas humanas. E assim foi se formando. Encontraram ossadas e pedaços de utensílios que eram usados antigamente. O sambaqui é atrativo turístico no Mandira e conta a história do nosso lugar." (Sidney Coutinho, 28 anos, Mandira, 2011)

seguir traços, TRAJETÓRIAS, produzir uma **"MOSTRAGEM"** de um lugar, de um espaço e UM TEMPO. Diferente é a **REPRESENTAÇÃO**, que emoldura em uma ***SUPERFÍCIE LISA*** e estriada, em um "cemitério das dimensões", as formas de expressão, *gesto-grafias*. "SEGUIR NÃO É O MESMO QUE REPRODUZIR, E NUNCA SE SEGUE A FIM DE REPRODUZIR"[1]. A-significar tempo e **LUGAR** e **espaço** das constantes **(geo)**métricas; **estender e constituir territórios com processos de desterritorialização**. Operar uma ciência menor, "**DI-MENOR**", onde uma teoria escapa com experimentação de um lugar... produzir uma dissertação ambulante, um lugar-espaço-tempo.



Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 311).

1 Operar roubo em Deleuze e Guattari (2012e, p. 41).

UM ESPAÇO DE MÚLTIPLAS CONEXÕES, (sempre) relacional. Interconecta PÉS, MÃOS, BRAÇOS, olhos... CORPO, sons, ESCUTA... um espaço de uma escuta e uma escuta de um espaço. Todas as "coisas" coexistem [gentes, INSTRUMENTOS, sons, RUÍDOS, CANTOS, berimbau (ele canta primeiro, encanta, esquina cantos), ATABAQUE, PANDEIRO, ANGOLA, regional, bengala, pal- mas... um berimbau dá autorização para que tudo coexista] criam uma dança [lembra da dança?]. A roda não é a moldura do corpo, mas a INVENÇÃO DE UMA GESTUALIDADE, de GES- TOS- -GRA- FIAS; com chão e cabeça e pés e mãos e... TRAJETÓRIAS DE UMA PRÁTICA, UM JOGO, UMA BRINCADEIRA, são criados. Corpo(s)-ESPAÇO(S)-corpo(s).

ovos-do-espaço

"Praticava capoeira aqui na comunidade, com um professor de Cananéia. Ele vinha uma vez por semana colocava música e trazia instrumentos. Às vezes o professor não vinha, daí a gente passava pros outros, pros mais jovens na capoeira. Começou em 2001 e durou uns seis ou sete anos. Acabou faz uns três ou quatro anos.

Primeiro tem que ter o instrumento. O pessoal ouve o som e vai chegando aí convida pra jogar e forma a roda. Os instrumentos ficam um do lado do outro. Quem canta primeiro é o berimbau. Depois o atabaque. Depois o pandeiro, depois a voz. Tem o toque de angola, o toque regional e a benguela. As músicas de capoeira são muitas: um puxa e o resto faz o coro, bate palmas.

Pra abrir a roda, precisa da autorização do berimbau, entra dois a dois. E depois vai revezando livremente. A gente se apresentou no Mandira numa festa de Santo Antônio, já fez apresentação na comunidade com o pessoal que treina na quadra em Cananéia. Fizemos apresentação em Itapitangui, na quadra. Treinava no Centro Comunitário da comunidade e não pagava pra treinar. Depois arrecadava uns R$ 2,00 ou R$ 3,00 de cada um pra ajudar na energia. Falam que a capoeira veio da senzala. Diz que é na senzala que os nego jogavam. Era ao mesmo tempo diversão, pra passar o tempo." (Francisco de Sales Coutinho Junior, 21 anos, Mandira, 2010)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 118).

São Gonçalo só existe com roça; ESPAÇO AQUI NÃO É FORMA ABACADA E SUPERFÍCIE LISA, mas (sempre) **aberto a novas relações**. Não se trata de uma "coisa" firme, onde tudo preexiste, é MOVEDIÇO. As formas METAMORFOSEIAM, devêm outras... *Matéria e forma coengendram-se em uma prática*, **em um jogo**, EM UMA BRINCADEIRA; DURAÇÕES MÚLTIPLAS.

"O São Gonçalo fazia depois da colheita de arroz. Os maiores mutirões que aconteciam. Depois se arruma pro fandango de par [forró]. Fazia uma volta. Hoje não faz mais roça grande, não tem mais motivo pra São Gonçalo".
(Creusa Coutinho, 56 anos, Mandira, 2011)

Colagem riscada de Andrade e Tatto (2013, p. 151).

ovos-do-tempo

1 Operar roubo em Rolnik (1993).

FORMAS DE EXPRESSÃO

Par-
tilha do Sensível

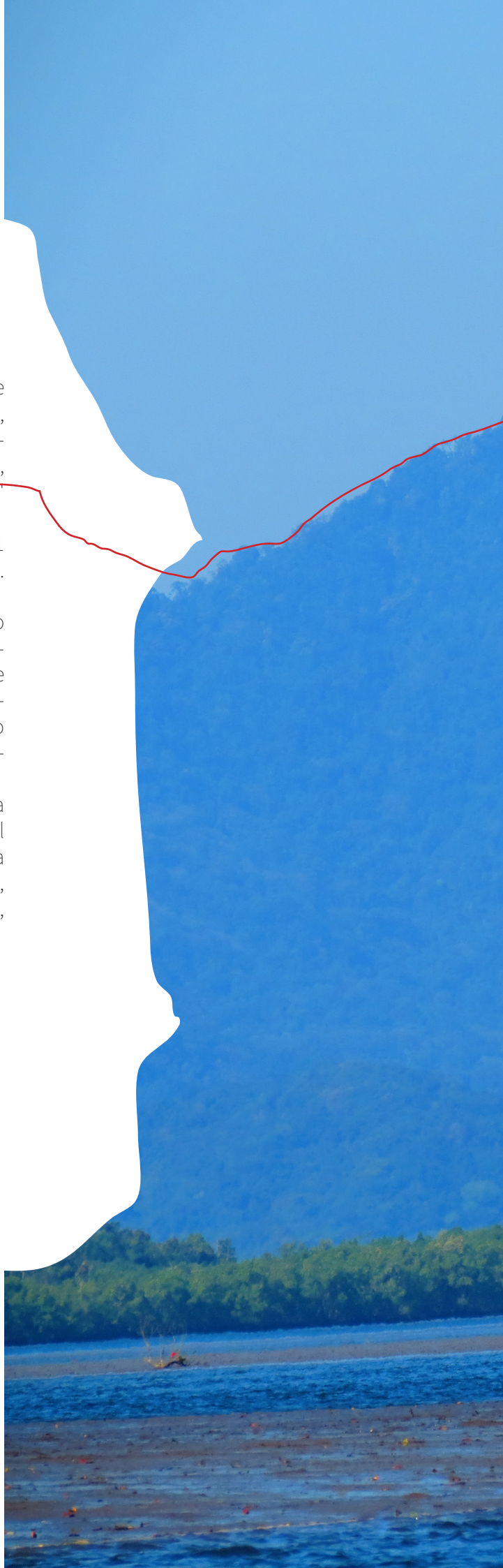
espacialização de uma História "do local"

Pega um barqueiro, naquele lugar que ele vive. Que ele trabalha. Há uma história, que não é apenas aquela de suas experiências. Uma árvore, um rio, uma cachoeira, uma trilha etc., há uma história "do local" que precisa ser desenvolvida.

Nos anos 2000, foram formados 31 monitores ambientais, e, depois, mais 52. Eu era diretor de turismo.

Você, então, ensina aquele barqueiro que aquela cachoeira, aquele rio, aquela trilha, têm uma História e, mais do que isso, que esses lugares estão conectados uns aos outros. A trilha que leva à cachoeira, o caminho que faz para o rio... todos estão historicamente conectados pela História.

A partir do momento que você ensina aquele barqueiro - agora monitor ambiental - a contar a História do local, que é contada no caminho com ao turista, as pessoas, então, começam a ver os locais, as comunidades, com outros olhares.





ESCRITAS [redacted] E ~~RISCADAS~~:
um "eu" em apuros apagado em páginas brancas

Uma **VONTADE** de operar com as filosofias da diferença ~~nos~~ **arrasta** para outros **cantos** e **ENCANTOS [UMA DISSERTAÇÃO]**. ~~Por exemplo, quando~~ Suely[1], tomada por sua pesquisa, diz que ~~nossos~~ [os] órgãos do sentido possuem uma dupla capacidade – cortical e subcortical. Na primeira, *apreende-se o mundo em suas formas* e, na segunda, **APREENDE-SE O MUNDO EM SEU PLANO INTENSIVO DE FORÇAS**~~, questiono: que mundos podem ser apreendos no quilombo quando tomamos a vida em plano intensivo de forças?~~ Como ela(s) a(s) vida(s) – é(são) produzida(s) e expressada(s)? ~~Que matérias de expressão são~~ Com [redacted] ~~disseminadas~~ e **ROUBOS** e ~~riscos~~ – **[CORRE-SE O RISCO...]**, uma ~~experimentação~~ disser-tação vai se **desfazendo** - ~~periférica~~ devém multiplicidades. A experimentação de um lugar transborda a escrita... às vezes **ela é silenciada por um pensar** *com* **IMAGENS** *e* **fotografias** *e vídeos e* vozes e *gentes* e... Ela - a dissertação - torna-se **ESPAÇO** *e* **TEMPO** *e* LUGAR *e*... ribeiras de vales. A *travessia* "Inter-Vales" promove uma EXPERIÊNCIA de uma **LUGAR-ESPAÇO-TEMPO** que INVADE (todas) **as linhas desta pesquisa**. **PESQUISA?!**

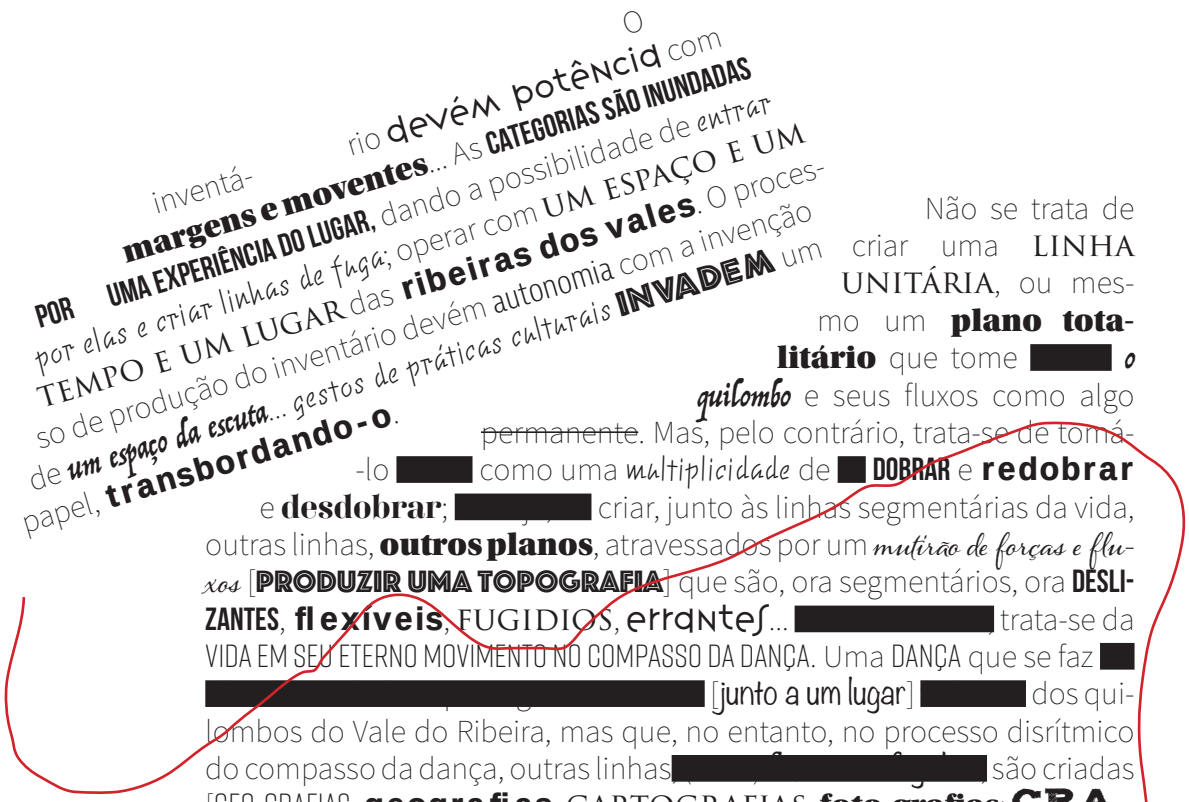
Que pesquisa?

TIRAR O QUILOMBO DA CONTRACAPA lança uma dissertação para uma MULTIPLICIDADE SIMUTÂNEA de **"estórias-até-agora"**[1].

As margens inundam as folhas *[como em um dilúvio... não se encontra "pau de onça" para subir; ela é arrastada e se faz arraste]*, as **linhas**, ~~mentadas no quilombo?~~ as ESCRITAS, fazendo-se **potência** de uma multiplicidade de trajetórias... Uma dissertação vem exercitando **pensar um território com as ribeiras** [redacted] **de vales**, junto A MARGENS E MOVENTES; [redacted] **CANTOS**... Uma dissertação quer-se esquiar [redacted] *Operar aberturas no dentro do aberto*, criar linhas metálicas e escorregadias que ~~nos~~ arrastam para dentro [redacted] [DE UM DILÚVIO]. Uma **missão suicida de sobrevivência**.

1 Operar roubo em Rolnik (2014).

1 Operar roubo de Massey (2008, p. 49).



Não se trata de criar uma LINHA UNITÁRIA, ou mesmo um **plano totalitário** que tome [redacted] *o quilombo* e seus fluxos como algo ~~permanente~~. Mas, pelo contrário, trata-se de tomá-lo [redacted] como uma *multiplicidade* de [redacted] DOBRAR e **redobrar** e **desdobrar**; [redacted] criar, junto às linhas segmentárias da vida, outras linhas, **outros planos**, atravessados por um *mutirão de forças e fluxos* [**PRODUZIR UMA TOPOGRAFIA**] que são, ora segmentários, ora **DESLIZANTES**, **flexíveis**, FUGIDIOS, errantes... [redacted], trata-se da VIDA EM SEU ETERNO MOVIMENTO NO COMPASSO DA DANÇA. Uma DANÇA que se faz [redacted] [junto a um lugar] [redacted] dos quilombos do Vale do Ribeira, mas que, no entanto, no processo disrítmico do compasso da dança, outras linhas [redacted] são criadas [GEO-GRAFIAS, **geografias**, CARTOGRAFIAS, **foto-grafias**; **GRAFIAS DE UM ESPAÇO DE MÚLTIPLAS TRAJETÓRIAS**]. ~~Essas que, aqui, estou a singularizar~~.

No processo [~~porque, aqui, pesquisa é processualidade de gestos e traços...~~], **o Grupo de Estudos dos MIL PLATÔS[IV] abriu em mim uma trincheira. Ao olhar, por exemplo, para as categorias de práticas culturais, via-as apenas como um modo de captura dos aparelhos do Estado que visam representar a vida no quilombo. De que modo? Para mim, o mais aparente [o aparente nem sempre é parente], é através das instituições que legitimam esse processo por via do reconhecimento. No entanto, não apenas delas, mas também através de pesquisas e teorias que ao reconhecimento e à legitimação se atrelam. O que passa despercebido é que esse processo está muito mais próximo de uma cena melodramática do que de uma oposição entre bem e mal, bom e ruim, certo e errado... como aquelas que muitos de nós fazemos ao antagonizar inferno e céu, diabos e deuses**.

~~O processo classificatório das 180 práticas culturais inventariadas no Vale do Ribeira muito havia me chamado a atenção. No Grupo de Estudos dos Mil Platôs, estávamos lendo os Mil Platôs, vol. 1, mais precisamente a introdução, sobre o Rizoma. Discutíamos isso:~~ **Exercitavam-se um pensar com [redacted] linhas rizomáticas** e MODELOS ARBÓREOS e *conexões* e **agenciamentos** e escapes e capturas e

rupturas, ~~enfim, discutíamos [discutiam-se] as cenas melodramáticas da vida em seus compassos e descompassos da dança, sobretudo para~~ **PENSAR MODOS OUTROS [redacted] COM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**. ~~No entanto, essa leitura produziu [redacted] um desvio, direto para os Mil Platôs, vol. 3. Esse desvio foi [redacted] um traçado que [redacted] estava criando para esta pesquisa.~~

Esse contato direto com as FILOSOFIAS DA DIFERENÇA, sobretudo com Gilles Deleuze e Felix Guattari, parecia produzir [redacted] algo que há muito havia sido podado, pois [redacted] fazia recordar um jovem em sua ida para a universidade, após ter uma formação protestante, com um livro de cabeceira chamado "O Anticristo", de Friedrich Nietzsche. Aquilo produzia sensações outras, sobretudo, de crise. Transitando nas camadas de ~~mim mesmo~~, de uma máscara a outra. [redacted] o que estava acontecendo tratava-se de uma metamorfose de espírito, ou seja, do camelo para o leão[1]. Porém, ilusão seria enganar-se que esta metamorfose fosse do camelo para a criança. Eu até poderia estar iludido com isso.

Rugindo como um leão, queria ~~eu~~ criar um Corpo sem Órgãos (CsO) **[como criar para si um corpo sem órgãos[2]]**, pois, tomado pelos questionamentos aqui levantados, via, nos documentos e textos lidos, apenas uma representação dos modos de existir do quilombo, ou seja, um modo organizado de produzir o quilombo – e de fato era. Uma captura da má-



1 Operar roubo em Nietzsche (2011).
2 Operar roubo em Deleuze e Guattari (2012c).

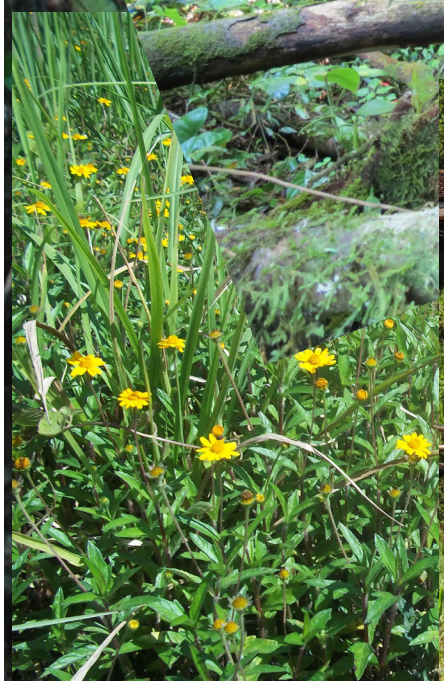

















AUGENTEI


As
árvores





A **FOTO-GRAFIA** traz uma **EMANAÇÃO LUMINOSA DO PASSADO**, envia-nos a [redacted] [elementos] que podem ser identificados em um tempo cronológico, ocorrências. As **FOTOGRAFIAS ACHATAM VOLUMES**, criam **superfícies vibráteis**, produzem repetidos reencontros de tempos, *FRAGMENTOS QUE PODEM DESALINHAR*, REINVENTAR, trazer luzes e sombras ao passado, mas não deixam de estar agarradas nele, como um peso do qual não conseguem se livrar [redacted]. O **ACONTECIMENTO INCORPÓREO** pelas fotografias se dá não pelo **APAGAMENTO**, mas pela rasura da força corpórea da evidência[1].

1 Textos borrados e corrompidos de Wunder (2008, p. 70-71).





Com câmera nas mãos, o **Mandira entra em cena**, RASURA UMA ESCRITA DE "SI", *produzindo outros*. Um **encontro com o acaso**, no **ACASO DO ESPAÇO**, **na eventualidade do lugar**. As mãos que filmam e fotografam e os pés que caminham, *GRAFAM UM OUTRO* que **não clama por si**. As significações, as "belezas" emolduradas na História são apagadas e, com câmeras, **FOTO-GRAFAM SEUS TRAJETOS**. *Um espaço dos trajetos*... "É o que estou chamando de espaço como a dimensão de trajetórias múltiplas, UMA SIMULTANEIDADE DE ESTÓRIAS-ATÉ-AGORA. O espaço como a dimensão de uma multiplicidade de durações"[1].

1 Operar roubo em Massey (2008, p. 49).



Ao caminhar no Mandira, as crianças **aprendem caminhando**. Produzem, com fotografias, GRAFIAS DOS ENCONTROS COM UM DESCONHECIDO... entra em cena uma MOSTRAGEM DE UM ESPAÇO MOVENTE. Os encantos não são (apenas) imagens "bonitas" do Mandira, mas **foto-grafias dos encontros e dos não-encontros, de um espaço interstício**. Passagem nas geome-trilhas do quilombo do MANDIRA. Se aqui quer-se defender alguma coisa, essa "coisa" é **um espaço como lugar de um acontecimento**, *que produz uma realidade*, de um pensamento, *de um aprender*... **ESPAÇO DE TRAJETÓRIAS MÚLTIPLAS**, de **PASSAGEM E TRAVESSIAS**. ribeiras de vales é um título espacial, dos cantos, das **margens**, dos ENCANTOS, das **quinas** e ESQUINAS. **FOTO-GRAFIAS ENCANTOS**, em cantos.



Se é um jogo de sorte, é também de arrepio, de si... arrepio de si, numa relação não hegemônica, abrindo-se à alteridade, mas, também, nunca de si. Abrindo-se à ambiguidade, ao paradoxo, às incertezas. O leão enlouquece, fica atordoado, ao ver desmanchar a passarela do desfile (ou o palco) que orquestra a apresentação de sua insubordinada revolta. Em campo, junto aos novos povoamentos que produzem movimentos aberrantes, uma co[r]poiesis é produzida, essa que está sendo lançada ao espaço.

[redacted] onde as multidões produzem novos povoamentos na dança resistente do processo de integração de nós no outro e do outro em nós, nósoutros. **Produzir trajetórias**... uma MOSTRAGEM DE UM ESPAÇO E UM TEMPO com ***experimentação de um lugar***.

[redacted]ENTRADAS [redacted] produzem um **CORPO SENSÍVEL**, [redacted] que dança [joga e brinca e escreve e divaga e...] com **notas disrítmicas** no (des)compasso da vida; [redacted] apreende o mundo em um **PLANO INTENSIVO DE FORÇAS**. O desafio é OPERAR ENTRADAS, **desvios**, **entre**, ***entre-matérias***, *entre-formas*, ENTRE-VIDAS, ***entre-linhas***, ~~entre-órgãos~~, **entre-categorias**... abrir-se [redacted]. ~~Sem impor "ser" [redacted], mas,~~ **compor um tecido de conjunções "e... e... e..."**. ~~Inter-ser, destruindo fundamentos~~, romper o hilemorfismo da CIÊNCIA RÉGIA, não se opondo a ele, mas **PRODUZINDO** [redacted] TOPOLOGIAS DOS FLUXOS.

Trata-se, então, de **PRODUZIR ENTRADAS**, entre-vales, ENTRE(E COM)-(EN)CANTOS do Vale do Ribeira, onde as comunidades são atravessadas por rios, córregos, lagos, cachoeiras [redacted] Quilombolas que co/habitam **cantos** entre-montanhas – entre as montanhas, entre os vales. Às margens do rio, do mar... [redacted]

O me
é me
de um
não é
talvez
lento..
*o meio
uma
ao con
é o luga
as cois
quiren
cidade
as cois
design
correla
calizáv
vai de
para a
e reci
mente
uma d
perpe
lar, um
mento
versal
carrega
outra,
sem
nem fi
roí sua
marg
adqui
locida
me*

1 Op
de Deleze
(2012a, p. 4

eio não
etade
todo,
centro,
um re-
. *É que*
o não é
média;
trário,
ar onde
sas ad-
m velo-
. Entre
sas não
a uma
ação lo-
vel que
e uma
a outra
proca-
e, mas
direção
ndicu-
m movi-
trans-
que as
a uma e
riacho
início
m, que
as duas
ens e
ire ve-
ade no
eio[1].

[redacted]. ~~Um povo que – apesar de viver às margens da saúde, da educação, do trabalho e de outros direitos públicos – vive entre-montanhas produzindo práticas culturais. Uma produção inter-ser... Que roí as duas margens e adquire velocidade no meio, Inter-Vales.~~

Carrego [redacted]
primórdios num andor
MiNha
TeM um Vício ~~de fontes~~ VoZ
eu
QueriA AVANÇAr para chegar
Ao
~~das~~ PaLAvRas GrIANçAmento
Lá oNDe
elas ainda urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos
A
GrIANçA garatu-
já O vERbO
pra falar o que
não tem
pegar no estame do som
ser a voz de um lagarto escurecido
ABrIR Um DesCORTíNIO
para arcano

Barros de Manoel

[1] erar roubo
e Guattari
9).



DERIVA LITERÁRIA

UM PENSAR-COM-CORPO COMO UM PENSAR-COM-ESPAÇO EM UM AQUI E AGORA

Para mim. A **história das minhas loucuras**. Há muito me gabava de possuir todas as paisagens possíveis, e julgava irrisórias as celebridades da pintura e da poesia moderna.

GOSTAVA DAS PINTURAS IDIOTAS, EM PORTAS, DECORAÇÕES, TELAS CIRCENSES, PLACAS, ILUMINURAS POPULARES; a literatura fora de moda, o latim da igreja, livros eróticos **sem ortografia**, romances de nossos antepassados, CONTOS de fadas, **PEQUENOS LIVROS** infantis, velhas óperas, *estribilhos ingênuos, ritmos ingênuos*.

Sonhava com **as cruzadas**, **VIAGENS DE DESCOBERTAS DE QUE NÃO EXISTEM RELATOS**, repúblicas sem histórias, guerras de religião esmagadas, revoluções de costumes, deslocamentos de raças e continentes: acreditava em todas as magias.

INVENTAVA A COR DAS VOGAIS! - A NEGRO, E **I VERMELHO**, O azul, U verde. Ordenei a forma e o movimento de cada consoante, e, **COM RITMOS INSTINTIVOS**, pretendi *inventar um verbo poético acessível*, mais dias e menos dias, a todos os sentidos. Eu me reservava à sua tradução. **Foi primeiro um experimento**. Escrevia silêncios, noites, ANOTAVA O INEXPRIMÍVEL. fixava vertigens.

Jean-Arthur Rimbaud

Ao propor uma pesquisa é ~~'natural'~~ **APRESENTAR UMA METODOLOGIA** [mostragem de um espaço junto à experiência de um quilombo], [redacted] o ~~modo como irá "alcançar" seus objetivos, como irá realizar, de que referencial está se valendo etc.~~ Neste caso, propor uma investigação em uma comunidade de remanescentes quilombolas para problematizar a Educação Matemática e Etnomatemática – devido à preocupação com temas que lidam com a cultura – sugere-se, em linhas gerais, ~~uma abordagem metodológica antropológica, sociológica e filosófica.~~ [redacted] apesar de os CAMINHOS se apresentarem TORTUOSOS e ofuscados [redacted] [*caminhos são (sempre) tortuosos, pés e mãos traçam gesto-grafias desviantes*], ~~é necessário apresentar uma metodologia de pesquisa~~ **[É?!]** ~~porque, de algum modo, oferece alguma "segurança" acadêmica dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática~~. [redacted] neste rascunho [redacted], [exercita-se uma deriva literária] tentando produzir uma ~~cartografia do corpo~~ [**CORPOGRAFIA**: **APALPAGRAFIA** com FOTO-GRAFIAS, **GESTO-**

GRAFIAS, **geografias**...], ~~onde a metodologia preestabelecida vai se desmanchando e deixando~~ apenas *alguns rastros*, ~~ou melhor, traços de agenciamentos em planos de acontecimentos.~~ [**o acaso de um espaço de trajetórias**, na eventualidade de um lugar... com espaço de gestos (e **gentes**) e gestos do espaço.]: as **RIBEIRAS DE VALES** são apresentadas.

Esse processo constituiu uma **topologia cartográfica**, a qual poder-se-ia batizar de topocartografia; des-forme [acentrada, **a-significante**], DESVIANDO DOS PONTOS e criando LINHAS [~~TRAÇOS~~]; com **CORPOS**.

~~Cabe ressaltar, no entanto, que~~ este texto é um ensaio, ou, talvez, como diria José Saramago, de um ***ensaio sobre a cegueira*** – para poder **"errar" os pontos e criar linhas desviantes** [com uma **deriva literária**]. [redacted] trata-se de um rascunho produzido por algumas (ou várias) linhas que, antes aludidas, permaneceram e desvaneceram, e linhas que, jamais imaginadas, foram traçadas nos **encontros**. [redacted] [Um exercício] [redacted] de ~~narrar~~ [**COMPOR COM**] alguns movimentos de uma pesquisa, junto a uma experiência [**de um lugar**]; rabiscos ~~feitos no~~ [de um] **CADERNO DE CAMPO**, ~~produzindo, então, agenciamentos, modos-outros de si numa singularização contínua e descolonização do corpo~~. [os agenciamentos são GESTO-GRAFIAS, corpografias, **geo-grafias**, de um **ESPAÇO DE TRAJETÓRIAS**; pensar um espaço com **foto-grafias**... GRAFAR UM ESPAÇO DE TRAJETÓRIAS]. [redacted]

O ponto errado...

É um convite ao leitor para experimentar UMA EXPERIÊNCIA CORPO-A-CORPO, caminhando junto com Marcovaldo ou as sete estações de Ítalo Calvino, no, **desmaterializobra**, **desmaterializando** a **experimentando um aprender** *caminhando* [com *foto-grafias* de um espaço intersticio; de **UM LUGAR QUE NÃO É COMUMENTE FOTOGRAFADO**... GRAFAR UM ESPAÇO] uma experimentação de um **CORPO-ESPAÇO-CORPO**. [redacted]

Para quem sente aversão pela casa inóspita, o refúgio preferido nas noites frias é sempre o cinema. Paixão de Marcovaldo eram os filmes coloridos, na tela grande que permite abranger os mais vastos horizontes: pradarias, montanhas rochosas, florestas equatoriais, ilhas onde se vive coroado de flores. Via o filme duas vezes, só saía quando o cinema fechava; e em pensamento continuava a viver naquelas paisagens e a respirar aquelas cores [...]. Naquela noite, o filme que tinha visto se passava nas florestas da Índia: do bosque pantanoso se erguiam nuvens de vapor, e as serpentes subiam pelas lianas e se dependuravam nas estátuas de antigos templos engolidos pela selva.

[redacted] o que se ~~produz~~ [EXERCITA] aqui são [**mostragens de um espaço**] CORTES TOPOLÓGICOS no encontro das cartografias e na construção das linhas em caminhos, desvios e atalhos, [**DE MÚLTIPLAS TRAJETÓRIAS**] [redacted] um convite para pensar as metodologias de pesquisa; **PRODUZIR UM PENSAR**-[redacted]-com-corpo como um *pensar-com-espaço* [um convite para pensar um espaço com imagens, com margeamentos produzidos pelas crianças da Escola Municipal de Ensino e Instituto Fundamental "Sítio Mandira" (EMEIF "Sítio Mandira")... lançar a narrativa em uma deriva literária]; [redacted]

Tratava-se de uma noite fria, escura e, sobretudo, de pura neblina. Marcovaldo, após sair do cinema com as imagens e cores da Índia, encontrou-se perdido no caminho de volta para casa. Obviamente ele sabia de cor e salteado o caminho de volta, afinal, o cinema era um lugar frequentado por Marcovaldo. Sendo esse caminho um trajeto que frequentemente percorria, voltar para casa não seria uma tarefa tão difícil, talvez não prazerosa, devido ao frio e à escuridão da rua.

Marcovaldo se encontra na rua... sem saber o minha primeira leitura, provocou-me uma inquietação, fazendo-me questionar: que caminhos descaminham nossos caminhos? Se possuímos o traçado de nossa rota, de nossa chegada e conhecemos a direção, o que nos faz nos perder? Há que se declarar, no entanto, que uma neblina espessa, opaca, que envolvia as coisas e os ruídos, achatava as distâncias num espaço sem dimensões, misturava as luzes dentro do escuro, transformando-as em brilhos sem forma nem lugar[2].

O PONTO ERRADO é parte do conto *Inverno 12*, do livro *Marcovaldo ou As estações na cidade*, de Ítalo Calvino[1]. Fala de um personagem, Marcovaldo, que, apaixonado por filmes coloridos e pela vitalidade oferecida pelo cinema em desenhar paisagens, continuaria a **RESPIRAR AS CORES E A VIVER A INSÓLITA SENSAÇÃO DAS PAISAGENS** que avultava da enorme tela.

Uma das coisas que me chama a atenção neste conto é a **experiência** do personagem **de respirar cores e viver paisagens**; A experimentação de uma paisagem "implica" a experimentação de um lugar? **EXPERIMENTAR PAISAGENS CRIA UM REAL?** Como experimentar paisagens? Que real?! EXPERIMENTAR PAISAGENS É GRAFAR UM ESPAÇO DE MÚLTIPLAS TRAJETÓRIAS? **QUE TRAJETÓRIAS TRAÇA?** Errar o ponto para traçar trajetórias de um espaço e tempo e lugar e...

Uma neblina que desvanecia todas as formas limitadas, dando ao espaço outras condições de existência: chato, sem dimensões, opaco... Porém, essa mesma neblina oferecia a Marcovaldo a possibilidade de criar, como chama o autor, um filme ininterrupto que se entregava à escuridão, devorando a presença dos poucos *flashes* de luzes que habitavam as ruas fora daquela película de vidro do ônibus – também corroída pela neblina – que foi povoada pelas cores da Índia; Marcovaldo perdeu a conta das paradas, encontra-se no ponto errado.

cartografar como
dobrar provisório
montando processos
nismo no plano
de experiência

paisagens desejam uma cartografia? Que paisagens? PAISAGENS DESEJANTES?! *Que espaço inaugura a cartografia de uma paisagem?* **QUE PAISAGEM... QUE PAISAGEM... QUE PAISAGEM... PAISAGEM... PAISAGEM....?!**

Ao errar o ponto, Marcovaldo cria uma paisagem de múltiplas trajetórias, "[redacted] entre esquinas, reentrâncias, *bifurcações, pilastras,* o percurso de Marcovaldo seguia um DESENHO IRREGULAR; diversas vezes ele pensava que o muro [que estava a caminhar] tinha acabado e depois descobria que continuava noutra direção; **entre tantas viravoltas não sabia mais em que sentido estava virando**[redacted][1].

O espaço de trajetórias de Marcovaldo inventa uma paisagem de suas derivas, **um encontro com o acaso do espaço**. Os lugares não são os comumente conhecidos por Marcovaldo, OS CAMINHOS DEVÊM APENAS ALGUMAS FLECHAS LUMINOSAS DE DIREÇÕES (signos) ... errar o ponto é a possibilide de criar um espaço de trajetórias na eventulidade dos lugares. Marcovaldo está em **UM ESPAÇO DO ENCONTRO E DO NÃO-ENCONTRO.** *Tudo é coetâneo...* INESPERADO.

1 Textos borrados e corrompidos de Calvino (1994, p. 75).

Pois tal espaço implica o inesperado. O especificamente espacial do tempo-espaço é produzido por isso - algumas vezes por um acaso circunstancial, outra não: **arranjos-em-relação-um-com-o-outro**, que é o resultado da existência de uma multiplicidade de trajetórias. Em configurações espaciais, narrativas de outra forma não conectadas podem ser conduzidas a entrar em contato, ou **OUTRAS**, previamente conectadas, **DESCARTADAS**. Há sempre um elemento de "caos". Esse é o acaso do espaço.[1]

Errar o ponto implica o inesperado, a composição de uma paisagem, de um mapa, de uma grafia do espaço, de um real que não está no plano do "já conhecido". É entrar no desconhecido, na possibilidade do encontro...

Ao sair com as câmeras e máquinas nas mãos pelo Mandira, as crianças da EMEIF "Sítio Mandira" produzem **uma deriva espacial**. Em vez de fotografar os lugares comumente conhecidos historicamente (o "aqui") - **CASA DE PEDRA**, cachoeira, **mangue**, **sambaqui**, e... -, é produzido um pensar-com-corpo como um pensar-com-espaço, ao mesmo tempo em que é experimentada a eventualidade de um lugar **"A-MAIS"** que um "AQUI", mas um **"AQUI E AGORA"**; os aparelhos técnicos para capturar aquele presente da caminhada **engendram-se no corpo e faz-se pensamento**. Elas "perdem o ponto" - o da paisagem significada, "bela"- e derivam em uma experimentação de um lugar **entre** bifurcações, ESQUINAS, entranças e **reentranças**. O acaso do espaço é mostrado (apresentado) com uma experimentação corporal de "UM ALGO NOVO" EM MOVIMENTO. Nesses acasos, nessas eventualidades, o lugar não é fixo, mas um movimento constante, pois são parte das trajetórias (e as compõem).

Como em Marcovaldo, O "AQUI" É ALGO (SEMPRE) EM MOVIMENTO. Ele, por exemplo, poderia dizer: estou aqui, no muro... mas estar neste "aqui" não seria um "aqui" fixo, mas **um aqui em movimento**, COENGENDRADO ÀS EVENTUALIDADES DE UM LUGAR, ÀS TRAJETÓRIAS. "Então, o "aqui" é nada mais (e nada menos) do que o nosso encontro e o que é feito dele. **É, IRREMEDIAVELMENTE, AQUI E AGORA**. Não será o mesmo "aqui" quando não for mais agora"[2].

1 Operar roubo de Massey (2008, p. 165-166).

2 Operar roubo de Massey (2008, p. 201).

Nesse PLANO DA EVENTUALIDADE, de um acaso do espaço, as imagens, as fotografias, **tornam pensamento**, **GRAFIAS DE UM ESPAÇO EM UM LUGAR DA EVENTUALIDADE DE UMA MULTIPLICIDADE DE "mostragem"** dessas **UMA COETANEIDA-** uma vez, ***UM ESPAÇO***, um corpo (CRIA UM CORPO, e **não-humano**.

Marcovaldo, en- dade, cria, com suas tra- pre) de uma eventualidade um ''aqui'' e ''ali'' Com as câmeras nas



esquinas... com a câ- mãos entram em bifurca- representação e produ- uma ''mostragem **de um espaço aberto**. As chegadas em "certos" pontos é (sempre) a possibilidade LIDADE.



TRAJETÓRIAS. As imagens, então, são *multiplicidades de trajetórias*, de **DE DE PRÁTICAS**. Mais um lugar, é relacional a uma prática), HUMANO

tre o cinema e uma reali- jetórias, **paisagens** (sem- de um "AQUI E AGORA"... de sempre ''agora''. mãos, as crianças da EMEIF "Sítio Mandira" criam, também, PAI- SAGENS DE UMA DIMENSÃO DE TRA- JETÓRIAS MÚLTI- PLAS onde "aqui" e "ali" são sempre "agora"; coetâ- neos no caminhar. Produz ovos-do-tempo, que são linhas de um agora, linhas do tempo. Produz OVOS-DO-ESPA- ÇO, que são, também, linhas, traços de um espaco "aqui e agora" - trajetórias.

Os lugares são potên- cias de encontro, os cantos d e s e j o de



mera nas ções da z e m

do encontro com um acaso e UMA EVENTUA-

Assim, O ESPAÇO NÃO É O DEFINIDO POR PONTOS (OU RETAS), MAS POR UMA SIMULTANEIDADE DINÂMICA DE TRAJETÓRIAS...

Nesse espaço, "um limiar é ultrapassado, e não coincide, necessaria- mente, com um seguimento das linhas mais visíveis"[1].

1 Operar roubo em Deleuze (1998, p. 146).

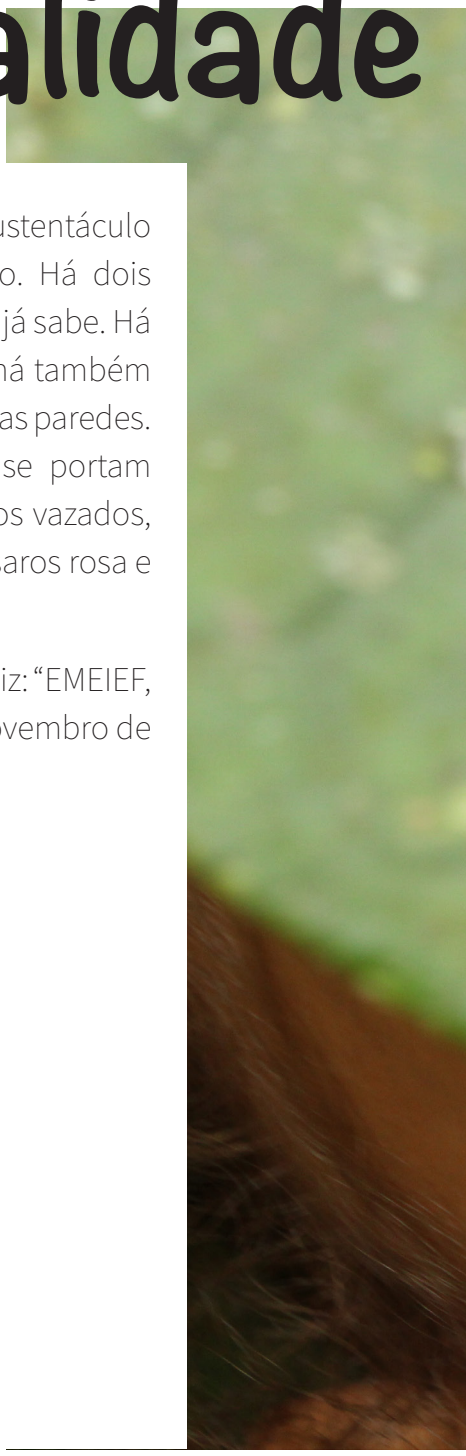
Se "aqui" é onde as narrativas espaciais se encontram, ou **formam configurações conjuntas de trajetó- rias que têm suas próprias temporalidades** (portan- to "agora" é tão problemático quanto "aqui"). Mas onde as suces- sões de encontros, as **aculações das tramas e encontros formam** [grafias de um lugar-espaço-tempo]. São os retor- nos (o meu, o dos pássaros) e a própria diferenciação de temporalidades que proporcionam CONTINUIDADE. Mas os **retornos são sempre um lugar que se transformou**, as camadas de nosso encontro interceptando e afetando um ao outro, a **tessitura de um processo de espaco-tempo**. CAMADAS COMO ADI- ÇÃO DE ENCON- TROS. Assim, algo que po- de- ria ser chamado de "lá" e que, desse modo, está im- plicando no aqui e agora. "Aqui" é imbricador de [encontros], grafias (seu nos quais **a espacialidade dessas** então, tanto quanto seu aqui) está, inescapavelmente, entrelaçada. As próprias interconexões são parte da construção de identidades [redacted] ".[1]





1 Textos borrados e corrompidos de Massey (2008, p. 201-202).

Uma eventualidade



Se olhar para as paredes, não as verá apenas como um sustentáculo deste lugar, mas também como exposição, ex-posição. Há dois quadros, negros como você conhece. Pálidos como você já sabe. Há muitas outras coisas: cartazes, avisos, desenhos, atividades... há também um alfabeto numérico e um abecedário – estáticos – pregados nas paredes. Alguns desenhos são marcados pela sua simetria, outros se portam descompromissados até com o fim da folha; se veem os traços vazados, os riscos atravessados. Há cavalos amarelos e laranjas; há pássaros rosa e vermelhos.

Os quadros não dizem muitas coisas; mentira, o quadro diz: "EMEIEF, Sítio Mandira". Um pouco abaixo, diz mais: "Cananeia, 03 de Novembro de 2016" e, abaixo disso, "Nome:".

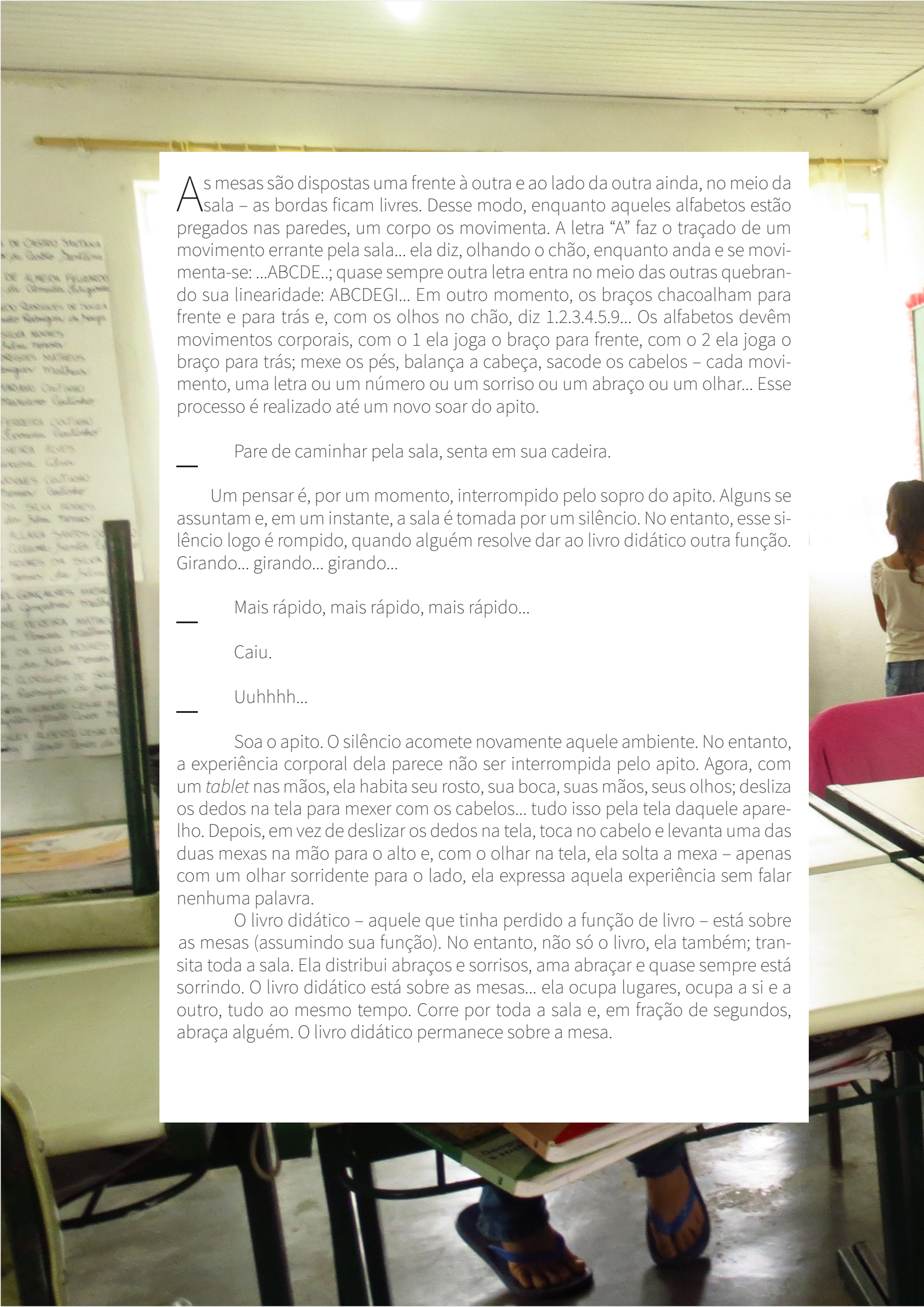
– Hoje é sexta-feira; uma voz sai do meio.

– Sexta-feira?! Outra atravessa o alvoroço da sala.

– Nããããooo, hoje é quinta-feira; soa o apito do professor.

– Que falta de atenção; continua dizendo.





As mesas são dispostas uma frente à outra e ao lado da outra ainda, no meio da sala – as bordas ficam livres. Desse modo, enquanto aqueles alfabetos estão pregados nas paredes, um corpo os movimenta. A letra "A" faz o traçado de um movimento errante pela sala... ela diz, olhando o chão, enquanto anda e se movimenta-se: ...ABCDE..; quase sempre outra letra entra no meio das outras quebrando sua linearidade: ABCDEGI... Em outro momento, os braços chacoalham para frente e para trás e, com os olhos no chão, diz 1.2.3.4.5.9... Os alfabetos devêm movimentos corporais, com o 1 ela joga o braço para frente, com o 2 ela joga o braço para trás; mexe os pés, balança a cabeça, sacode os cabelos – cada movimento, uma letra ou um número ou um sorriso ou um abraço ou um olhar... Esse processo é realizado até um novo soar do apito.

— Pare de caminhar pela sala, senta em sua cadeira.

Um pensar é, por um momento, interrompido pelo sopro do apito. Alguns se assuntam e, em um instante, a sala é tomada por um silêncio. No entanto, esse silêncio logo é rompido, quando alguém resolve dar ao livro didático outra função. Girando... girando... girando...

— Mais rápido, mais rápido, mais rápido...

Caiu.

— Uuhhhh...

Soa o apito. O silêncio acomete novamente aquele ambiente. No entanto, a experiência corporal dela parece não ser interrompida pelo apito. Agora, com um *tablet* nas mãos, ela habita seu rosto, sua boca, suas mãos, seus olhos; desliza os dedos na tela para mexer com os cabelos... tudo isso pela tela daquele aparelho. Depois, em vez de deslizar os dedos na tela, toca no cabelo e levanta uma das duas mexas na mão para o alto e, com o olhar na tela, ela solta a mexa – apenas com um olhar sorridente para o lado, ela expressa aquela experiência sem falar nenhuma palavra.

O livro didático – aquele que tinha perdido a função de livro – está sobre as mesas (assumindo sua função). No entanto, não só o livro, ela também; transita toda a sala. Ela distribui abraços e sorrisos, ama abraçar e quase sempre está sorrindo. O livro didático está sobre as mesas... ela ocupa lugares, ocupa a si e a outro, tudo ao mesmo tempo. Corre por toda a sala e, em fração de segundos, abraça alguém. O livro didático permanece sobre a mesa.



Com o *tablet* nas mãos e a boca na tela, olhos abertos, ela experimenta "sis", ou melhor, a pluralidade de movimentos que pode inventar e como esse corpo-espaço-corpo vai se compondo, criando novas corporalidades; uma produção topológica de afirmação de vidas enquanto experiência de um dentro e fora que não são preexistentes e tampouco antagônicos, mas que diz de um movimento produzido por relações afetivas; de um caminhando que, na processualidade do acontecimento, vai se dobrando e desdobrando produzindo emaranhados de cortes no espaço, cortes a-simétricos.

Ainda com o aparelho nas mãos, ela gira, segurando-o bem forte, e com o olho estatelado, vê o corpo-espaço-corpo girando, girando, girando... Ela fica tonta, então, senta-se no chão e descansa por um segundo; no entanto, ela precisa se assegurar de que esse espaço movimenta-se, porque ela se movimenta; o corpo não está separado desse espaço e o mesmo não é preexistente, mas imanente aos movimentos do desejo, são contemporâneos. Corpo-espaço-corpo não diz de um lugar daquele que transcende de um dentro para um fora ou de um fora para um dentro, mas de um aqui e agora que é inventado no ato – são conexões variáveis que dissolvem o ruído do apito, criando um corpo-espaço-corpo no limiar.

Desse modo, ela vai experimentando modos-outros de pensar junto a uma multiplicidade de conexões corporais; modos que dissolvem os regimes de disciplinarização do corpo, as marcas do apito. Modos de descolonização dos afetos em um espaço intersticial, onde são operadas resistências aos modelos totalitários e estruturais da vida, o corpo como lugar do acontecimento, de uma eventualidade, de uma resistência, de uma arte, de uma vida, de um pensar. É um pensar-com-corpo como um pensar-com-espaço. Ressalto, no entanto, que o saber-do-corpo e o saber-do-espaço não são "coisas" antagônicas, mas imanentes e simultâneas. Quer dizer, pensar a partir de um saber-do-corpo, aqui, é experimentar na superfície do corpo a espacialidade dos modos de existência e resistência.

Assim, cartografar é compor o traçado desses movimentos caóticos do corpo, são produções do corpo enquanto superfície imanente da experimentação, criando possíveis, em um entre-lugar interstício – lugar de passagem dos afetos – que se realiza alisando espaços estriados e se constitui em um pensar com corpo e com espaço; produzir um saber com experiências e agenciamentos transversais que rompem com os dualismos – como o hilemorfismo que separa forma e matéria; ou os que separam sujeito e objeto, indivíduo e ambiente etc.

MÁQUINA DE ESCREVER
um breve desabafo sobre cartografia

Um pensar-com-corpo, como um pensar-com-espaço, vai se reconfigurando ao mesmo tempo em que as forças se redistribuem em um plano de experiência e trajetórias que conectam, topologicamente, um fora e um dentro. Se há um pensar-com-corpo produzido numa esfera relacional, onde formas e forças são indissociáveis, há também um pensar-com-espaço - indissociável, ao mesmo modo, do corpo.

Em Novos Povoamentos, Suely Rolnik mencionou que um pensar a partir de um saber-do-corpo (ou saber-dos-afetos) é um pensar com as forças do mundo que atravessam nosso corpo. No entanto, essas forças não são uma relação do ser com o mundo pautada por uma dialética, ou por um materialismo dialético e histórico, que produz uma lógica relacional com o lugar, mas de um encontro com o mundo (e, eu diria com um lugar-espaço-tempo).

Aqui, nesta dissertação de mestrado, a experimentação de uma comunidade quilombola produz uma "mostragem" de um lugar-espaço-tempo que é, ao mesmo tempo, um pensar-com-espaço; produzir uma geografia operatória do traço. E essa experimentação de uma comunidade quilombola - que produz uma "mostragem" de um espaço - é uma composição de corpografias, geo-grafias, gesto-grafias, foto-grafias, topografias e... (como escrito, de gentes das ribeiras dos vales). Isso está conectado com o que Doreen Massey chama de espaço, uma coetaneidade de trajetórias, uma contemporaneidade...

Apesar de muitos defenderem que a cartografia é uma metodologia de pesquisa, um modo de analisar a produção de dados etc., "compactuo" com a ideia de que ela deixa rastros. No entanto, do mesmo modo que a experimentação de um lugar implica uma deriva no acaso do espaço, na eventualidade desse lugar, para mim, ela - a cartografia, como um traçado dessas trajetórias coetâneas - é inventada junto a uma experimentação.

Desse modo, acredito que (metodologicamente) uma pesquisa cartográfica pode nos oferecer "ferramentas" para exercitar um corpo para a experimentação - para a produção de uma realidade -, um exercício. O que não significa que esse corpo estará preparado, pronto, para as derivas que o espaço pode operar. Ela, o que chamo de cartografia, é a composição da pesquisa que aqui é apresentada, mas não um "método" de pesquisa, de experimentar, de produzir

dados, de analisar etc. Aqui, cartografia é uma "atitude".

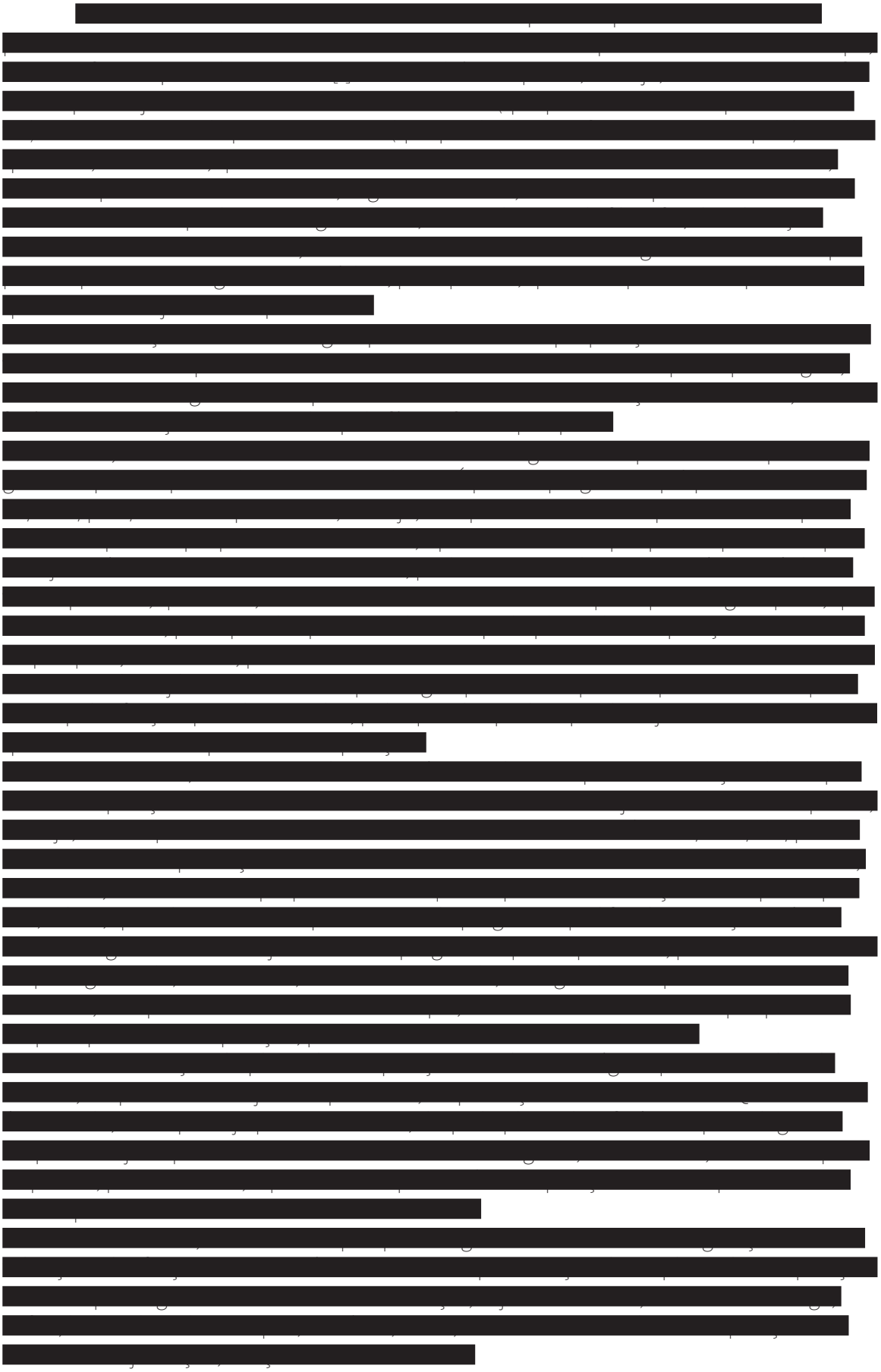
Sendo ela essa coetaneidade de uma multiplicidade de trajetórias que compõem um lugar-espaço-tempo, a cartografia não "é"; com ela é inaugurada uma experiência. Ela é coetânea à própria composição e experimentação.

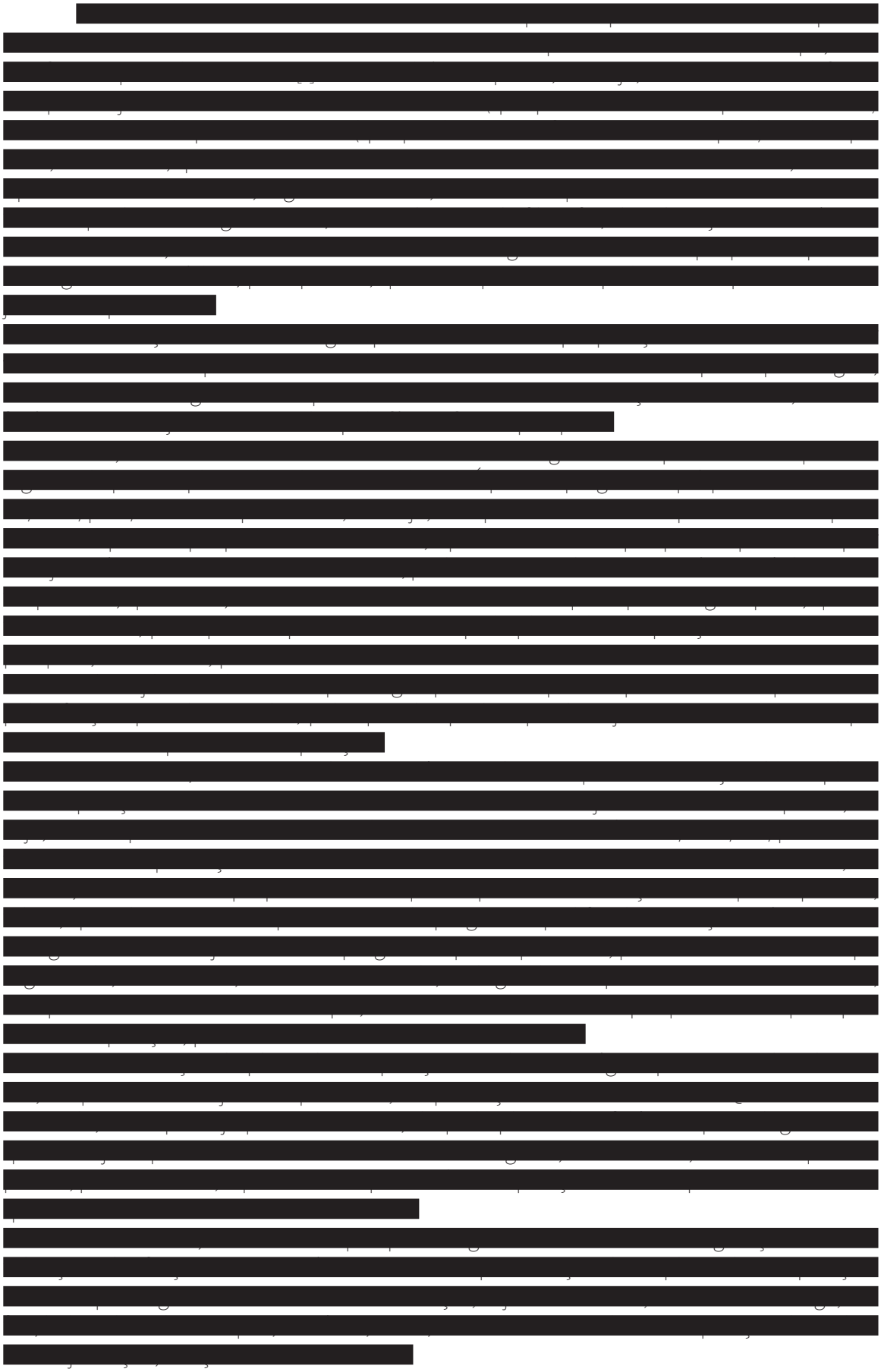
Portanto, aqui, a cartografia é uma experimentação da pesquisa (a produção dela) e não um "método" a ser defendido com referenciais. Se aqui se encontram rastros, eles são de um espaço de múltiplas trajetórias, de uma eventualidade dos lugares, de um acaso do espaço, de uma duração do tempo, e não de uma metodologia a ser seguida. Aqui, a cartografia não é seguida como forma de fazer pesquisa. Exercita-se seguir, apenas, à deriva, com desvios, com experimentações.

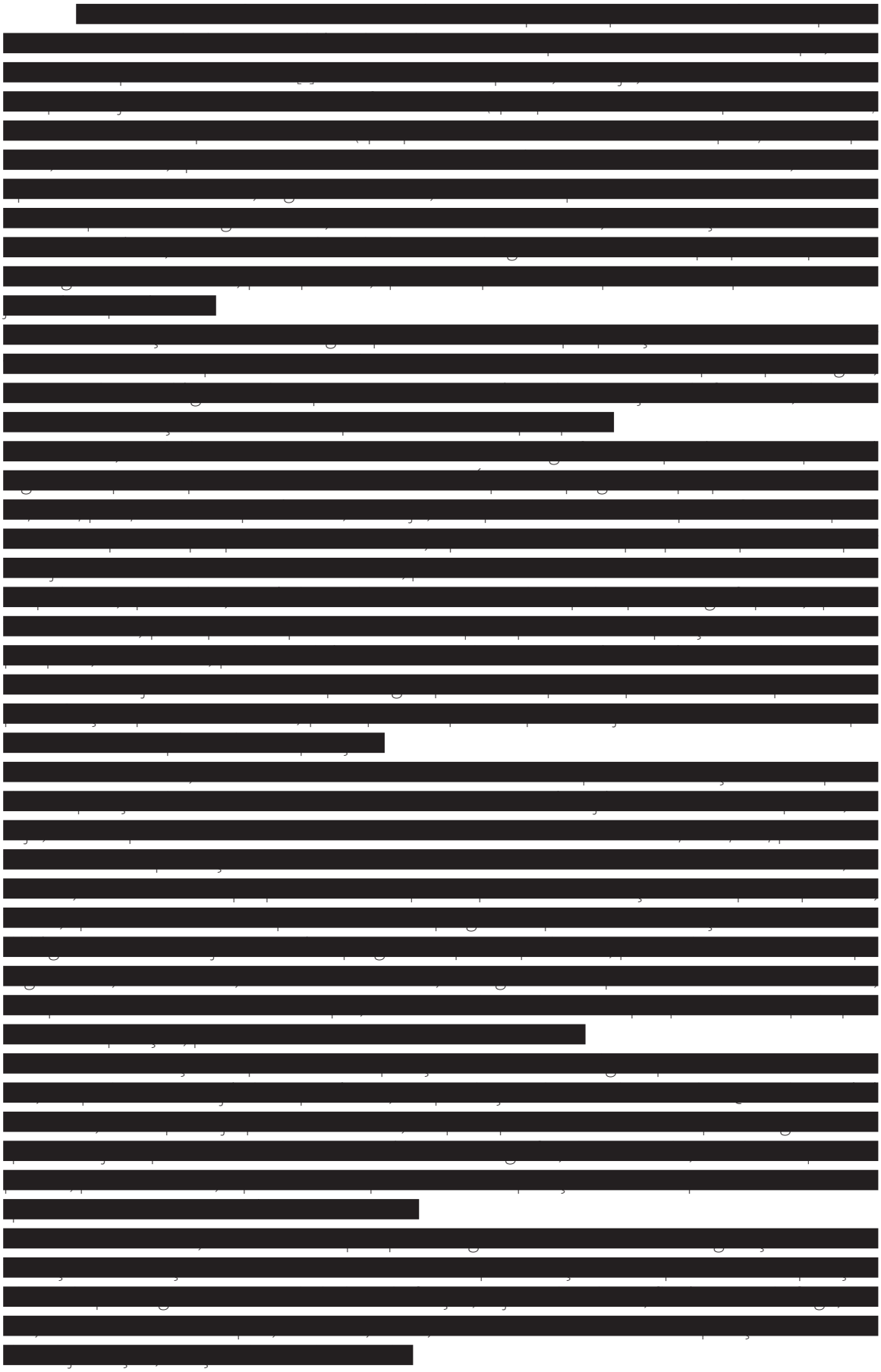
Obviamente isso não torna esta cartografia melhor que as que seguem rastros de um "método" (ou de um modo de fazer) pesquisa. Trata-se,tão somente, de outra coisa... Não é a cartografia (como metodologia) que está em jogo nesta pesquisa; não se trata de seguir seus pressupostos teóricos (seus fundamentos), mas de seguir singularidades de uma comunidade quilombola para produzir uma "mostragem" de um lugar-espaço-tempo.

Por fim, defendo uma cartografia inventada na coetaneidade de uma experimentação de uma multiplicidade de trajetórias, uma cartografia do acaso, da eventualidade; inventada em um "aqui e agora". Posso dizer que todas as minhas tentativas de pensar "a" cartografia antes (ou separada) da experimentação resultou em um exercício que não é o mesmo aqui apresentado.

~~Carta-concessão:~~







[redacted] E ~~RISCADOS~~ E ROUBADOS E CORROMPIDOS

AGAMBEM, Giorgio. **A comunidade que vem**. Tradução e notas de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

ANDRADE, Anna Maria, TATTO, Nilto. **Inventário cultural de quilombos do Vale do Ribeira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

BACHELARD, Gaston. **La poética del Espacio**. Tradução de Ernestina de Champourcin. Buenos Aires: FCE, 2000.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimômio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/279736.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2015.

CALVINO, Italo. **Marcovaldo ou As estações na cidade. Trad**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**. DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. 2. ed. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. 2. ed. v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. 2. ed. v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012e.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** 3. ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. 2. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **La subjetivación:** curso sobre Foucault III. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

GIRARDI, Gisele. **Mapas desejantes:** uma agenda para a Cartografia Geográfica. ProPosições, Campinas , v. 20, n. 3, p. 147-157, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103730720090003000010&ln-

g=en&nrm=iso>. Acessado em: 18 Out. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S010373072009000300010.

GOUVEIA, José Mariano Caccia. **A métrica da sustentabilidade na perspectiva da Geografia:** aplicação e avaliação do Painel da Sustentabilidade (Dashboard of Sustainability) na Comunidade Quilombola do Mandira – Cananéia/SP. Tese de Doutorado (Departamento de Geografia da FFLCH), Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010, 389p.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório técnico-científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de quilombo de Mandira/ Cananéia-SP**. São Paulo: Itesp, 2002.

KASTRUP, Virgínia. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, Dez. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 20 Jan. de 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000400010.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo: Hamburg Ltda, 1976.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira:** romances. Organização, introduções e apresentações de José Castello. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **Escolas técnicas agrícolas e educação matemática:** história, práticas e marginalidade. 2007. 265 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo:** um exame da década de 1960. 2012. 379 p. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Laudo antropológico:** comunidades negras de Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Sapatu, Nhunguara, André Lopes, Maria Rosa e Pilões.

Superpovoado por movimentos aberrantes ou

Um encontro com água, um encontro com vento, um encontro uma felicidade; sempre um encontro ou

Um acaso e uma eventualidade nos aliou ou

Vale do Ribeira de Iguape – SP. São Paulo: MPF, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Paulo César de Souza. Editora Companhia das Letras, 2011.

NUNES, Clara. **Canto das 3 raças**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dcVKb2ht6BE> . Acessado em: 12 Fev. 2015.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Grafar o espaço, educar os olhos:** rumo a geografias menores. Pro-Posições, Campinas , v. 20, n. 3, p. 17-28, Dec. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072009000300002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 30 Out. de 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000300002.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **A educacão visual dos mapas**. Revista Geográfica de América Central, [S.l.], v. 2, n. 47E, feb. 2012. ISSN 2215-2563. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2613/2496>. Acessado em: 20 out. 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílian da. (orgs). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PRECIOSA, Rosane. **Escrever/Balbuciar**. Cadernos de Subjetividade. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUCSP. Dezembro, 2010.

QUILOMBOS DO RIBEIRA. **Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira**. [2011]. Disponível em: <http://www.quilombosdoribeira.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2015.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. 2. ed. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

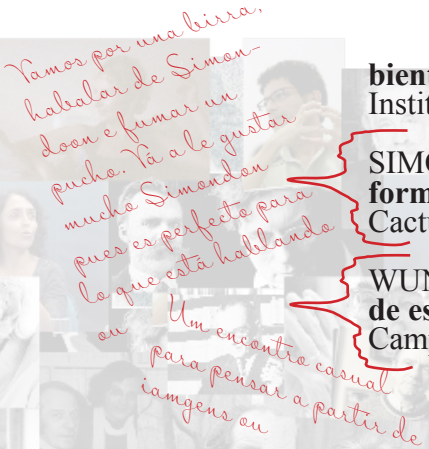
ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2 ed., Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir:** uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividade: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-51, fev./set. 1993.

ROLNIK, Suely. **Novos Povoamentos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3DX65xU5i8o&t=558s>. Acessado em: 30 Out. 2016.

RUSHDIE, Salman. **Os versos satânicos**. Tradução de Misael Dursan. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Kátia M. Pacheco; TATTO, Nilto. **Agenda socioam-**



biental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2008.

SIMONDON, Gilbert. **La individuación a la luz de las nociones de forma y información**. Buenos Aires: Ediciones La Cebra y Editorial Cactus, 2009.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias, o acontecimento por fotografías de escola**. 2008. 120p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Notas

i - Trata-se de um evento acadêmico, que nasceu a partir dos percursos do Núcleo de Subjetividade da PUC/SP com intuito de unir forças em prol dos movimentos germinais constituídos por cinco GT's – povos que querem juntar. O evento foi realizado na PUC/SP nos dias 29 e 30 de setembro de 2016 e as produções podem ser acessadas em: http://novospovoamentos.wixsite.com/novospovoamentos.

ii - Essa disciplina fez parte da categoria de disciplinas "Tópicos Especiais" do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, ministrada pela Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Clareto, no primeiro semestre de 2015.

iii - A noção de marginalidade é um tanto quanto complexa para ser tratada, pois, aparentemente, pode nos parecer uma questão apenas geográfica e social. No entanto, apesar de tomar o território de quilombo e o próprio quilombola como marginalizados – o que nos é aparente historicamente e geograficamente – me parece bastante profícuo o modo como Martins-Saladim (2007; 2012) opera com o conceito de marginalidade, ou seja, ela se mostra não como algo estático ou fixo, mas como algo dinâmico. Essa dinamicidade, talvez – e é o que me parece em seus trabalhos – vai se transmutando junto às relações de forças que ora se mantém e ora não se mantém nos entre-lugares; em suas palavras, as "marcas de marginalidade são plásticas, reconfiguram-se." (MARTINS-SALADIM, 2012, p. 328). Se aqui estou falando de alguma marginalidade, com certeza não é a mesma de que fala Martins-Saladim (2007; 2012), pois é um outro *plano* de marginalização, de outra comunidade que singulariza e produz suas diferenças de modos-outros. No entanto, como eu disse, sua noção de marginalidade é um tanto profícua para que possamos pensar como os processos de marginalização (ou seus processos de (re)configuração) vão se movimentando junto às relações de forças dentro dos territórios, fora dos territórios e entre-territórios (região que, mais adiante, chamarei de *fronteiriça*, pois as marginalidas vão (re)configurando-se em regiões fronteiriças da comunidade quilombola).

iv - O Grupo de Estudos Mil Platôs não foi um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. No entanto, tratava-se de um grupo que reuniu, por algum tempo, alunos da pós-graduação (mestrandos e doutorandos), professores, pós-doutorandos, com uma leitura atravessada pela Filosofia da Diferença. Por não ser um grupo institucional, carregou a marca *inter* em sua constituição, onde aquele que se sentisse convidado era bem-vindo. Os encontros foram realizados nos 1.º e 2.º semestres de 2015, e 1.º semestre de 2016, no Departamento de Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", sob o acompanhamento da Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Clareto e do Prof. Dr. Roger Miarka.

Créditos das imagens

p. 36 - Homem em sua solidão superpovoada. Imagem do artista visual Susano Correia. Essa imagem foi produto de um encontro perdido em restos de mim mesmo, rabiscados nos "bate papos" pessoais produzidos com o artista.

p. 37 - Imagem que compõe o pano de fundo são poesias-pele da poeta Germana Zanettini. Poemas: Germana Zanettini Modelo: Germana Zanettini Fotos: Thiago Cruz/ Dois. Fotodesign.

Nas demais páginas, algumas imagens são de Diego Gondim, exemplo: as da Feira de Troca de Sementes. No entanto, as fotografias que transbordam todo o texto foram produzidas pelas crianças da EMEIF "Sítio Mandira", em um projeto realizado por Diego Gondim, Andreia Jardim e Maria Fernanda Carvalho. Esse projeto, "Foca Mandira", foi realizado com todas crianças da EMEIF "Sítio Mandira" e tinha por objetivo produzir imagens das espacialidades que compõem a comunidade.

Agenciamentos Éticos

https://drive.google.com/open?id=1Fu8MVZqCEOnyrWnA6xrr8ATtcaq1DW5r

